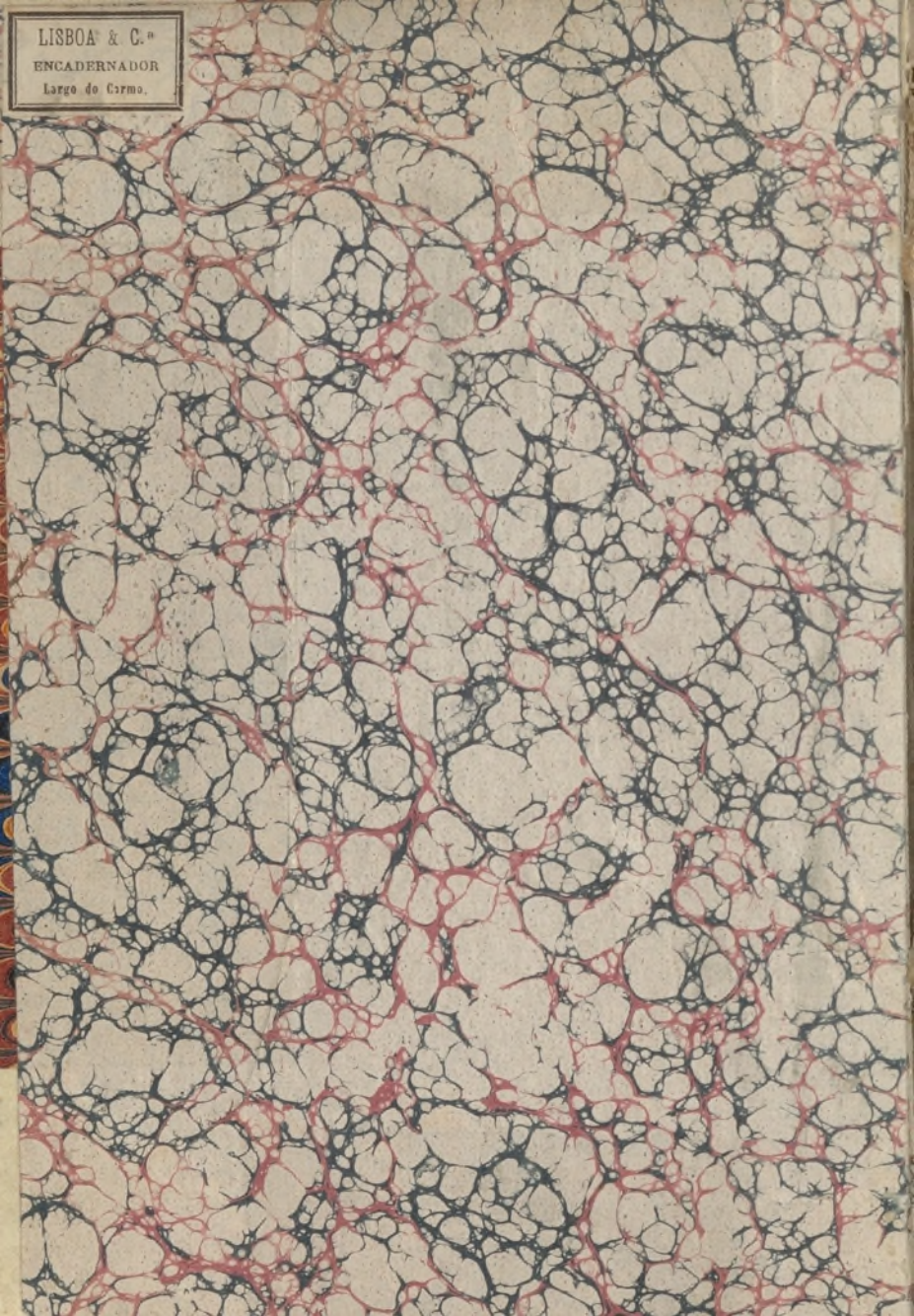


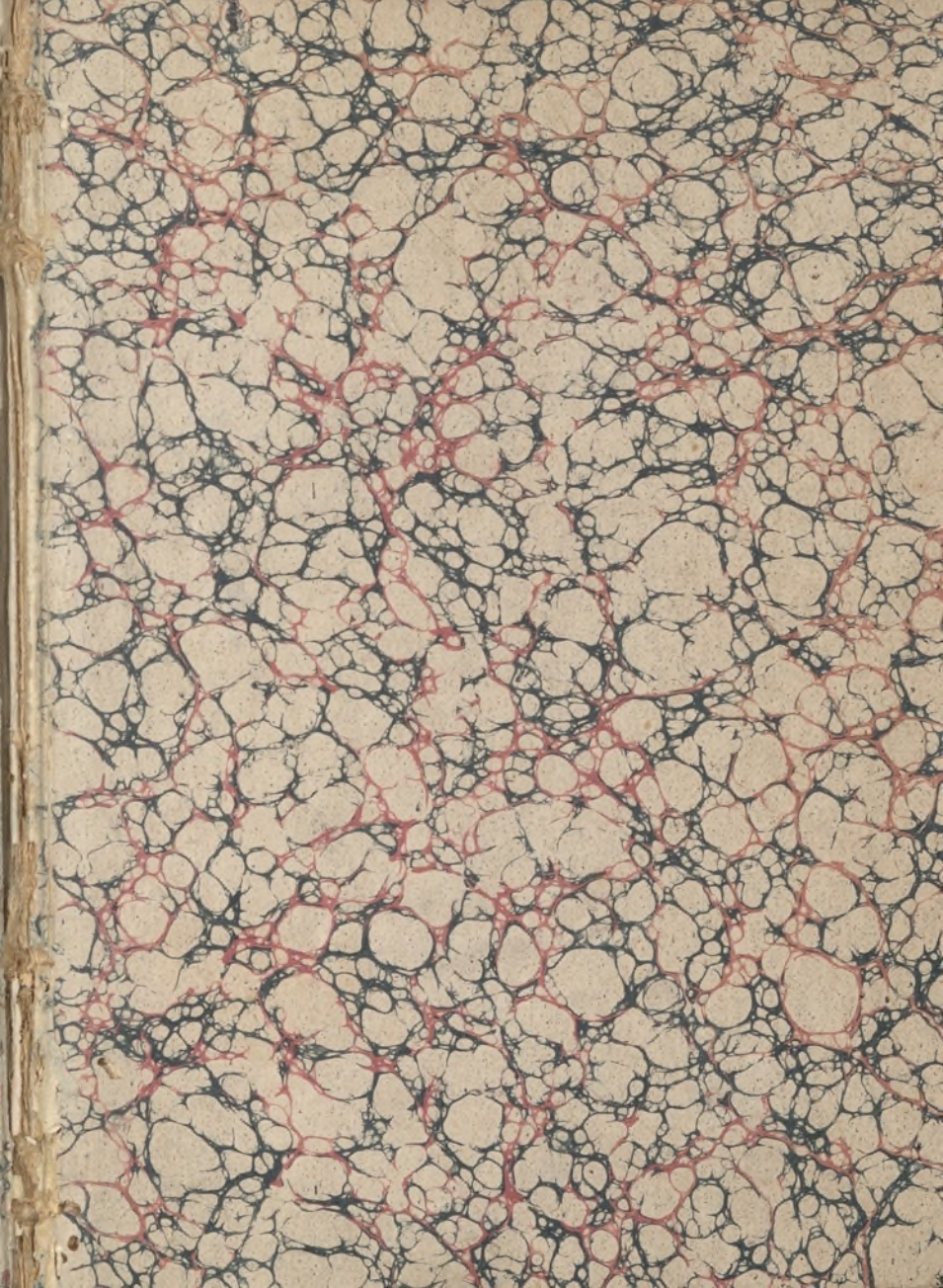


LISBOA & C.^o

ENCADERNADOR

Largo do Carmo.





Page 29

of 29

Trimas
De Sris de Camices.
Quinta Parte

Acrescentadas nesta quinta impressão.

Dirigidas a D. Gonçalo Cortincho.



Em Lisboa. Com todas as licenças necessárias.

Por Vicente Alvariz. Anno 1814.

A custa de Domingos Fernandes, mercador de livros.
Com Privilegio Real.



SONETO 16.

Quem vé senhora claro, & manifesto
 O lindo ser de vossos olhos bellos, *ainda.*
 Se não perder a vista só em vellos,
 Ia não paga o que deue a vosso gesto.
 Este me parecia preço honesto,
 Mas eu por de ventagem merecellos
 Dey mais a vida, & alma por querellos
 Donde ja me não fica mais de resto.
 Assi qu'a vida, & alma, & esperança,
 E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
 E o proueito disso eu só o leuo:
 Porqu'he tamanha bemaumenturança
 O daruos quanto tenho, & quanto posso,
 Que quanto mais vos pago, mais vos deuo.

SONETO 17.

Quando da bella vista, & doce riso,
 Tomando estão meus olhos mantimêto
 Tão enleuado sinto o pensamento
 Que me faz ver na terra o parayso.
 Tanto do bem humano estou diuiso,
 Que qualquer outro bem, julgo por vento
 Assi qu'em caso tal, segundo sento
 Aflaz de pouco faz quem perde o siso.
 Em vos louuar senhor a não me fundo,
 Porque quem vossas cousas claro sente
 Sentirá, que não pode conhecellas.
 Que de tanta estranheza sois ao mundo,
 Que não he d'estranhar dama excellente
 Que quem vos fez, fizesse c'eo, & est'bellas.

Sonetos

SONETO 18.

DOces lembranças da passada gloria,
 Que me tirou fortuna roubadora,
 Deyxayme repoufar em paz hum' ora,
 Que comigo ganhais pouca victoria.
 Impressa tenho n'alma larga historia
 Deste passado bem que nunca fora,
 Ou fora, & não passara, mas ja agora
 Em mim não pode auer mais qu'a memoria.
 Viuo em lembranças, mouro d' esquecido
 De quem sempre deuera ser lembrado,
 Se lhe lembrara estado tão contente:
 Ó quem tornar podera a ser nascido.
 Souberame lograr do bem passado,
 Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO 19.

ALma minha gentil, que te partiste
 Tão cedo desta vida descontente,
 Repousa lá no ceo eternamente,
 E viua eu cá na terra sempre triste;
 Se lá no assento Ethereo, onde subiste
 Memoria desta vida se consente,
 Não t'esqueças daquelle amor ardente
 Que ja nos olhos meus tão puro viste.
 E se vires que pode merecerte
 Algũa cousa a dor que me ficou
 Da magoa sem remedio de perderte,
 Roga a Deos que teus annos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leue a verte,
 Quão cedo de meus olhos te leuou.

SONETO 20.

Nim bosque que das Nymphas se habitaua
 Sybila Nympha linda andaua hum dia,
 E subida nũa aruore sombria,
 As amarellas flores apanhaua.
 Cupido que alli sempre costumaua
 A vir passar a festa á sombra fria.
 N'hum ramo o arco, & settas que trazia,
 Antes que adormeceffe penduraua.
 A Nympha como idoneo tempo vira
 Para tamanha impresa, não dilata,
 Mas com as armas foge ao moço esquiuo.
 As settas traz nos olhos, com que tira:
 Ó pastores fugi, que a todos matta,
 Senão a mim, que de mattar me viuo.

SONETO 21.

OS Reynos, & os Imperios poderosos
 Que em grãdeza no mundo mais crescerão
 Ou por valor de esforço florecerão,
 Ou por varões nas letras espantosos.
 Teue Grecia Themistocles, famosos
 Os Scipiões a Roma engrandescerão,
 Doze Pares a França gloria derão,
 Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
 Ao nosso Portugal (que agora vemos
 Tão diferente de seu ser primeiro)
 Os vossos derão honra, & liberdade.
 em vos grão successor, & nouo herdeiro.
 Do Braganção estado, ha mil extremos
 Iguaes ao sangue, & mões que a idade.

Sonetos

SONETO 22.

DE vos m'aparto (ò vida) em tal mudança,
 Sinto viuo da morte o sentimento,
 Não sey pera qu'he ter contentamento,
 Se mais ha de perder quem mais alcança?
 Mas douuos esta firme segurança,
 Que posto que me matte meu tormento
 Pollas agoas do eterno esquecimento
 Segura passará minha lembrança.
 Antes sem vos meus olhos se entristeção,
 Que cõ qualquer cous'outra se contentem,
 Antes os esqueçaes, que vos esqueção.
 Antes nesta lembrança se atormentem,
 Que com esquecimento desmereção
 A gloria que em soffrer tal pena sentem.

SONETO 23.

CHara minha enemiga, em cuja mão
 Pos meus contentamentos a ventura,
 Faltoute a ti na terra sepultura,
 Porque me falte a mim consolação.
 Eternamente as agoas lograrão
 A tua peregrina fermosura,
 Mas em quanto me a mim a vida dura,
 Sempre viua em minh'alma t'acharão;
 E se meus rudos versos podem tanto,
 Que possaõ prometer-te longa historia
 Daquelle amor tão puro, & verdadeiro;
 Celebrada feras sempre em meu canto,
 Porque em quanto no mundo ouuer memoria,
 Será minha escriptura teu letreiro.

SONETO 24.

A Quella triste, & leda madrugada,
 Chea toda de magoa, & de piedade,
 Em quanto ouuer no mundo saudade
 Quero que seja sempre celebrada.
 Ella sò, quando amena^{nte} marchetada
 S'aya, dando ao mundo claridade,
 Vio apartarse d'hũa outra vontade,
 Que nunca poderá verse apartada.
 Ella sò vio as lagrimas em fio,
 Que d'hūs, & d'outros olhos dirijadas
 S'acrescentarão em grande, & largo rio;
 Ella vio as palauras magoadas,
 Que poderão tornar o fogo frio,
 E dar descanso às almas condenadas.

SONETO 25.

SE quando vos perdi minha esperança
 A memoria perdera juntamente,
 Do doce bem passado, & mal presente,
 Pouco sentira a dor de tal mudança.
 Mas amor em quem tinha confiança,
 Me representa muy miudamente
 Quantas vezes me vi ledo, & contente,
 Por me tirar a vida esta lembrança.
 De cousas de que não avia final,
 Por as ter postas ja em esquecimentõ
 Deus me vejo agora perseguido;
 Nura estrellã minha! ah gran tormẽto!
 Que mal pode ser môr, que no meu mal
 Ter lembrança do bem que he ja perdido?

SONETO 26.

EM fermosa Lethea se confia,
 Por onde a vaydade tanta alcança,
 Que tornada em soberba a confiança
 Com os Deoses celestes competia,
 Porque não fosse auante esta oufadia,
 (Que nascem muitos erros da tardança)
 Em effeito puserão a vingança,
 Que tamanha doudice merecia.
 Mas Oleno perdido por Lethea,
 Não lhe soffrêdo amor que sopportasse
 Gastigo duro tanta fermosura,
 Quis padecer em si a pena alhea,
 Mas porque a morte amor não apartasse
 Ambos tornados são em pedra dura.

SONETO 27.

MAles que contra mim vos conjurastes,
 Quanto ha de durar tão duro intêro?
 Se dura, porque dura meu tormento,
 Basteuos quanto ja me atormentastes.
 Mas se assi perfiæes, porque cuidastes
 Derrubar meu tão alto pensamento?
 Mais pode a causa d'elle, em qu'o fostêto
 Que vos, que della mesma o ser tomastes.
 E pois vossa tenção com minha morte
 Ha de acabar o mal destes amores,
 Day ja fim a tormento tão comprido;
 Porque d'ambos contente seja a sorte,
 Vos porque me acabastes, vencedores,
 E eu, porque acabei, de vos vencido.

De Luis de Camões.

SONETO 28.

Estase a Primavera trasladando
 Em vossa vista deleitosa, & honesta,
 Nas lindas faces, olhos, boca, & testa,
 Boninas, lyrios, rosas debuxando.
 De sorte vosso gesto matizando
 Natura quanto pode manifesta,
 Qu' o monte, o campo, o rio, & a floresta,
 Se estão de vos senhora namorando.
 Se agora não quereis que quem vos ama
 Possa colher o fruto destas flores,
 Perderão toda a graça vossos olhos,
 Porque pouco aprouceita linda dama,
 Que semeasse amor em vos amores,
 Se vossa condição consente abrolhos.

SONETO 29.

Sete annos de pastor Jacob seruia
 Labão, pay de Rachel, serrana bella,
 Mas não seruia ao pay, seruia a ella,
 Qu' ella sò por premio pretendia,
 Os dias na esperança de hum sò dia
 Passaua, contentandose com vella.
 Porem o pay usando de cautella,
 Em lugar de Rachel, lhe daua Lya.
 Vendo o triste pastor que com enganos
 Lhe fora assi negada sua pastora,
 Não se a não tuera merecida:
 Começa de servir outros set' annos,
 Dizendo: Mais seruirei, senão fora
 Pera tão longo amor tão curta a vida.

Sonetos

SONETO 30.

Estã o lasciuo, & doce passarinho
 Com o biquinho as penas ordenando
 O verso sem medida alegre, & brando,
 Espedindo no rustico raminho.
 O cruel caçador (que do caminho
 Se vem calado, & manso, desviando)
 Na pronta vista a seta endereitando,
 Em morte lhe com arte o charo ninho.
 Dest'arte o coração que liure andava,
 (Posto que ja de longe destinado)
 Onde menos temia foy ferido.
 Porque o frecheiro cego m'esperava,
 Pera que me tomasse descuidado,
 Em vossos claros olhos escondido.

SONETO 31.

Pede o desejo (dama) que vos veja,
 Não entende o q' pede, estã enganado,
 He este amor tão fino, & tão delgado,
 Que quem o tem não sabe o q' deseja,
 Não ha cousa a qual natural seja,
 Que não queira perpetuo seu estado,
 Não quer logo o desejo o desejado,
 Porque não falte nunca onde sobreja.
 Mas este puro affeito em mim se dannã,
 Que como a graue pedra tem por arte
 O centro desejar da natureza.
 Assim o pensamento (polla parte
 Que vay tomar de mim terreste humanã)
 Foy senhora pedir esta baixeza.

SONETO 32.

Porque quereis senhora que offereça
 A vida a tanto mal como padeço?
 Se vos nasce do pouco que mereço,
 Bem por nascer está quem vos mereça.
 Sabey que em fim por muito que vos peça,
 Que posso merecer quanto vos peço,
 Que não consent' amor qu' em bayxo preço
 Tão alto pensamento se conheça.
 Assi que a paga igual de minhas dores,
 Com nada se restaura, mas deueisma,
 Por ser capaz de tantos disfaoures.
 E se o valor de vossos seruidores
 Ouuer de ser igual com uosco mesma,
 Vos só conuosco mesma anday d'amores.

SONETO 33.

Se tanta pena tenho merecida
 Em pago de soffrer tantas durezas,
 Prouay senhora em mim vossas cruezas,
 Que aqui tendes hũa alma offerecida.
 Nella experimentay se fois seruida,
 Desprezos, disfaoures, & asperezas,
 Que móres soffrimentos, & firmezas
 Sustentarey na guerra desta vida.
 Mas contra vossos olhos quaes serão?
 Forçado he que tudo se llic renda,
 Mas porey por escudo o coração.
 porque em tão dura, & aspera contenda,
 He bem que pois não acho defenção,
 Com me meter nas lanças me defenda.

Sonetos

SONETO 34.

Q Vando o Sol encuberto vay mostrando
 Ao mundo a luz quieta, & duuidosa,
 Ao longo d'hũa praya delectosa,
 Vou na minha inimiga imaginando.
 Aqui a vi os cabellos concertando,
 Alli co a mão na face, tão fermosa,
 Aqui falando alegre, alli cuidosa,
 Agora estando queda, agora andando.
 Aqui esteue sentada, alli me vio,
 Erguendo aquelles olhos tam isentos,
 Aqui mouida hum pouco, alli segura;
 Aqui se entristeece, alli se rio,
 Em fim nestes cansados pensamentos
 Passo esta vida vaã, que sempre dura.

SONETO 35.

H Um mouer d'olhos brando & piedoso;
 Sem ver de que, hũ riso brando, & honesto.
 Quasi forçado, hum doce, & humilde gesto;
 De qualquer alegria duuidoso:
 Hum despejo quieto, & vergonhoso,
 Hum repouso grauissimo, & modesto,
 Hũa pura bondade, manifesto
 Indicio da alma, limpo, & gracioso:
 Hum escolhido oufar, hũa brandura,
 Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
 Hum longo, & obediente soffrimento,
 Esta foy a celeste fermosura
 Da minha Circe, & o magico veneno
 Que pode transformar meu pensamento

SONETO 36.

TOmoume vossa vista soberana
 A donde tinha as armas mais á mão,
 Por mostrar que quem busca defensão
 Contra esses bellos olhos, que s'engana.
Por ficar da victoria mais vana,
 Deixoume armar primeiro da razão:
 Cuidey de me salvar, mas foy em vão,
 Que contra o ceo não val de fensa humana.
 Mas porem se vos tinha prometido
 O vosso alto destino esta victoria,
 Seruos tudo bem pouco, está sabido.
 Que posto que estiu esse apercebido,
 Não leuais de vencerme grande gloria,
 Mayor a leuo eu de ser vencido.

SONETO 37.

Não passés caminhante: Quem me chama?
 Hũa memoria noua, & nunca ouuida,
 D'hum q̃ne trocou finita, & humana vida,
 Por diuina, infinita, & clara fama.
Quem he que tão gentil louuor derrama?
 Quem derramar seu sangue não duuida
 Por seguir a bandeira esclarecida
 D'hum capitão de Christo, que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
 Que a Deos se fez, & ao mundo juntamente,
 Apregoando direy tão alta sorte,
 Mais poderás contar a toda a gente,
 Que sempre deu sua vida claro indicio
 De vir a merecer tão sancta morte.

Sonetos

SONETO 38.

Fermosos olhos, que na idade nossa
 Mostrais do ceo certissimos finais,
 Se quereis conhecer quanto possais,
 Olhayme a mim, que sou feitura vossa,
 Vereis que de viver me desapossa
 Aquelle riso com que a vida dais,
 Vereis como de amor não quero mais,
 Por mais que o tempo corra, & o dâno possa
 E se dentro nest'alma ver quiserdes.
 Como n'hum claro espelho, alli vereis
 Tambem a vossa angelica, & serena:
 Mas eu cuido que só por não me verdes
 Veruos em mim senhora não quereis:
 Tanto gosto leuais de minha pena.

SONETO 39.

O Fogo que na branda cera ardia,
 Vendo o rosto gentil qu'eu n'alma vejo,
 Se acendeo d'outro fogo do desejo,
 Por alcançar a luz que vence o dia.
 Como de dous ardores se encendia,
 Da grande impaciencia fez despejo,
 E remetendo com furor sobejo
 Vos foy beijar na parte onde se via.
 Ditosa aquella flamma que se atreue
 Apagar seus ardores, & tormentos,
 Na vista de que o mundo tremer deue.
 Namorãose senhora os Elementos,
 De vos, & queyma o fogo aquella neve,
 Que queyma corações, & pensamentos.

SONETO 40.

A Legres campos, verdes aruoredos,
 Claras, & frescas agoas de cristal,
 Qu'em vos os debuxais ao natural,
 Descorrendo da altura dos rochedos:
 Siueftres montes, asperós penedos,
 Compostos em concerto desigual,
 Sabey que sem licença de meu mal
 Ia não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me ja não vedes como vistes,
 Não me alegrem verduras deleitosas,
 Nem agoas que correndo alegres vem,
 Semearey em vos lembranças tristes,
 Regando vos com lagrimas faudosas,
 E nascerão faudades de meu bem.

SONETO 41.

Q Vantas vezes do fuso s'esquecia
 Daliana, banhando o lindo seo,
 Tantas vezes d'hum aspero recco
 Salteado Laurenio, a cor perdia.
 Ella que a Syluio mais qu'a si queria,
 Pera podello ver não tinha meo:
 Ora como curára o mal alheo
 Quem o seu mal tão mal curar sabia?
 Elle que vio tão clara esta verdade,
 Com solluços dezia (qu'a espessura
 Commouia de magoa a piedade)
 Como pode a desordem da Natura,
 Fazer tão differentes na vontade
 A quem fez tão conformes na ventura?

Sonetos

SONETO 42.

Lindo, & sutil trançado, que ficaste
 Em penhor do remedio que mereço,
 Se só contigo vendote endoudeço;
 Que fora cos cabellos qu'apertaste?
 Aquellas tranças d'ouro que ligaste
 Qu'os rayos do sol tem em pouco preço,
 Não sey se para engano do que peço
 Se para me atar, os desfataste?
 Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
 E por satisfação de minhas dores
 Como quem não tem outra, ey de tomarte,
 E senão for contente meu desejo,
 Dirh'ey que nesta regra dos amores
 Pello todo tambem se toma a parte.

SONETO 43.

O Cifne quando fente ser chegada,
 A hora que põe termo a sua vida,
 Musica com voz alta, & muy subida,
 Leuanta pola praya inhabitada.
 Deseja ter a vida prolongada,
 Chorando do viuer a despedida,
 Com grande saudade da partida,
 Celebra o triste fim desta jornada.
 Assi senhora minha quando via,
 O triste fim que dauão meus amores,
 Estando posto ja no extremo fio,
 Com mais suaue canto, & armonia
 Discantey pellos vossos disfauores.
 La vuestra falsa fé, y el amor mio.

SONETO 44.

PEllos extremos raros que mostrou
 Em saber Pallas, Venus em fermosa,
 Diana em casta, Iuno em animosa,
 Africa, Europa, & Asia, as adorou:
 Aquelle saber grande que ajuntou
 Espirito, & corpo em liga generosa,
 Esta mundana machina lustrosa,
 De só quatro Elementos fabricou.
 Mas mór milagre fez a natureza
 Em vos senhoras, pondo em cada hũa
 O que por todas quatro repartio.
 A vos seu resplendor deu Sol, & Lũa,
 A vos com viua luz, graça, & pureza,
 Ar, fogo, terra, & agoa, vos seruiu.

SONETO 45.

TOmaua Daliana por vingança
 Da culpa do pastor que tanto amaua,
 Casar çõ Gil vaqueiro, & em si vingaua
 O erro alheo, & perfida esquiuança,
 A descrição segura, a confiança,
 As rosas que seu rosto debuxaua,
 O descontentamento lhas secava,
 Que tudo muda hũa aspera mudança.
 Gentil planta disposta em secca terra,
 Lindo fruto de dura mão colhido,
 Lembranças d'outro amor, & fé perjura;
 Tornarão verde prado em dura serra,
 Interesse enganoso, amor fingido,
 Fizerão desditosa a fermosura.

Sonetos

SONETO 46.

GRão tempo ha ja que soube da ventura,
 A vida que me tinha destinada;
 Que a longa experiencia da passada,
 Me daua claro indicio da fatura.
 Amor fero, cruel, fortuna escura,
 Bem tendes vossa força experimentada,
 A ffolay, destruy, não fique nada,
 Vingayuos desta vida, qu'inda dura.
 Soube amor da ventura que a não tinha,
 E porque mais sentisse a falta della,
 De imagēs impossíueis me mantinha,
 Mas vos senhora, pois que minha estrellã
 Não foy melhor, viuey nesta alma minha,
 Que não tem a fortuna poder nella.

SÔNETO 47.

SE algũa hora em vos a piedade
 De tam longo tormento se sentira,
 Não consentira amor que me partira
 De vossos olhos, minha faudade.
 Aparteyme de vos, mas a vontade,
 Que pello natural n'alma vos tira,
 Me faz crer q̃ esta ausencia he de mentira,
 Mas inda mal porem, porque he verdade.
 Irm'ey senhora, & neste apartamento,
 Tomarão tristes lagrimas vingança.
 Nos olhos de quem fostes mantimento:
 E assi darey vida a meu tormento,
 Qu'em fim cá me achará minha lembrança,
 Sepultado no vosso esquecimento.

SONETO 48.

O Como se me alonga d'anno em anno
 A peregrinação cansada minha!
 Como s'encrta, & como ao fim caminha,
 Este meu breue, & vão discurso humano;
 Vayse gastando a idade, & cresce o danno,
 Perdeseme hum remedio, que inda tinha,
 Se por experiencia se adeuinha,
 Qualquer grande esperáça, he grand'engano.
 Corro apos este bem, que não se alcança,
 No meo do caminho me fallece,
 Mil vezes cayo, & perco a confiança.
 Quando elle foge, eu tardo, & na tardança
 Se os ollhos ergo a ver se inda parece,
 Da vista se me erdpe, & da esperança.

SONETO 49.

Tempo he ja que minha confiança
 Se deça de hũa falsa opinião,
 Mas amor não se rege por razão,
 Não posso perder logo a esperança:
 A vida si, que hũa aspera mudança
 Não deixa viuer tanto hum coração;
 E eu na morte tenho a saluação?
 Si: mas quem a deseja não a alcança.
 Forçado he logo qu'eu espere, & viua,
 Ah dura ley d'amor, que não consente
 Quietação n'hũa alma qu'he cattiva!
 Se ey de viuer em fim forçadamente
 Pera que quero a gloria fugitiua,
 D'hũa esperança vã que m'atormente?

Sonetos

SONETO 50.

A Mor, co a esperança ja perdida
 Teu soberano templo visitey,
 Por final do naufragio que passley
 Em lugar dos vestidos pus a vida,
 Que queres mais de mim, que destruyda
 Me tês a gloria toda que alcancey?
 Não cuides de forçarme, que não sey
 Tornar a entrar onde não ha sayda.
 Ves aqui alma, vidá, & esperança,
 Despojos doces de meu bem passado,
 Em quanto quis aquella em quem eu moro:
 Nella podes tomar de mim vingança,
 E s'inda não estás de mim vingado,
 Contentate co as lagrimas que choro.

SONETO 51.

A Pollo, & as noue Musas, discantando
 Com a dourada lyra, me influyão
 Na suaue harmonia que fazião,
 Quando tomey a pena começando,
 Ditofo seja o dia, & hora quando
 Tam delicados olhos me ferião,
 Ditofo os sentidos que sentião
 Estar se em seu desejo traspassando.
 Assi cantaua, quando amor virou
 A roda, a esperança que corria,
 Tão ligeira, que quasi era inuisuel.
 Conuerteose me em noite o claro dia:
 E se algũa esperança me ficou,
 Será de mayor mal, se for possuel.

SONETO 52.

Lembranças faudoſas, ſe cuidais
 De me acabar a vida neſte eſtado,
 Não viuo com meu mal tão enganado,
 Que não eſpere d'elle muito mais:
 De muito longe ja me coſtumais,
 A viuer d'algum bem deſeſperado,
 Ia tenho coa fortuna concertado,
 De ſoffrer os trabalhos que me dais,
 Atado ao remo tenho a paciencia,
 Pera quantos deſgoſtos der a vida,
 Cuide em quanto quiſer o pensamento.
 Que pois não ahi outra reſiſtencia
 Pera tão certa queda de ſubida,
 Apararl'h'ey debaixo o ſoffrimento.

SONETO 53.

Apartauaſe Niſe de Montano,
 Em cuja alma partindoſe ficaua,
 Que o paſtor na memoria a debuxaua,
 Por poder ſuſtentarſe deſte engano.
 Pellas prayas do Indico Oceano
 Sobre o curuo cajado s'encoaſtaua,
 E os olhos pellas agoas alongaua
 Que pouco ſe doyão de ſeu danno.
 Pois com tamanha magoa, & ſaudade
 (Dezia) quis deixarme a em qu'eu moro,
 Por teſtemunhas tomo ceo, & eſtrellas,
 Mas ſe em vos ondas mora piedade,
 Leuai tambem as lagrimas que choro,
 Pois aſſi me leuais a cauſa dellas.

SONETO 94.

Quando vejo que meu destino ordena
 Que por me experimentar de vos m'aparte,
 Deixando de meu bem tão grande parte,
 Qu'a mesma culpa fica graue pena:
O duro disfavor que me condena
 Quando pella memoria se reparte,
 Endurece os sentidos de tal arte
 Qu'a dor d'aufencia fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
 Daquillo que mais quero esté tão fora
 De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearey tão aspera esquiuança,
 Porque mais sentirey partir senhora
 Sem sentir muito a pena da partida.

SONETO 95.

Depois de tantos dias mal gastados,
 Depois de tãtas noites mal dormidas,
 Depois de tantas lagrimas vertidas,
 Tantos suspiros vãos, vãmente dados.
Como não sois vos ja desenganados
 (Desejos) que de coufas esquecidas
 Quereis remediar mortais feridas,
 Qu'amor fez sem remedio, o tempo, os fadões?
Senão tiuereis ja experiencia
 Das sem razões d'amor a quẽ seruistes,
 Fraqueza fora em vós a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
 Que tempo não curou, nem longa aufencia.
 Que bem d'elle esperais, desejos tristes?

SONETO 56.

NAyades, vos que os rios habitais
 Que os saudosos campos vão regando,
 De meus olhos vereis estar manando,
 Outros que quasi aos vossos são iguais:
 Dryades, vos que as settas atirais,
 Os fugitivos ceruos derrubando,
 Outros olhos vereis que triumphando
 Derrubão corações, que valem mais.
 Deixay as aljauas logo, & as agoas frias,
 E vinde Nymphas minhas, se quereis
 Saber como d'hūs olhos nascem magoas.
 Vereis como se passão em vão os dias,
 Mas não vireis em vão, que cá achareis
 Nos seus as settas, & nos meus as agoas.

SONETO 57.

MVdãose os tempos, mudãose as vontades,
 Mudase o ser, mudase a confiança,
 Todo o mundo he composto de mudança,
 Tomando sempre nouas qualidades,
 Continuamente vemos nouidades,
 Diferentes em tudo da esperança,
 Do mal ficão as magoas na lembrança,
 E do bem (se algum ouue) as saudades:
 O tempo cobre o chão de verde manto,
 Que já cuberto foy de neuue fria,
 E em mim conuerte em choro o doce canto.
 E a fora este mudar se cada dia,
 Outra mudança faz de mór espanto,
 Que não se muda ja como soia.

Sonetos

SONETO 58.

SE as penas com que amor tão mal me trata
 Quiser que tanto tempo viua dellas,
 Que veja escuro o lume das estrellas,
 Em cuja vista o meu se acende, & mata:
 E se o tempo que tudo desbarata
 Seccar as frescas rosas sem colhelas,
 Mostrandome a linda cór das tranças bellas
 Mudada de ouro fino em bella prata:
 Vereis senhora então também mudado
 O pensamento, & aspereza vossa,
 Quando não sirua ja sua mudança:
 Suspirareis então pello passado,
 Em tempo, quando executar se possa
 Em vosso arrepende'r minha vingança.

SONETO 59.

QVem jaz no grão sepulchro, que descereue
 Tão illustres finais no forte escudo?
 Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
 Mas foy quem tudo pode, & tudo teuc.
 Foy Rey: fez tudo quanto a Rey se deue,
 Pos na guerra, & na paz deuido estudo,
 Mas quão pesado foy ao Mouro rudo,
 Tanto lhe seja agora a terra leuc.
 Alexandre será? Ninguem se engane
 Que sustentar, mais que adquirir se estima.
 Será Adriano grão senhor do mundo?
 Mais obseruante foy da ley de cima.
 He Numa? Numa não, mas he Ioanne,
 De Portugal Terceiro, sem segundo.

SONETO 60.

Quem pôde liure ser gentil senhora,
 Vendouos com juyzo soffegado,
 Se o minino que d'olhos he priuado,
 Nas mininas dos vossos olhos mora?
 Alli manda, alli reyna, alli namora,
 Alli viue das gentes venerado,
 Qu' o viuo lume, & o rosto delicado,
 Imagẽs são d'amor em tod'a hora.
 Quem vé qu'em branca neue nascem rosas,
 Que fios crespos d'ouro vão cercando,
 Se por antre esta luz a vista passa:
 Rayos d'ouro verá, qu'as duuidosas
 Almas estão no peito traspassando
 Assi como hum crystal o Sol traspassa.

SONETO 61.

Como fizeste Porcia tal ferida?
 Foy voluntaria, ou foy por innocencia?
 Mas foy fazerme amor experiencia
 Se podia soffrer tirarme a vida.
 E com teu proprio sangue te conuida
 A não pores á vida resistencia?
 Andome acostumando á paciencia,
 Porque o temor a morte não impida.
 Pois porque comes logo fogo ardente,
 Se a ferro te costumás? Porque ordena.
 Amor, que morra, & pene juntamente.
 E tẽs a dor do ferro por pequena?
 Si: que a dor costumada não se sente,
 E eu não quero a morte sem a pena.

SONETO 62.

DE tão diuino accento, & voz humana,
 De tão doces palauras peregrinas,
 Bem sei que minhas obras não são dinas,
 Que o rudo engenho meu me defengana.
 Mas de vossos escriptos corre, & mana,
 Licor que vence as agoas Cabalinas,
 E conuofco do Tejo as flores finas
 Farão enueja à copia Mantuana:
 E pois a vos de si não sendo auaras
 As filhas de Mnemosine famosa,
 Partes dadas vos tem ao mundo caras,
 A minha Musa, & a vossa tão famosa,
 Ambas posso chamar ao mundo raras,
 A vossa d'alta, a minha d'enuejosa.

SONETO 63.

DEbaixo desta pedra està merido
 Das sanguinosas armas descansado,
 O capitão illustre, assinalado,
 Dom Fernando de Castro esclarecido:
 Por todo o Oriente tão temido,
 E da enueja da fama tão cantado:
 Este pois sò agora sepultado
 Está aqui ja em terra conuertido.
 Alegrate ó guerreira Lusitania
 Por este Viriato que criaste,
 E chora o perdido eternamente.
 Exemplo toma nisto de Dardania,
 Que se a Roma co elle anichilaste,
 Nem por isso Carthago está contente.

SONETO 64.

Que vençais no Oriente tantos Reys,
 Que de nouo nos deis da India o estado,
 Que escureçais a fama que ganhado
 Tinhão os que a ganharão a infieis:
Que do tempo tendes vencido as leys,
 Que tudo em fim vençais co tempo armado,
 Mais he vencer na patria desarmado,
 Os monstros, & as chimeras que venceis.
 E assi sobre vencerdes tanto imigo,
 E por armas fazer que sem segundo
 Vosso nome no mundo ouuido seja,
 O que nos dá mais nome inda no mundo,
 He vencerdes senhor no Reyno amigo,
 Tantas ingratidões, tão grande inueja.

SONETO 65.

Vossos olhos senhora que competem
 Co sol em fermosura, & claridade,
 Enchem os meus de tal suauidade,
 Que em lagrimas de vellos se derretem.
 Meus sentidos vencidos se sometem
 A si cegos a tanta magestade,
 E da triste prisaõ, da escuridade,
 Cheos de medo por fugir remetem,
 Mas se nisto me vedes por acerto,
 O aspero desprezo com que olhais.
 Torna a esperar a alma enfrãquecida.
 ó gentil cura, & estranho desconcerto,
 Que fará o fauor que vos não dais,
 Quando o vossõ desprezo torna a vida?

Sonetos

SONETO 66.

Fermosura do ceo a nós descida,
 Que nenhum coração deixas isento,
 Satisfazendo a todo o pensamento,
 Sem ferer de nenhum bem entendida.
 Que lingua auerá tão atreuida,
 Que tenha de louuarte atreuimento,
 Pois a parte melhor do entendimento,
 No menos que em ti ha se vé perdida?
 Se teu valor contemplo, a melhor parte
 Vendo que abre na terra hum parayso,
 O engano me falta, o espirito mingoa,
 Mas o que mais me tolhe inda louuarte,
 He que quando te vejo perco a lingua,
 E quando te não vejo perco o siso.

SONETO 67.

Pois meus olhos não cansão de chorar
 Tristezas que não cansão de cansarme,
 Pois não abrãda o fogo em q̄ abrasarme,
 Pode quem eu jamais pude abrandar,
 Não canse o cego amor de me guiar
 A parte donde não sayba tornarme,
 Nem deixe o mundo todo de escutarme
 Em quanto me a voz fraca não deixar.
 E se nos montes, rios, ou em valles,
 Piedade mora, ou dentro mora amor
 Em feras, aues, prantas, pedras, agoas,
 Oução a longa historia de meus males
 E curem sua dór com minha dór,
 Que grãdes magoas podẽ curar magoas.

SONETO 68.

DAyme hũa ley senhora de quereruos
 Que a guarde, sopena de enojaruos;
 Que a fé q̃ m'obriga a tanto amaruos,
 Fará que fique em ley de obedeceruos.
 Tudo me defendey, senão só veruos,
 E dentro na minh'alma contēplaruos,
 Que se assi não chegar a contentaruos,
 Ao menos que não chegue aborreceruos.
 E se essa condição cruel, & esquiua
 Que me deis ley de vida não consente,
 Dayma senhora ja, seja de morte.
 Se nem essa me dais, he bem que viua
 Sem saber como viuo tristemente,
 Mas contente porem de minha sorte.

SONETO 69.

Ferido sem ter cura perecia
 O forte, & duro Telepho temido,
 Por aquelle que n'agoa foy metido,
 A quem ferro nenhum cortar podia.
 Ao Apollineo Oraculo pedia
 Conselho para ser restituído,
 Respondeo, que tornasse a ser ferido
 Por quem o ja ferira, & sararia.
 Assi (senhora) quer minha ventura
 Que ferido de veruos claramente.
 Com vos tornar a ver, Amor me cura.
 Mas he tão doce vossa fermosura,
 Que fico como hydropico doente,
 Que co beber lhe cresce mór segura.

Sonetos

SONETO 70.

NA metade do Ceo subido ardia
 O claro Almo pastor, quando deixauão
 O verde pasto as cabras, & buscauão
 A frescura suaue d'agoa fria.
 Co a folha da aruore sombria.
 Do rayo ardente as aues s'emparauão,
 O modulo cantar de que cessauão
 Só nas roucas cigarras se sentia.
Quando Liso pastor, n'hum campo verde
 Natercia crua Nympha só buscaua
 Com mil sospiros tristes que derrama.
 Porque te vás de quem por ti se perde.
 Para quem pouco t'ama? (suspiraua)
 O Ecco lhe responde, pouco te ama.

SONETO 71.

IA a faudosa Aurora destoucaua
 Os seus cabellos d'ouro delicados,
 E as flores nos campos esmaltados
 Do crystalino orualho borrifaua:
Quando o feroso gado s'espalhaua
 De Siluio, & de Laurente pellos prados,
 Pastores ambos, & ambos apartados
 De quẽ o mesmo amor não se apartaua.
Com verdadeiras lagrimas, Laurente
 Não sey (dizia) ó Nympha delicada,
 Porque não morre já quem viuuo ausente.
Pois a vida sem ti não presta nada?
 Responde Siluio, amor não o consente
 Que offende as esperanças da tornada.

SONETO. 72.

QVando de minhas magoas, a comprida
 Maginação, os olhos m'adormece,
 Em sonhos aquell'alma m'aparece
 Que para mim foy sonho nesta vida:
Là nãa foydade, onde estendida
 A vista pello campo desfalece,
 Corro par'ella: & ella então parece
 Que mais de mim se allonga, com pellida.
Brado, não me fujaes sombra benigna
 Ella (os olhos em mim c'hum brando pejo,
 Como quem diz que já não pode ser)
Torna a fugirme: & eu gritando, Dina?
 Antes que diga Mcne, acordo, & vejo
 Que nem hum breue engano posso ter.

SONETO 73.

Sospiros inflamados, que cantais
 A tristeza com qu'eu viuy tão ledo,
 Eu mouro, & não vos leuo, porque'ey medo
 Qu'ao passar do Lethe vos percaes.
Escritos para sempre ja ficaes
 Onde vos mostrarão todos co dedo
 Como exemplo de males, qu'eu concedo
 Que para auiso de d'outros estejaes.
Em quem, pois, virdes falsas esperanças
 D'Amor, & da Fortuna, cujos danos
 Alguns terão por bem auenturanças,
Dizeilhe, qu'os seruistes muitos annos,
 E que em fortuna tudo são mudanças,
 E qu'em Amor não ha senão enganos.

SONETO 74

A Quella fera humana, qu'entriquece
 Sua presumptuosa tyrania,
 Destas minhas entranhas, onde cria
 Amor hum mal que falta quando crece,
S e nella o ceo mostrou (como parece)
 Quanto mostrar ao mundo pretendia,
 Por que de minha vida s'injuria?
 Porque de minha morte s'ennobrece?
 Hora em fim sublimai vossa victoria
 Senhora, com vencerme, & captiuarme,
 Fazer disto no mundo larga historia.
Que por mais que vos veja maltratarme,
 Ia me fico logrando desta gloria
 De ver que tendes tanta de matarme.

SONETO 75

Ditoso seja aquelle que samente
 Se queixa d'amorosas esquiuanças,
 Pois por ellas não perde as esperanças
 De poder n'algun tempo ser contente.
Ditoso seja quem estando absente
 Não sente mais que a pena das lembranças
 Por qu'inda que se tema de mudanças,
 Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja (em fim) qualquer estado
 Onde enganos, desprezos, & isenção
 Trazem o coração atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
 D'erros em que não pode auer perdão,
 Sem ficar n'alma a magoa do pecado.

SONETO 76

Quem fosse acompanhando juntamente
 Por esses verdes campos a Auezinha
 Que depois de perder hum bem que tinha,
 Não sabe mais que cousa he ser contente.
 Quem fosse aparrandosse da gente.
 Ella por companheira, & por vizinha,
 M'ajudasse a chorar a pena minha,
 Eu a ella o pesar que tanto sente.
 Ditosa A ue, qu'ao menos se a natura
 A seu primeiro bem não dà segundo,
 Dalhe o ser triste a seu contentamento.
 Mas triste quem de longe quis ventura
 Que para respirar lhe falte o vento,
 E para tudo, em fim, lhe falte o mundo.

SONETO 77.

OCulto diuinal se celebraua
 No templo donde toda a criatura
 Louua o Feitor diuino; que a feitura
 Com seu sagrado sangue restauraua.
 Ali Amor, que o tempo m'aguardaua
 Onde a vontade tinha mais segura,
 N'hũa celeste, & angelica figura
 A vista da rezão me salteava.
 Eu crendo qu'o lugar me defendia,
 E seu liure costume não sabendo
 Que nenhum confiado lhe fugia,
 Deixei-me cattiuar, mas ja qu'entendo
 Senhora, que por vossò me quera,
 Do tempo que fhy liure m'arrendo.

Sonetos.

SONETO 78

Leda serenidade delectosa,
 Que representa em terra hum paraíso,
 Entre rubis, & perlas doce riso,
 Debaixo d'ouro, & neve, cor de rosa:
 Presença moderada, & graciosa:
 Onde ensinando estão despejo, & siso,
 Que se pode por arte, & por auiso
 Como por Natureza ser fermosa:
 Fala de quem a morte, & a vida pende
 Rara, suaue, em fim senhora vossa,
 Repouso nella alegre, & comido.
 Estas as armas são com que me rende,
 E me catina Amor, mas não que possa
 Despojarme da gloria de rendido.

SONETO 79.

Bem sei Amor qu'he certo o que receo
 Mas tu porque com isso mais te apuras,
 De manhoso mo negas, & mo juras
 No teu dourado arco, & eu to creio.
A mão tenho metida no teu seo,
 E não vejo meus danos às escuras,
 E tu com tudo tanto m'asseguras,
 Que me digo que minto, & que m'enleo.
 Não samente consinto neste engano,
 Mas inda to aguardoço, & a mim me nego
 Tudo o que vejo, & sinto de meu dano.
O poderoso mal a que m'entrego.
 Que no meo do justo desengano,
 Me possa inda cegar hum moço cego.

SONETO 80,

Como quando domar tempestuoso
 O Marinheiro lasso & trabalhado
 D'hum naufragio cruel ja saluo anado,
 Sò ouuir falar nelle o faz medioso;
 E jura qu'em que veja bonançoso,
 O violento mar, & sossegado,
 Nam entre nelle mais: mas vay forçado,
 Pello muito interesse cubiçoso.
 Assim, senhora, eu, que da tormenta
 De vossa vista fujo, por saluar-me,
 Jurando de não mais em outra ver-me,
 Minh'alma que de vos nunca s'ausenta,
 Dà-me por preço veruos, faz tornar-me
 Donde fugi tão perto de perder-me.

SONETO 81.

Amor he hum fogo qu'arde sem se ver,
 He ferida que doe, & não se sente,
 He hum contentamento descontente,
 He dor que defatina sem doer,
 He hum não querer mais que bem querer,
 He hum andar solitario entre a gente,
 He nunca contentar-se de contente,
 He hum cuidar que ganha em se perder.
 He querer estar preso por vontade,
 He servir a quem vence o vencedor,
 He ter com quem nos mata lealdade.
 Mas como causar p de seu fauor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tão contrario à si he o mesmo Amor?

Sonetos

SONETO 82.

SE pena por amaruos se merece,
 Quera della liure está: ou quem isento?
 Que alma, que rezão, qu'entendimento
 Em veruos senão rende, & obedece?
 Que mór gloria na vida s'offerece
 Que occuparse em vos o pensamento?
 Toda a pena cruel, todo o tormento
 Em veruos se não sente, mas esquece.
 Mas se merece pena quem amando
 Contino vos está, se vos offende,
 O mundo matareis, que todo he vosso:
 Em mim podeis, senhora, yr começando
 Que é larã se conhece, & bem s'entende
 Amaruos quanto deuo, & quanto posso,

SONETO 83

Que leuas cruel morte Hum claro dia?
 A que horas o tomaste? Amanhecendo?
 Entendes o que leuas? Não o entendo.
 Pois quem to faz levar? Quem o entendia?
 Seu corpo quem o goza? A terra fria.
 Como ficou sua luz? Anoitecendo
 Lusitania que diz? Fica dizendo
 Em fim não mereci Dona Maria.
 Mataste quem a vio? Ia morto estava
 Que diz o crû Amor? Falar não ousa;
 E quem o faz calar? Minha vontade.
 Na corte que ficou? Saudade brava
 Que fica là que ver? Nenhũa cousa,
 Mas fica que chorar sua beldade.

SONETO 84.

Ondados fios d'ouro reluzente
 Qu'agora da mão bella recolhidos,
 Agora sobre as rosas estendidos
 Fazeis que sua belleza s'acrecente:
 Olhos que vos moueis tão docemente
 Em mil diuinos rayos encendidos,
 Se de cà me leuaes alma, & sentidos
 Que fuera se de vos não fora ausente;
 Honesto riso, qu'entre amor fineza
 De perlas, & coraes nasce, & parece
 Se n'alma em doces eccos não o ouuisse.
 S'imaginando fô tanta belleza
 De si, em noua gloria a alma s,esquece,
 Que sera quando a vir, ah quem a visse?

SONETO 85.

FOy ja num tempo doce cousa amar
 Em quanto m, enganaua a esperança,
 O coração com esta confiança.
 Todo se deffazia em desejar.
Ovão, caduco, & debil esperar,
 Como se defengana hũa mudança?
 Que quanto he mór a bemauenturança,
 Tanto menos se erè que ha de durar.
Quem ja se vio contente; & prosperado,
 Vendose em breue tempo em pena tanta,
 Rezão tem de viuer bem magoado.
Porem quem tem o mundo expermentado,
 Não o magoa a pena, nem o espanta,
 Que mal se estranhara o costumado

Sonetos

SONETO 86.

DOs illustres antigos que deixaram.
 Tal nome, qu'igualou fama a memoria,
 Ficou por luz do tempo a larga historia.
 Dos feitos em que mais s, a sinalaram.
 Se se com cousas destes cotejaram
 Mil vossas cada hũa tam notoria,
 Vencera a menor dellas a mòr gloria
 Qu'elles em tantos annos alcançaram.
 A gloria sua foy, ninguem lha tome
 Seguindo cada hum varios caminhos,
 Estauas leuantado no seu templo.
 Vos honra Portugueza, & dos Coutinhos,
 Illustre Dom Ioão com melhor nome
 A vos encheis de gloria, & a nos d'exemplo.

SONETO 87.

COnuerção domestica afeiçoã
 Hora em forma de boa, & saã vontade,
 Hora d'huã amorosa piedade
 Sem olhar qualidade de pessoa.
 Se despois por ventura, vos magoa
 Com desamor, & pouca lealdade,
 Logo vos faz mentira da verdade
 O brando A mor, que tudo em si perdoa.
 Não são isto que fallo conjecturas
 Qu'openfamento julga na apparencia,
 Por fazer delicadas escrituras,
 Metido tenho a mão na consciencia,
 E não fallo senão verdades puras
 Que m'ensinou a viua experiencia.

SONETO 88.

E Sforço grande igual ao pensamento,
 Pensamentos em obras diuulgados,
 E não em peito timido encerrados,
 E desfeitos despois em chuua, & vento:

Animo da cobiça baixa isento,
 Digno por isso só, d'altos estados,
 Fero açoute dos nunca bem domados
 Pousos do Malabar sanguinolento:

Gentileza de membros corporaes
 Ornados de pudica continencia,
 Obra por certo rara de natura.

Estas virtudes, & outras muitas mais
 Dignas todas da Homérica eloquencia,
 Iazem debalxo desta sepultura.

SONETO 89.

NO mundo quis hum t'êpo que s'achasse
 O bem que por acerto, ou forte vinha;
 E por expermentar que dita tinha,
 Quis qu'a fortuna em mi s'expermentasse.

Mas porque meu destino me mostrasse
 Que nem ter esperanças me conuinha,
 Nunca nesta tão longa vida minha
 Couisa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, tetra, & estado
 Por ver se se mudaua a sorte dura,
 A vida pus nas mãos d'hum leuc lenho:
 Mas (segundo o qu' o ceo me t'ẽ mostrado)
 Ia sey que deste meu buscar ventura,
 Achado tenho ja, que não a tenho.

Sonetos

SONETO 90.

A Perfeiçãõ, a graça, o doce geito,
 A primauera chea de frescura
 Que sempre em vos florece, a que auentura,
 E a rezão entregarão este peito:
 Aquelle cristalino, & puro aspeito
 Qu' em si comprehende toda a fermosura,
 O resplandor dos olhos, & a brandura
 De qu' o amor a ninguẽ quis ter respeito:
 S' isto qu' em vos se vé, ver desejaes
 Como digno de verse claramente,
 Por mais que de amor vos isentae:
 Traduzido o vereis tão fielmente
 No meyo deste spirito onde estais,
 Que vendouos sintais o qu' elle sente.

SONETO 91.

VOs que d' olhos suaues, & serenos
 Com justa causa a vida captiuais,
 E qu' os outros cuidados condenais
 Por indiuidos, bayxos, & pequenos:
 S' ainda do Amor domesticos venenos
 Nunca prouastes: quero que saibais
 Qu' he tão to mais o amor despois q' amais,
 Quanto são mais as causas de ser menos.
 E não cuide ninguem qu' algum defeito
 Quando na cousa amada s' apresenta,
 Possa deminuir o amor perfeito;
 Antes o dobra mais, & se atormenta,
 Pouco, & pouco o desculpa o brãdo peito
 Qu' amor cõ seus contrairos s' acrescenta.

SONETO 92.

Q Ve poderey do mundo ja querer?
Que naquillo em que pus tamanho amor,

Não vi senão desgosto, & defamor,
E morte em fim, que mais não pode ser.

Pois vida me não farta de viuer,

Pois ja fey que não mata grande dór,

Se coufa ay que magoa de mayor,

Eu a verey: que tudo posso ver.

A morte a meu pefar m' assegurou

De quanto mal me vinha, ja perdi

O que perder o medo m' ensinou.

Na vida defamor sómente vi,

Na morte, a grande dór que me ficou:

Parece que para isto só nasci.

SONETO 93.

P Enfamentos qu' agora nouamente

Cuidados vãos em mim refuscitais,

Dizeyme, ainda não vos contentais

De terdes, quẽ vos tem, tão descontẽte?

Que fantasia he esta, que presente

Cad' hora ante meus olhos me mostrais?

Com sonhos, & com sombras atentais

Quem nem por sonhos pode ser cõtente?

Vejouos, pensamentos, alterados

E não quereis d'esquiuo, declararme

Qu' he isto que vos tras tão enleados.

Não me negueis, s' andais para negarme,

Que se contra mim estais aleuantados,

Eu vos ajudarey mesmo a matarme.

Sonetos

SONETO 94.

SE tomar minha pena em penitencia
 Do erro em que cahio o pensamento,
 Não abranda, mas dobra meu tormento,
 A isto, & a mais obriga a paciencia,
 Es hũa cór de morto na apparencia.
 Hum espalhar sospiros vãos ao vento,
 Em vos não faz senhora, mouimento,
 Fique meu mal em vossã consciencia.
 E se de qualquer aspera mudança
 / Toda a vontade isenta Amor castiga,
 (Como eu vi bem no mal que me condena)
 E s'em vos não s'entende auer vingança,
 Será forçado (pois Amor m'obriga)
 Qu'eu só de vossã culpa pague a pena.

SONETO 95.

A Quella que de pura castidade
 De si mesma tomou cruel vingança,
 Por hũa breue, & subita mudança
 Contraria a sua honra, & qualidade:
 Venceo á fermosura a honestidade,
 Venceo no fim da vida a esperança,
 Porque ficasse viua tal lembrança,
 Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
 De si, da gente, & do mundo esquecida,
 Ferio com duro ferro o brando peito,
 Banhando em sangue a força do tyranno.
 Estranha oufadia, estranho feito,
 Que dando morte breue ao corpo humano,
 Tenha sua memoria larga vida.

SONETO 96.

OS vestidos Elisa reuolua
 Que lh'Eneas deixra por memoria,
 Doces despojos da passada gloria,
 Doces quando seu fado o consentia.
 Entr'elles a fermosa espada via
 Que instrumento foy da triste historia,
 E como quem de si tinha a victoria,
 Faltando sò com ella, asy dizia.
 Fermosa, & noua espada, se ficaste
 Sò pera executares os en ganos
 De quem te quis deizar, em minha vida,
 Sabe que tu comigo t'enganaste,
 Que para me tirar de tantos danos,
 Sobejame a tristeza da partida.

SONETO 97

OQuam caro me custa o entenderte,
 Molesto Amor, que sò por alcançarte,
 De dor em dor me tês trazido a parte
 Onde em ti o dio, & ira se conuerte.
 Cuidei que para em tudo conhecerte,
 Me não faltasse experiencia, & arte,
 Agora vejo n'alma acrecentarte,
 Aquillo qu'era causa de perderte.
 Estauas taõ secreto, no meu peito
 Qu'eu mesmo que te tiuha, não sabia
 Que me senhoreauas deste geito.
 Descubrite t'agora, & foi por via
 Que teu descubrimento, & meu defeito
 Hum me enuergonha, e outro m'injuria.

Sonetos

SONETO 98

SE depois d'esperança tão perdida,
 Amor pola ventura consentisse,
 Qu'ainda algũa hora breue alegre viffe
 De quantas tristes vio tão longa vida,
 Hũa alma ja tão fraca, & tão caida
 Por mais alto qu'a sorte me subisse,
 Não tenho para mim que consentida.
 Alegria tão tarde consentida.
 Não tão sòmente Amor me não mostrou
 Ham hora em que viueffe alegremente,
 De quantas nesta vida me negou;
 Mas inda tanta pena me consente,
 Que co contentamento me tirou
 O gosto d'algum' hora ser contente.

SONETO 99

O Rayo cristalino s'estendia
 Pello mundo, da Aurora marchetada,
 Quando Nife pastora delicada
 Dende a vida deixaua, se partia.
 Des olhos com que o Sol escurecia,
 Leuando a vista em lagrimas banhada,
 De si, do fado, & tempo magoada,
 Pondo os olhos no ceo, assi dizia.
 Nasce sereno Sol, puro, & luzente
 Resplandece fermosa, & roxa Aurora
 Qualquer alma alegrando descontente;
 Qu'aminha, sabe tu que desd' agora
 Iamais na vida a podes ver contente,
 Nem tão triste nenhũa outra pastora.

SONETO 100

NO mundo poucos annos, & cansados
 Viui, cheos de vil' miseria dura;
 Foime tão cedo aluz do dia escura,
 Que não vi cinco lustres acabados.
 Corri terras, & mares apartados,
 Buscando à vida algum remedio, ou cura,
 Mas a quillo qu'em fim não quer ventura,
 Não o alcanção trabalhos arriscados.
 Crioume Portugal na verde, & chara
 Patria minha Alánquer, mas àr corrupto
 Que neste meu terreno vaso tinha,
 Me fez manjar de peixes, em ti bruto
 Mar, que bates na Abazia fera, & auara
 Tão longe da ditosa patria minha.

SONETO 101.

QVe me quereis perpetuas faudes?
 Com que esperança ainda m'enganais?
 Qu'ò tempo que se vay, não torna mais
 E se torna, não tornão as idades:
 Rezão he já ò annos, que vos vades,
 Porqu'estes tão ligeiros que passais,
 Nem todos para hum gosto são iguais,
 Nem sempre são conformes as vontades.
 Aquillo a que ja quis, he tão mudado,
 Que quasi he outra cousa, porqu'os dias
 Tem o primero gosto ja danado.
 Esperanças de nouas alegrias
 Não mas deixa a fortuna, & o tempo errado
 Que do contentamento são espias.

Verdade, amor, rezão, merecimento
 Qualquer alma farão segura, & forte:
 Porem fortuna, caso, tempo, & forte
 Tem do confuso mundo o regimento.
 Efeitos mil reuolue o pensamento,
 E não sabe a que causa se reporte:
 Mas sabe qu' o que he mais que vida & morte,
 Que não alcança humano entendimento.
 Doctos varões darão rezões subidas,
 Mas são experiencias mais prouadas,
 E por isto he melhor ter muito visto.
 Coufas hai que passaõ sem ser cridas,
 E coufas cridas ha, sem ser passadas;
 Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

SONETO 103.

Flouse o coração de muito isento
 De si, cuidando mal, que tomaria
 Tão illicito amor tal ousadia,
 Tal modo nuuqua visto de tormento.
 Mas os olhos pintarão tão atento
 Outros que visto tem na fantasia,
 Qu' a rezaõ temerosã do que via,
 Fugio, deixando o campo ao pensamento.
 O Hypolito casto, que de geito
 De Phedra tua madrastra foste amado,
 Que não sabia ter nenhum respeito:
 Em mim vingou o amor teu casto peito;
 Mas està desse agrauo tão vingado,
 Que s'arrepende ja do que tem feito.

SONETO 104.

QVem quizer verd' Amor hũa excellencia
 Onde sua fineza mais se appura,
 Attente onde me poem minha ventura,
 Por ter de minha fe experiencia.
 Onde lembranças matão a longa ausencia,
 Em temeroso mar, em guerra dura,
 Alli a saudade está segura,
 Quando mòr risco corre a paciencia.
 Mas ponhame fortuna, & o duro fado
 Em nojo, morte, dano, & perdição,
 Ou em sublime, & prospera ventura:
 Ponhame em fim em baixo, ou alto stado,
 Qu'atè na dura morte m'acharão
 Na lingua o nome, n'alma a vista pura.

SONETO 105

VOs Nymphas da Gangetica espeffura
 Cantai suauemente em voz sonora
 Hum grande Capitão, que a roxa Aurora,
 Dos filhos defendeo da noite escura.
 Ajuntouse a caterua negra, & dura
 Que na Aurea Chersoneso affouta mòra,
 Para lançar do charo ninho fora
 Aquelles que mais podem qu'a ventura.
 Mas hum forte Leão com pouca gente,
 A multidão tão fera, como nescia.
 Destruindo castiga, & torna fraca.
 Pois ò Nymphas cantai, que claramente
 Mais do que Leonidas fex em Grecia,
 O nobre Leonis fez em Malaca.

CANCOENS
DE LUIS DE
CAMOENS.

Canção Primeira.

F Ermosa, & gentil dama, quando vejo
A testa douro, & neve; o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O colo de cristal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vos que ver tão lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, è ao mundo: alli m' inflama
Nas lagrimas que choro,
E de mim que vos amo,
Em ver que soube amaruos, me namoro:
E fico por mim só perdido de arte
Qu'ei ciuimes de mim por vossa parte.

Se por ventura viuo descontente
Por fraqueza d'espírito padecendo,
A doce pena qu'entender não sey,
Fujo de mim, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passi:

De quem me queixarei
 Se vos me dais a vida deste geito,
 Nos males que padeço,
 Se não de meu sogeito,
 Que não cabe com bê de tanto preço?
 Mas ainda isso de mim cuidar não posso,
 D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra
 Por parte do desejo, cometendo
 Algum nefando, & torpe desatino,
 Se ainda mais que ver em fim pretendo,
 Fraquezas são do corpo, qu'he de terra,
 Mas não do pensamêto, que he diuino:
 Se tão alto imagino,
 Que de vista me peço, ou peço nisto,
 Desculpame o que vejo,
 Que se em fim resisto
 Contra tão atrevido, & vão desejo:
 Façome forte em vossa vista pura,
 E armome de vossa fermosura.

Das delicadas sombrancelhas pretas,
 Os arcos com que fere amor tomou,
 E fez a linda corda dos cabellos.

Canções

E por que de vos tudo lhe quadrou,
 Dos rayos desses olhos fez as settas,
 Com que fere quem alça os seus a vellos;
 Olhos que sam tão bellos,
 Dão armas de ventagem ao amor,
 Com que as almas destrue,
 Porem se he grande a dor
 Coa alteza do mal, a restitue,
 E as armas com que mata são de sorte,
 Que ainda lhe ficais deueno a morte.

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
 Quem delles se queixar, fermosa dama,
 Mimoso está do mal que por vos sente,
 Que mayor bem deseja quem vos ama
 Que estar desabafando seus tormentos,
 Chorando, imaginando docemente?
 Quem vive descontente
 Não ha de dar aliuio a seu desgosto,
 Por que se lhe agradeça;
 Mas com alegre rosto
 Soffra seus males pera que os mereça:
 Que quem do mal se queixa que padece,
 Fallo, por que esta gloria não conhece.

De modo que se cae o pensamento,
 Em alguma fraqueza de contente,
 He por que este segredo não conheço:
 Assim que com razões não tão somente
 Desculpo ao Amor de meu tormento,
 Mas ainda a culpa sua lh' agradeço:
 Por esta fê mereço,
 A graça que effes olhos acompanha.
 O bem do doce riso,
 Mas porem não se ganha
 Chum parayso outro parayso:
 E assi de exleada a esperança,
 Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio,
 Sabe canção qu'ê por que não vejo,
 Engano com palauras o desejo.

Canção Segunda.

A Instabilidade da fortuna,
 Os enganos suaues d' amor cego,
 Suaues (se durarão longamente)
 Direi, por dar à vida algum sossego,
 Que pois a graue pena me importuna,
 Importuna

Canções

Importune meu canto a toda gente.
 E se o passado bem co mal presente
 Me endurece a voz no peito frio,
 O grande desuario
 Darà de minha pena sinal certo,
 Que hũ erro em tantos erros he cõcerto.
 E pois nesta verdade me confio,
 (Se verdade se achar no mal que digo)
 Saiba o mundo d' amor o desconcerto,
 Que ja co a razão se fez amigo,
 Só por não deixar culpa sem castigo.

Ia amor fez leyes, sem ter comigo algũa,
 Ia se tornou de cego arrazoado;
 Sò por vsar comigo sem razões:
 E se em algũa cousa o tenho errado,
 Com siso grande dor não vi nenhũa;
 Nem elle deu sem erros affeições,
 Mas por vsar de suas isenções
 Buscou fingidas causas por matarme,
 Que para derrubar me
 No abismo infernal de meu tormento,
 Não foy soberbo nunca o pensamento,
 Nem pretẽ de mais alto alevantarme
 Daquillo que elle quis, & se elle ordena
 Que

Que eu pague seu onfado atreuimento,
 Saiba qu' o mesmo amor q' me condena
 Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos qu' eu adoro, aquelle dia,
 Que decerão ao baixo pensamento,
 N' alma os aposentei suauemente,
 E pretendendo mais, como auarento,
 O coração lhe dei por iguaria,
 Qu' eu a meu mandado tinha obediente:
 Porem, como ante si lhe fey presente,
 Qu' entenderão o fim de meu desejo,
 Ou por outro despojo,
 Qu' a lingua descubrio por desuario,
 De sede morto estou posto num rio,
 Onde de meu seruiço o fructo vejo;
 Mas logo se alça se acellheo venho,
 E fogeme a agoa, se beber por fio;
 Assi q' em fome, & sede me mantenho,
 Não tem Tantaló a pena qu' eu sostenho.

Depois q' à quella em qu' eu minh' alma viue
 Quis alcançar o baixo atreuimento,
 Debaixo deste engano a alcancei,
 A nuuem do contino pensamento

Canções

Me' afigurou nos braços, & assi a tive,
 Sonhando o que acordado desejei.
 Porque a meu desejo me gabei
 De alcançar hum bem de tanto preço:
 Alem do que padeço,
 Atado em hũa roda estou penando,
 Qu' em mil mudanças me anda rodeãdo
 Onde se a algum bem subo, logo deço,
 E assi ganho, & perco a confiança,
 E assi de mi fugindo, tras mi ando;
 E assi me tem atado hũa vingança,
 Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando à vista suaue, & inhumana
 Meu humano desejo de atreuido
 Cometeo, sem saber o que fazia,
 Que de sua fermosura foy nacido,
 O cego moço, que co a setta insana
 O peccado vingou desta ousadia;
 Afora este mal qu' eu merecia,
 Me deu outra maneira de tormento,
 Que nunca o pensamento
 (Que sempre voa d'hũa à outra parte)
 Destas entranhas tristes bem se farte,
 Imaginando como o famulento,

Que

Que come mais, & a fome vai crescendo,
 Porque d' atormentarme não se aparte;
 Assim que para a pena estou viuento,
 Sou outro nouo Ticio, & não m'entendo.

De vontades alheas qu' eu roubaua,
 E qu' enganosamente recolhia,
 Em meu fingido peito me mantinha,
 De maneira o engano lhe fingia,
 Que depois qu' a meu mando as sogigaua,
 Com amor as mataua, qu' eu não tinha;
 Porem logo o castigo que conuinha
 O vingatiuo amor me fez sentir,
 Fazendome subir

Ao monte d' aspereza qu' em vos vejo,
 Copesado penedo do desejo,
 Que do cume do bem me vay cayr;
 Torno a subilo ao desejado assento,
 Torna a cayrme, embalde emfim pelejo,
 Não te espantes Sifipho deste alento,
 Qu' às costas o subido sofrimento.

Dest' arte o sumo bem se m' offerece
 Ao faminto desejo porque sinta
 A perda de perdello mais penosa,

Como

Como o auaro a quem o sonho pinça
 Achar thesouro grande, onde enriqueſce
 E farta ſua ſede cobiçofa?
 E acordando com furia preſuroſa,
 Vay cauar o lugar onde ſonhaua:
 Mas tudo o que buſcaua
 Lhe conuerte em carvão a deſventura;
 Alli ſua cobiça mais ſ'e appura,
 Por lhe faltar aquillo que ſperaua;
 Deſte arte amor me faz perder o ſiſo,
 Porque aquelles que eſtão na noite eſcura
 Nunca ſentirão tanto o triſte abyſo,
 Se ignorarem o bem do parayſo.

Canção no mais, que ja não ſey que digo?
 Mas por que a dor me ſeja menos forte,
 Diga o pregão a cauſa deſta morte.

Canção Terceira.

IA a roxa manhã clara
 Do Oriente, as portas vinha abrindo,
 Dos montes deſcubriendo
 A negr' a eſcuridão da luz auara,
O ſol

O sol que nunca para,
 De sua alegre vista saudosa,
 Tras ella pressuroso,
 Nos cavalloos cansados do trabalho,
 Que respirão nas hevuas fresco orvalho,
 S'estende claro, alegre, & luminoso.
 Os passaros voando,
 De raminho em raminho vão saltando,
 E com suaue & doce melodia
 O claro dia stão manifestando.

Amanhã bella & amena
 Seu rosto descobrindo, a speffura
 Se cobre de verdura,
 Clara, suaue, angelica serena.
 ó delectosa pena,
 ó effeito d'amoralto & potente
 Que permite, & consente
 Que onde quer que me ache, & onde steja,
 O Seraphim sempre veja,
 Por quem de viuer criste sou contente,
 Mas tu Aurora pura
 De tanto bem dà graças á ventura,
 Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
 Que representes tanta fermosura.

Canções

A luz suave & leda

A meus olhos me mostra por que mouro,
E os cabellos d'ouro

Não igo ala os que vi, mas arremeda:

Est' a he a luz qu' arreda,

A negra escudridão do sentido

Ao doce pensamento:

O orualho das flores delicadas,

São nos meus olhos lagrimas cansadas,

Qu' eu choro co prazer de meu tormento:

Os passaros que cantão

Meos spiritos sam qu' a voz leuantão

Manifestando o gesto peregrino,

(Cõ tão diuino som qu' o mundo spanião.

Assi como acontece

A quem a chara vida stã perdendo.

Qu' em quanto vay morrendo

Algũa visãõ santa lhe aparece:

A mim em quem fallece

A vida, que sois vos minha senhora,

A esta alma que em vos mora,

(Em quanto da prisãõ se stã apartando)

Vos estais juntamente apresentando,

Em forma da fermosa & roxa Aurora,

O di-

ò ditosa partida,
 ò gloria soberan^c, alta, & subida,
 Se mo não impedir o meu desejo,
 Porqu^e o que vejo em fim me torn^e a vida.

Porem a natureza
 Que nesta vista pura se mantinha,
 Me falta tão asinha,
 Quão asinha o sol falt^e a redondeza,
 S'ouuerdes qu^e he fraqueza
 Morrer em tão penoso, & triste stado,
 Amor serà culpado
 Ou vòs, ond' elle viue tão isento,
 Que causastes tão largo apartamento,
 Porque perdest^e a vida co cuidado,
 Que se viuer não posso,
 Homem formado sò de carn^e, & osso,
 Esta vida que perc^e amor ma deu,
 Que não sou meu: se mour^e o danno he vosso.

Canção de cisne feit^e em hora estrema,
 Na dura pedra fria
 Da memoria, te deixo em companhia
 Do letreiro de minha sepultura,
 Qu^e a sombra oscura ja m^e impede o dia.

Canções
Canção quarta.

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo,
Mansamente, qu' até o mar não parão
Por onde minhas magoas
Pouc' a pouco crescendo,
Para nunc' acabar se começarão:
Alli s' ajuntarão
Neste lugar ameno,
Aond' agora mouro,
Testa de neu' & ouro,
Riso brand', & suau', olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre n' alma m' estar á pincado.

Nesta florida terra,
Leda, fresca, & serena,
Led' & contente para mim vivia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia:
Hum dia n' outro dia
O sperar m' enganava,
Longo tempo passey,

Com a vida folguey,
 Só porqu' em bem tamanho m' empregava,
 Mas que me presta ja
 Que tão fermosos olhos não os ha.

O quem m' alli dissera
 Que d' amor tão profundo
 O fim podesse ver ind' algum' hora,
 O quem cuidar podera
 Qu' ouuesse ahi no mundo
 Apartarm' eu de vos minha senhora,
 Para que desd' agora
 Perdesse a esperança,
 E o vão pensamento,
 Desfeite em hum momento,
 Sem me poder ficar mais qu' a lembrança,
 Que sempre starà firme
 At' o derradeiro despedirme.

Mas a mór alegria
 Que daqui levar posso,
 Com a qual defenderme triste spero,
 E, que nunca sentia
 No tempo que fuy vosso
 Quererdes me vos quanto vos eu quero,

Cenções.

Porqu' o tormento fero
De voss' apartamento
Não vos darà tal penza,
Como a que me condena:
Que mais sentirey vosso sentimento,
Qu' o que minh' alma sente
Morr' eu senhora, & vos ficay contente.

Canção tu staras
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mim ficaras
Chorando, & suspirando,
E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tão larg' historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Canção quinta.

S' Este meu pensamento
Como he doce, & suave,
D' alma podesse vir gritando fora,
Mostrando seu tormento,
Cruel, aspero, & grave,
Diante de vos sò minha senhora,

Podera ser qu' agora
 O vosso peito duro
 Tornaua manso, & brando:
 E eu que sempre ando
 Passaro solitario humild', escuro,
 Tornad' hum cisne puro,
 Brand', & sonoro pello ar voando,
 Com canto manifesto,
 Pintara meu tormen', & vosso gesto.

Pintar' os olhos bellos
 Que trazem nas mininas
 O minino qu' os seus nelles cegou,
 E os dourados cabellos
 Em tranças d'ouro finas
 A quem o sol seus raios abaixou,
 A testa qu' ordenou
 Natura tão fermosa,
 O bem proporcionado,
 Nariz lind'afilado,
 Que cada parte tem da fresca rosa,
 A boca graciosa,
 Que querella louuar he' scusado:
 Em fim he hum thesouro,
 Perolas dentes, & palauras ouro.

Virase claramente
 ô dama delicada,
 Qu' em vos se esmerou mais a natureza,
 E eu de gent' em gente
 Trouxera trasladada
 Em meu tormento vossa gentileza,
 Soment' a aspereza
 De vossa condicão,
 Senhora não dissera,
 Porque se não soubera
 Qu' em vos podia auer algum senão,
 E s' alguém com razão,
 Porque morres dissesse, respondera
 Mourro porqu' he tão bella
 Qu'inda não sou pera morrer por ella.

E se polla ventura
 Dama vos offendesse
 Escreuendo de vos o que não sento:
 E vossa fermosura
 Tanto a terra descesse,
 Qu' a alcançasse humilad' entendimento:
 Seria o fundamento
 Daquillo que cantasse,
 Todo de puro amor,

Porque vosso louuor
 Em figura de magoas se mostrasse;
 E onde se julgasse
 A causa pello effeito, minha dor
 Diria alli sem medo
 Quem me sentir verà, de quem procedo.

Então amostraria
 Os olhos sandosos,
 E o suspirar que traz a'lma consigo,
 A fingid' alegria,
 Os passos vagarosos,
 O fallar, & esquecer me do que digo,
 Hum pel-yar comigo,
 E logo disculpar me,
 Hum recear ousando,
 Andar meu b. m. buscando,
 E de poder achallo acouardarme:
 Em fim aueriguar me
 Qu'o fim de tudo quanto stou fallando,
 São lagrimas, & amores,
 São vassas isenções, & minhas dores.

Mas quem será senhora
 Palavras com qu'iguale.

Canções

Com v'ff. sermos sura minha pena:
 Qu' em doce voz de fora
 Aquella gloria fall
 Que dentro na minh'alm' amor ordena:
 Não pode tão piquena
 Força d'engenho humano,
 Com carga tão pesada,
 Se não for ajudada
 D'hum piados' olhar, d'hum doc' engano:
 Que fazendom' o danno
 Tão delectos', & a dor tam moderada,
 Em fim se conuertesse
 Nos gostos dos lououres qu' escreuesse.

Canção não digas mais, & se teus versos
 A' pena vem pequenos,
 Não queirão de ti mais, que diras menos.

Canção sexta.

Com força desusada
 A quent' o fog' eterno
 Hum' ilha, lá nas partes d' Oriente,
 D'estranhos habitada,
 Aond' o duro inuerno
 Os campos reuerdesc' alegremente.

A Lusitana gente
 Por armas sanguinosas,
 Tem dell' o senhorio:
 Cercad' está d' hum rio
 De maritimas agoas saudosas;
 Das heruas qu' aqui nascem
 Os gados juntament', & os olhos pascem.

Aqui minha ventura
 Quis qu' hũa grande parece
 Da vida que nã o tinha se passasse,
 Para qu' a sepultura
 Nas mãos do fero Marte
 De sangue, & de lembranças matizasse:
 S' amor determinasse
 Qu' a troco desta vida.
 De mim qualquer memoria
 Ficasse com' historia,
 Que d' hũs fermosos olhos fosse lida,
 A vida, & alegria,
 Por tã o doce memoria trocaria.

Mas este fingimento
 Por minha dura sorte
 Com falsas esperanças me convida,

Canções

Não cuida o pensamento
Que pode achar na morte
O que não pode achar tam longa vida,
Está ja tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a speranza,
Mas ò que s'algum dia
Desesperar pudesse, viuiria.

De quanto tenho visto
L'agora não m'espanto,
Qu'acè desesperar se me defende,
Outrem soy causa disto,
Qu'eu nunca pude tanto,
Que causass'este fogo que m'encende:
Se cuidão que m'offende
Temor d'esquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo
Qu'algum temor deixara ao pensamento,
Quem vio tamanho enleo,
Qu'ouvesse ahi speranza sem receo?

Quem

Quem tem que perder possa
 Se pode recear,
 Mas triste quem não pode já perder:
 Senhora a culpa he vossa,
 Que pera me matar
 Bastara hum' hora sò de vos não ver:
 Posestes m' em poder
 De falsas esperanças,
 E do que mais m' espanto
 Que nunca vali tanto
 Que visse tanto bem com' esquinanças,
 Valia tão pequena
 Não pode merecer tão doce pena.



Ouves' amor comigo
 Tão brando, & pouco irado,
 Quanto agora em meus males se conhece,
 Que não ha mór castigo
 Pera quem tem errado,
 Que negar lh' o castigo que merece;
 E bem com' acontece
 Qu' assi como ao doente
 Da cura despedido,
 O medico sabido
 Tudo quanto deseja lhe consente,

Canções

Assi me consentia
Esperança, desejo, & ousadia.

E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, & long' ausencia
Quem pod' imaginar
Qu'ouueß em mi peccado
Que mereßca tão graue penitencia?
Olhay qu'he consciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Nã o vedes qu'he onzena?
Mas se tão longo, & misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca m'acabe nelle meu tormento.

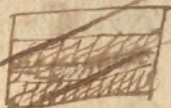
Rio fermos, & claro,
E vos o arvoredos,
Qu'os justos vencedores coroaís,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco sò, diuersos frutos daís,
Assi nunca sintaís,
Do tempo injuria algũa.

Qu'em

Qu' em vos achem abrigo
 As magoas qu' aqui digo,
 Em quanto der o sol virtude à lãa:
 Porque de gent' em gente
 Saibão que ja não mata a vid' ausente.

Canção neste desterro viuirás,
 Voz nua, & descuberta,
 Até qu' o tempo em ecco te conuertã.

Canção settima.



M Andam' amor que cante docemente,
 O qu' elle ja em minh' alma tem impresso,
 Com profuposto de desabafarme:
 E porque com meu mal seja contente,
 Diz que ser de tão lindos olhos preso
 Contallo bastaria a contentarme,
 Est' excellente modo d' enganarme
 Tomara eu sò d' amor por interessẽ,
 Se não s' arrependesse
 Com a pena o engenho escurecendo.
 Porem a mais m' atreuo,
 Em virtude do gesto de qu' escreuo,
 E se he mais o que canto qu' o qu' entendo,

Canções

Inuoc'o lind' aspeito,
Que pode mais qu' amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer soia,
Sem arco, & seus enganos desprezando,
Quando viüendo delles me mantinha
O amor enganoso, que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha:
No touro entraua Phebo, & Progne vinha,
O corno d' Acheloo Flora entornaua,
Quand' o amor soltaua
Os fios d' ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vent' esquiuas
Os olhos rutilando chamas viuas,
E as rosas entr' a neve semeadas,
Co riso tão galante,
Qu' hum peito desfizera de diamante.

Hum não sey que suave respirando,
Causaua hum admirado, & nouo spanto,
Qu' as cousas insensueis o sentião:
E as garrulas aues leuando
Vozes d' sordenadas em seu canto
Como no meu desejo s' encendião,

As fontes crystallinas não corrião,
 Inflammadas na linda vista pura,
 Florescia a verdura

Qu'andando cos diuinos pès tocava,
 Os ramos s'abaixauão,

Ou d'inueja das heruas que pisauão,

Ou porque tud'ant'ella s'abaixaua,

Não ouue cous' em fim

Que não pasmasse dell', & eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento

As cousas qu'o não tinhão, o temor

Me fez cudar, qu'effeit' em mim faria

Conhecime não ter conhecimento,

E nisto sò o riue, porqu' amor

Mo deixou, porque viſſ'o que podia:

Tanta vingança amor de mim queria,

Que mudau' a humana natureza

Nos montes, & a dureza

Delles em mim por troca traspassaua:

ò que gentil partido,

Trocar o ser do monte sem sentido,

Pello que n'hum juyzo humano staua;

Olhay que doc'engano,

Tirar commum proueito de meu dano;

Assi

Canções

Assim que indo perdendo o sentimento
 A parte racional m'entristecia,
 Vell' a hum appetite sometida,
 Mas dentro n' alma o fim do pensamento
 Por tão sublime causa me dizia
 Que era razão ser a razão vencida.
 Assim que quando a via ser perdida,
 A mesma perdição a restaurava,
 E em mansa paz estava
 Cad' hum com seu contrario n' hum sojeito,
 O grão concerto este:
 Quem será que não julgue por celeste
 A causa donde vem tamanh' effeito,
 Que faz n' hum coração
 Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti d'amor a mór fineza,
 Como foy ver sentir o insensivel,
 E o ver a mim de mim mesmo perderme:
 Em fim senti negars' a natureza,
 Por onde cri que tud' era possivel
 Aos lindos olhos seus, senão quererme,
 Depois que ja senti desfallecerme,
 Em lugar do sentido que perdia
 Não sey quem m'escreuia

Dentro n^a alma co as letras da memoria,
 O mais deste processo
 Co claro gesto juntamente impresso,
 Que foy a causa de tão longa historia,
 Se bem a declarey
 Eu não a escreuo, d^a alma a trasladey.

Canção se quem te der
 Não crer dos olhos lindos o que dizes,
 Pello qu^e em si s^e esconde
 Os sentidos humanos lhe responde
 Não podem dos diuinos ser iuyzes,
 Senão d^e hum pensamento
 Que a falta supra a fé do entendimento.

Canção oitaua.

Tomey a triste pena
 Ia de desesperado
 De vos lembrar as muitas que padefço:
 Uendo que me condena
 A ficar eu culpado
 O mal que me tratais, & o qu^e eu merefço.
 Confesso que conheço
 Qu^e em parte a causa dey
 O mal em que me vejo,

Canções

Pois sempre meu desejo
A tão largas promessas entreguei,
Mas não tive suspeita
Que seguísseis tenção tão imperfeita.

Sem vosso esquecimento
Tam condemnado estou
Com os sinais demonstrão que mostrais,
Viuo neste tormento,
Lembranças mais não dou
Qu'as que d'esta razão tomar queirais;
Olhay que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquiuanças:
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquecia,
Renouão a memoria
Pois com tela de vos sò tenho gloria.

E s'isto conhecesses
Ser verdade pura,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que não quisesses
A condicão tão dura
Andareis noutra muito differente,

42
Eulomo inofente
que e pouca neque larso
Isto em q' maior porra
De quem senten ca vera
que filale odivato p'povero
q' do no' velava
que avos pormen, camij por uq' matava

Enuq' e bita ui
Vostag' de durera
Ena abma e bita e pa q' deus vive
Nas q' alabale ali
Suas e ande firmora
Diste de engano q' ental' p'ue,
porq' ante q' adon' p'ue
Deudo meq' deudo
Hoje de trom.

Alde o entendim.
Comdoz forte / do. / guarnelido
Desta pedraria
que filo' p'udo min' e hez e g'ra
Iste alem parlado
E pou p'udo sem medo
A p'udo q' fatcel de hino or d'ena
Pode ser q' car'ado
ouste i' tan de ou l'eda
Comp'ena d' g'ra nome med' p'ene?

Ego melandona
 Et ista q. mas q. p. p. p.
 Inda amayor q. d. d.
 Berdcoy q. temoy
 Por mas q. uenda na d. d. d. q. uero
 Contudo q. tu fa? forte
 que nem mud. arme. pode am. ma. morte
 Caral / ya na d. d. d.
 v. v. tanta. v. v. v.
 La u. g. onde uera. ruina. la uerd.

Canção 9.^a

Juntado de h. s. c. f. e. r. e. v. e. l. m. o. n. t. e
 I n. u. b. i. l. e. d. y. p. r. o. d. o. l. a. b. u. o. e. i. n. f. o. r. m. e
 D. e. n. a. t. u. r. a. e. m. p. r. o. d. o. l. a. b. o. r. e. l. e. d. o.
 o. n. d. e. n. e. m. a. u. e. u. o. a. , o. n. f. e. r. a. d. o. r. e. m.
 N. e. m. v. i. o. c. h. a. r. o. l. o. r. e. , o. n. f. e. r. u. e. f. o. r. t. e.
 N. e. m. u. e. r. d. e. r. a. m. o. f. a. d. o. l. e. v. i. d. o. !
 C. a. s. i. n. o. m. e. d. o. u. l. g. o. e. n. t. r. u. d. a. r. i. d. o.
 H. e. f. e. l. i. z. p. o. r. a. n. t. i. p. r. a. s. i. n. i. f. e. l. i.

o qual

O qual a natureza
 Situou junto à parte
 Onde hum braço de mar alto reparte
 Abassia, de Arabica asperze,
 Onde fundada ja foy Berenice,
 Ficando à parte donde
 O sol que nella ferue se lhe esconde.

Nelle aparece o cabo com qu'a costa
 Affricana, que vem de Austro correndo,
 Limice faz, Aromata chamado,
 Aromata outro tempo, que correndo
 O tempo a ruda lingua mal composte
 Dos proprios outro nome lhe tem dado:
 Aqui, no mar que quer apresurado
 Entrar palla garganta deste braço,
 Me trouxe hum tempo, e teue
 Minha fera ventura,
 Aqui nesta remoc, aspera, e dura
 Parte do mundo, quis qu'a vida breue
 Tambem de si deixasse hum breue espaço,
 Porque ficasse a vida
 Pello mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gastando hũs eristes dias,

Canções

Tristes, forçados, maos, & solitarios,
 Trabalhosos, de dor, & d'ira cheos,
 Não tendo tãõ sòmente por contrarios
 A vida, o sol ardente, & agoas frias,
 Os ares grossos, feruidos, & feos,
 Mas os meus pensamentos que sam meos
 Para enganar a propria natureza.
 Tambem vi contra mi,
 Trazendome à memoria
 Alguma ja passada, & breue gloria,
 Qu'eu ja no mundo vi quando viui,
 Por me dobrar dos males a aspereza,
 Por me mostrar qu'ania
 No mundo muitas horas d'alegria.

Aqui estiu' eu com estes pensamentos
 Castando o tempo, & a vida, os qu'ais tã alto
 Me subião nas asas, que caya,
 (E vede se seria leue o salto,
 De sonhados, & vãos contentamentos,
 Em desesperacão de ver hum dia)
 Aqui o imaginar se conuerzia
 Num subito chorar, & nũs soffiros,
 Que rompião os ares:
 Aqui a alma captiua

Chagada toda estava em carne viua
 De dores rodeada, & de pesares
 Desamparada, & descuberta aos tiros
 Da soberba fortuna,
 Soberba, inexoravel, & importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
 Nem esperança algũa ond' a cabeça
 Hum pouco reclinasse por descanso,
 Tudo dor lh'era, & causa que padecesse,
 Mas que pereça não, porque passasse
 O que quis o destino nunca manso:
 ò que este irado mar gritando amanso,
 Estes ventos da voz importunados
 Parece que s'enfreão;
 Somente o ceo se uero,
 As estrellas, & o fado sempre fero
 Com meu perpetuo danno se recreão,
 Mostrando se potentes, & indignados,
 Contra hum corpo terreno
 Bicho da terra vil, & tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sò tirasse
 Saber inda por certo qu'algum' hora
 Lembrava a hús claros olhos que ja vi,

Canções

E se esta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista ja viui:
A qual tornada hum pouco sobre si,
Reboluendo na mente presurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males, & furores
Por ella padecidos, & buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E consigo por dura se julgasse.

Isto sò que soubesse, me seria
Descanso para a vida, que me fica,
Com isto afagaria o sofrimento:
Ah senhora senhora, & que tam rica
Estais, que câ tão longe de alegria
Me sustentais com hum doce fingimento;
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Sò com voßas lembranças
Me acho seguro, & forte
Contra o rosto feroz da fera morte:
E logo se me ajuntão as esperanças

Com qu' a fronte tornada mais serena
 Torna os tormentos graues
 Em saudades brandas, & suaues.

Aqui com elles fico preguntando
 Aos ventos amorosos que respirão
 Da parte donde stais, por vos senhora:
 As aues que alli voão se vos virão,
 Que fazieis, que staeis praticando:
 Onde, como, com quem, que dia, & qu' ora:
 Alli a vida cansada, se melhora
 Toma spiritos novos, com que vença,
 A fortuna, & trabalho,
 Só por tornar a veruos,
 Só por ir a seruiruos, & quereruos,
 Diz-me o tempo qu' a tudo darà talho,
 Mas o desejo ardente, que detença
 Nunca soffreo, sem tento
 M' abre as chagas de nouo ao soffrimento.

Assi viuo, & s' alguém te preguntasse
 Cancão, como nã o mouro,
 Podeslhe responder, que por que mouro.

Canções
Canção decima.

Vinde à meus são certo secretario,
Dos queixumee q̃ sempre ando fazêdo,
Papel, com quem a pena desafogo:

As sem razões digamos que vivendo
Me faz o inexoravel, & contrario
Destino surdo a lagrimas, & a rogo:

Deitemos agoa pouca em muito fogo,
Acendase com gritos hum tormento,
Qu'a todas as memorias seja estranho,
Digamos mal tamanho

A Deas, ao mudo, á gente, & em fim ao ṽeto;

A quem ja muitas vezes o contei
Tanto de balde como o conto agora:

Mas ja que para errares fuy nacido,
Vir este a ser hum delles não duuido:

Que pois ja d'acertar estou tão fora,
Não me culpem tambem se nisto errei;

Se quer este refugio sò terei,

Fallar, & errar sem culpa liuremente,

Triste quem de tão pouco stã contence.

Ja me desenganei que de queixarme,

Não s'alcança remedio, mas quem pena

Forçado lh' é gritar, s' a dor he grande:
 Critarei, mas he debil, & pequena
 A voz para poder desabafarme;
 Porque nem com gritar a dor s' abrande:
 Quem me dará se quer que fora mande
 Lagrimas, & suspiros infinitos,
 Iguais ao mal que dentro n' alma mora?
 Mas quem pode algum' hora
 Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
 Em fim direi aquillo que m' ensinão
 A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
 Qu' he outra dor por si mais dura, & firme
 Chegai desesperados para ouvir me,
 E fujão os que viem d' esperança,
 Ou aquelles que nella s' imaginão,
 Por qu' amor, & fortuna determinão
 De lhe darem poder para entenderem
 A medida dos males que tenerem.

Quando vim da materna sepultura
 De novo ao mundo logo me fizerão
 Estrellas infelices obrigado:
 Com ter liure aluedrio mo nã o derão,
 Que eu conheci mil vezes na ventura
 O milhor, & o pior segui forçado:

Canções

E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandão que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse:
As lagrimas da infancia ja manauão
Com huma saudade namorada:
O som dos gritos que no berço daua
La como de sospiros me soaua
Coa idade, & fado staua concertado:
Porque quando por caso m'embalauão
Se versos d' amor tristes me cantauão
Logo m'adormecia a natureza
Que tão conforme staua com a tristeza.

Foy minh' ama hũa fera, qu' o destino
Não quis que molher fosse a que teuesse
Tal nome para mim, nem a aueria:
Assi criado fuy, por que bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na mayor idade beberia:
E por costume não me mataria:
Logo então vi a imagem, & semelhança
D'aquella humana fera tão fermosa,
Suave, & venenosa,

Que

Que me criou aos peitos da speranza,
 De quem eu vi despois o original;
 Que de todos os grandes desatinos
 Faz a culpa soberba, & soberana:
 Parece-me que tinha forma humana,
 Mas scintillava espiritos diuinos,
 Hum meneo, & presença tinha tal,
 Que se vã gloriaua todo o mal
 Na vista della: a sombra coa viveza
 Excedia a poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
 Teue amor, que não fosse, não somente
 Prouado em mim, mas todo executado?
 Implacaveis durezas, qu' o feruente
 Desejo que dá força ao pensamento,
 Tinhão de seu proposito abailado;
 E de se ver corrido, & injuriado
 Aqui sombras phantasticas, trazidas
 De algũas temerarias esperanças,
 As bemauenturanças,
 Nellas tambem pintadas, & fingidas:
 Mas a dor do desprezo recebido,
 Qu' a phantasia me desatinava,
 Estes enganos punha em desconcerto;

Aqui

Canções

Aqui o adivinhar, & ter por certo
Qu'era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer me de corrido,
Dar às cousas que via outro sentido,
E pera tudo em fim buscar razões,
Mas erão muitas mais as sem razões.

Não sei como sabia star roubando
Cos rayos as entranhas, que fogião
Por ella pellos olhos subtilment
Pouco a pouco inuenciueis me sayão
Bem como do veo humido exhalando
Estã o sutil humor o sol ardente,
Em fim o gesto puro & transparente,
Para quem fica baixo & sem valia
Deste nome de Bello, & de fermoso
ò doce, & piadoso,
Mouer d'olhos, qu'as almas suspendia
Forão as heruas magicas, qu'o ceo
Me fez beber, as quais por longos annos
Noutro ser me tiuerão transformado:
E tão contente de me ver trocado
Qu'as magoas enganava cos enganos
E diante dos olhos punha o veo
Que me encobrisse o mal qu'assi creceo

Como

Como quem com afagos se criaua
Daquelle para quem crescido staua.

Pois quem pode pintar a vida ausente
Com hum descontentar-me quanto via,
E aquelle star tão longe donde staua,
O fallar sem saber o que dizia:
Andar sem ver por onde, & juntamente
Sospirar, sem saber que sospiraua:
Pois quando aquelle mal m' atormentaua:
E aquella dór que das Tartareas agoas
Sayo ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Duras iras tornar em brandas magoias,
Agora co furor da magoa irado:
Querer, & não querer deixar d'amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo priuado de speranza,
Que tão mal se podia ja mudar:
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce, & magoado,
Fazia conuerter estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores.

Que desculpas comigo só buscava:

Canções

Quando o suave amor me não sofria
 Culpa na cousa amada, & tam amada,
 Em fim erão remedios que fingia,
 O medo do tormento, qu' ensinava
 A vida sostentar se d'enganada,
 Nisto hũa parte della foy passada:
 Na qual se tiue algum contentamento
 Breue, imperfecto, tímido, indecent,
 Não foy senão sementem
 D'hum cumprido, & amarissimo tormẽto;
 Este curso contino de tristeza,
 Estes passos tão vãmente espalhados,
 Me forão apagando o ardente gosto,
 Que tão de siso n' alma tinha posto,
 D'aquelles pensamentos namorados,
 Em qu' eu criei a tenra natureza,
 Que do longo costume d'aspereza
 Contra quem força humana não resistem,
 Se conuerteo no gosto de ser triste.

Dest' arte a vida noutra fui trocando,
 Eu não, mas o destino fero, irado,
 Qu' eu inda a si por outra a não trocara;
 Fez me deixar o patrio ninho amado,
 Passando o longo mar, qu' ameaçando

Tantas

Tantas vezes m' esteue a vida chara,
 Agora exprimentando a furia rara
 De Marte, que cos olhos quis que logo
 Visse, & tocasse o acerbo fructo seu,
 E neste escudo meu,
 A pintura verão do infesto fogo;
 Agora peregrino vago, & errante,
 Vendo nações, lingoages, & costumes,
 Ceos varios, calidades diferentes,
 Sò por seguir com passos diligentes,
 A ti fortuna injusta, que consumes
 As idades, leuandolhe diante
 Hum' esperança em vista de diamante,
 Mas quando das mãos cae se conhece,
 Que he fragil vidro aquillo qu' apparece.

A piadade humana me faltaua,
 A gente amiga ja contraria via,
 No primeiro perigo, & no segundo
 Terra em que pòr os pès me fallecia,
 Ar pera respirar se me negaua,
 E faltauame em fim o tempo, & o mundo:
 Que segredo tão arduo, & tão profundo,
 Nacer para viuer, & para à vida
 Faltarme quanto o mundo tem para ella.

Odes

E não poder perdella,
 Estando tantas vezes ja perdida?
 Em fim não ouue trance de fortuna,
 Nem perigos, nem casos duvidosos,
 (Injustiças daquelles, qu' a confuso
 Regimento do mundo antigo abuso
 Faz sobre os outros homens poderosos)
 Qu' eu não passasse atado á fiel columna
 Do sofrimento meu, qu' a importuna
 Perseguição de males em pedaços
 Mil vezes fez à força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
 Que depois da tormenta procellosa,
 Os casos della conta em porto ledo,
 Qu' ind' agora a fortuna fluctuosa
 A tamanhas misérias me compelle,
 Que de dar hum só passo tenho medo,
 Ia de mal que me venha não m' arredo,
 Nem bem que me falleça ja pretendo,
 Que para mi não val astucia humana,
 De força soberana,
 Da providencia em fim diuina pendo,
 Isto que cuido. E vejo às vezes tomo
 Para consolação de tantos dannonos.

Mas a fraqueza humana quando lança
 Os olhos na que corre, & não alcança,
 Senão memoria dos passados annos,
 As agoas qu'então bebo, & o pão que como,
 Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,
 Senão com fabricar na fantasia
 Fantasticas pinturas d'alegria.

Que se possivel fosse que tornasse
 O tempo para tras como a memoria,
 Pellos vestigios da primeira idade,
 E de nouo tecendo a antiga historia
 De meus doces erros me leuasse
 Pellas flores que vi da mocidade,
 E a lembrança da longa saudade
 Então fosse mayor contentamento,
 Vendo a conuersação leda & suave,
 Ond'hum' & outra chaue
 Esteue de meu nouo pensamento,
 Os campos, as passadas, os sinais,
 A fermosura, os olhos, a brandura,
 A graça, a mansidão, a cortesia,
 A singell' amizade, que desuia
 Toda a baixa tenção, terrena, impura,
 Como a qual outr'alguma não vi mais,

Odes

Ah vãs memorias onde me leuais
O fraco coração? qu'inda não posso
Domar este tão vão desejo vosso.

Nomais Canção nomais, qu'irey fallando,
Sem o sentir mil annos, & s'a caso
Te culparem de larga, & de pesada,
Não pode ser (lhe dize) limitada.
A agoa do mar em tam pequeno vaso,
Nem eu delicadezas vou cantando
Co gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades ja por mim passadas,
Oxalà forão fabulas sonhadas.

Odes

DE LVIS DE CAMOES.

Ode primeira, à Lúa.

D Etem hum pouco Musa o largo pranto,
Qu' amor t' abre do peito,
E vestida de rico, & ledo manto
Demos honra, & respeito
A aquella, cujo objecto
Tod' o mundo alumia,

E quan-

Trocando a noir' escur' em claro dia.

ò Delia, qu' a pesar da nevoa grossa
 Cos teus rayos de prata
 A noir' escura fazes que não possa
 Encontrar o que tratta,
 E o que n' alma retrata
 Amor por teu diuino
 Rosto; por que endoudeço, & desatino:

Tu que de fermosíssimas estrellas,
 Coroas, & rodeas
 Teus cabellos de prata, & faces bellas,
 E os campos fermoseas,
 Co as rosas que semeas,
 Co as boninas que gera,
 O teu celeste amor na primavera.

Pois Delia dos teus cèos vendo st'as quantos
 Furtos de puridades
 Suspiros, magoas, ais, musicas, prantos,
 As conformes vontades,
 Humas por saudades,
 Outras por cruas indicios,
 Fazem das proprias vidas sacrificios.

Odes

Ja veo Endimião por estes montes,
O céo suspenso olhando
E teu nome cos olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo, & suspirando
Merces à tua beldade,
Qu'ache em ti hum' agora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado,
Nas selvas solitarias
Sò de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De tod' amor contrarias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta, & chora desventuras.

Para ti guarda o sitio fresco d' ilio
Suas sombras fermosas,
Para ti no Erymantho o lindo Epilio
As mais purpureas rosas:
E as drogas cheirosas
D'este nosso Oriente,
Guard'a felice Arabia mais contente.

De que panthera, tigre, ou leopardo,

As asperas entranhas,
 Não temerão o agudo, & fero dardo,
 Quando pellas montanhas
 Muy remotas, & estranhas,
 Ligeira atraueſſauas
 Tão fermosa, qu' amor d' amor matauas?

Das castas virgẽs sempre os altos gritos
 Clara Lucina ouuiste,
 Renouandolhe a força, & os spritos:
 Mas os daquelle triste
 Ia nunca consentiste
 Ouuillos hum momento,
 Para ser menos graue seu tormento.

Não fujas de mim assi, nem assi t'escondas,
 D'hum tão fiel amante,
 Olha como sospirãõ estas ondas,
 E como o velho Atlante,
 O seu collo arrogante,
 Moue piadosamente,
 Ouuindo a minha voz fraca, & doente.

Triste de mim que m'he pior queixarme,
 Pois minhas queixas digo,

Odes

A quem ja ergui a mão para matarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu fado sigo,
Qu'a isto me destina,
E sò isto pretende, & sò m'ensina.

O quanto ha ja qu'èo cèo me desengana:
E eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teyma insana;
Tendo liure aluedrio
Nào fujo o desuario,
E este qu' em mi vejo,
Engana co a speranza meu desejo.

ò quanto melhor fora que dormissem
Hum sono perennal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem
A causa de seu mal;
Fugira hum tempo tal,
Mais que d'antes proterua,
Mais cruel que Ussa, mais fugaz que Cerua.

Ay de mi que m' abraço em fogo viuo,
Com mil mortes ao lado,
E quando mouro mais então mais viuo.

Porque

Porqu' assi me ha ordenado
 Meu infelice stado,
 Que quando me conuida
 A morte parca morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a qu' obedeço,
 Estas rosas (por quanto
 Meus queixumes ouuistes) t'offereço
 Este fresco Amarantho
 Inda humido do pranto
 E lagrimas da sposa
 Do ciofo Tuhão branca, & fermosa.

Ode segunda.

T Am suaue, tão fresca, & tão fermosa,
 Nunca no ceo sahio,
 A Aurora no principio do verão,
 As flores dando a graça costumada,
 Como a fermosa mansa fera, quando
 Hum pensamento viuo m'inspirou,
 Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,

Nun-

Odes

Nunca no campo abrio,
Quando os rayos do sol no Touro stão,
De cores diferentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando
O sofrimento triste costumou
A pena que padeço.

Ligeira, bella Nymphe, linda, irrosa,
Nao creio que seguio
Satyro, cujo brando coração
D'amores commouesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, onde amor mostrou
Tao prospero começo.

Nunca em fim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale á quella forma, & condição
Que as dores em que viuo estima em nada:
Mas com tao doce gesto, irado, & brando
O sentimento, & a vida me enleou
Que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo qu'a alma vio,

Antre

Antre a doce dureza, & mansidão,
Primores de belleza desusada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho, me cegou,
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa,
Que ao mundo se encubrio
E nos olhos angelicos, que sam
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos que soltando
A manso vento a vida me enredou,
Me alegro, & entristeço.

Saudade, & sospeita perigosa,
Qu' amor constituyo,
Por castigo daquelles que se vão.
Temores, penas d' alma desprezada,
Fera esquiança, que me vay tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo m' offereço.

Odes
Ode terceira.

SE de meu pensamento
Tanta razão tiuera d'alegrarme,
Quanta de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triste lyra consolar-me.

E minha voz cansada
Que noutro tempo foy alegre, & pura,
Não fora assi tornada,
Com tanta desuentura
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como sohia
Podera levantar vossos louvores,
Vòs minha Hierarchia
Ouireis meus amores,
Que exemplo são ao mudo ja de dores.

Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, & momentos,
ò quam bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
Remando agora em mim d'iros tormentos.

Ay gostos fugitivos,
 Ay gloria ja acabada, & consumida,
 Cruéis males esquiuos,
 Qual me deixais a vida,
 Quão chea de pesar; quão destruida;

Mas como não he morta
 A triste vida já, que tanto dura?
 Como não abre a porta
 A tanta desventura,
 Qu' em vão co. seu poder o tempo cura?

Mas para padecella:
 Se esforce meu sogeito, & conualece,
 Que sò para dizella
 A força me fallece,
 E de todo me cansa, & enfraquece.

ò bem afortunado
 Tu qu' alcançaste com lyra toante
 Orpheo ser escutado,
 Do fero Rhadamante,
 E cos teus olhos ver a doce amante.

As infernais figuras

Moneste

Odes

Moueste com teu canto docemente,
As tres furias escuras,
implacaveis à gente,
Quietas se tornarão de repente.

Ficou como pasmado
Todo o Stygio Reyno co teu canto,
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Siphho o graue canto.

A ordem se mudava
Das penas qu'ordenava alli Plutão,
Em descanso tornava
A roda de ixião,
E em gloria quantas penas alli são.

Pello qual admirada
A Raynha infernal, & commouida
Te deu a desejada
Esposa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida.

Pois minha desventura
Como ja não abrandá hum' alma humana,

Que

Que he contra mim mais dura,
 E muy mais deshumana,
 Que o furor de Caliróe profana.

ò crua, esquiva, & fera,
 Duro peito, cruel, impedernido,
 De algũa tigre fera,
 Da Hyrcania nacido,
 Ou dantre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado
 E de quem fio emvão minhas querellas?
 Sò vos (ò do salgado
 Humido Reyno) bellas
 E claras Nymphas, condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnecidas
 Vossas louras cabeças, leuando
 Sobol' agoa erguidas,
 As tranças gottejando,
 Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia.
 Cantando, & calhendo as lindas flores,
 Vereis minha agonia.

Odes

Ouvireis meus amores,
Assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais mofo no corpo que he gerado,
Que està ja conuertido
Em choro, & neste stado
Sòmente viue nelle o seu cudadão.

Ode quarta.

Fermosa fera humana,
Em cujo coração soberbo & rudo
A força soberana
Do vingatiuo amor, que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas setas tinha rem quebradas.

Amada Circe minha,
(Posto que minha não) com tudo amada,
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.

Pois

Por natureza irosa
 Da razão te deu partes tão contrarias,
 Que sendo tão fermosa
 Folgues de te queimar em flammas varias,
 Sem arder em nenhũa,
 Mais qu' em quanto alumia o mudo a lũa.

Pois triumphando vas
 Com diuersos despojos de perdidos,
 Que tu priuando stãs
 De razão, de juyzo, & de sentidos,
 E quasi a todos dando,
 Aquelle bem qu' a todos vas negando.

Pois tanto te contenta
 Ver o nocturno moço em ferro enuolto
 Debaixo da tormenta
 De iupiter em agoa, & vento solto,
 A porta qu' impedido
 Lhe tem seu bem de magoa adormecido.

Porque não tens receo
 Que tantas insolencias, & esquiuanças,
 A Deosa que põe freo
 A soberbas, & dondas esperanças,

Odes

Castigue com rigor,

E contra ti s'acenda o fero Amor:

Olha a fermosa Flora

De despojos de mil suspiros rica,

Pello capitão chora

Que lá em Thessalia em fim vencido fica,

E foy sublime tanto

Qu'altares lhe deu Roma, e nome santo.

Olha em Lesbos aquella

No seu Psalteiro insigne conhecida

Dos muitos, que por eilla

Se perderão, perdeo a chara vida

Nã rocha que se infama

Com ser remedio estremo de quem ama.

Pello moco escolhido,

Onde mais se mostrauão as tres graças,

Que Venus escondido

Para si teue hum tempo antre as alfaças,

Pagou coa morte fria

A mã vida que a muitos ja daria.

E vendose deixada

Daquelle por quem tantos ja deixára,
 Se foy desesperada
 Precipitar da infame Rocha chara,
 Qu' o mal de mal querida
 Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomaim e brauos mares,
 Tomaim e vos, pois outrem me deixou,
 E assi dos altos ares,
 Pendendo com furor se arremessou,
 Acude tu suave,
 Acude poderosa, & divina aue.

Toma a nas as as tuas
 Minino pio illesa, & sem perigo,
 Antes que nessas cruas
 Agoas caindo, apague o fogo antigo,
 He digno amor tamanho
 De viuer, & ser tido por estranho.

Não, que he razão que seja
 Para as lobas isentas qu' amor vendem
 Exemplo, onde se veja
 Que tambem sicão presas as que prendem:
 Assi deu por sentença
 Nemesis, qu' amor quis que tudo vença.

Odes
Ode quinta.

NVi cá manhã suave
Estendendo seus rayos pello mūdo,
Despois de noite graue,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares grossos,
Com a luz clara a mim dos olhos vossos.

Aquella fermosura
Que só no virar delles resplandecẽ,
Com que a sombra oscura
Clara se faz, & o campo reuerdecẽ,
Quando meu pensamento s'entristecẽ,
Ella, & sua viueza
Me desfazem a nuuem da tristeza.

O meu peito onde stais,
He pera tanto bem, pequeno verso, *uost*
Quando a caso virais
Os olhos que de mim não fazem caso,
Todo gentil senhora então me abraço
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tiuera
 Qu' a tão fermosos olhos entregara,
 Todas quantas pudera
 Pollas pestanas delles pendurara,
 E enleuadas na vista pura & clara,
 (Posto que disso indignas,)
 Se andarão sempre vêdo nas mininas.

E vos que descuidada
 Agora viuireis de tais querellas,
 D'almas minhas cercada
 Não podesseis tirar os olhos dellas,
 Não pode ser q' vendo a vossa entr' ellas
 A dor que lhe mostrassem
 Tantas, hum' alma só não abrãdassem.

Mas pois o peito ardente
 Hũa só pode ver, fermosa dama,
 Basta qu' esta sómente
 Como se fossem duas mil vos ama:
 Para que a dor de sua ardente flama
 Com osco tanto possa,
 Que não queiras ver cinza hũa alma vossa.

Ode Sexta.

Pode hum desejo immenso
 Arder no peito tanto,
 Qu' abrande, & a viva alma, o fogo intenso
 Lhe gaste as nodos do terreno manto;
 E purifique em tanta altez o sprito
 Com olhos immortais,
 Que faz que lea mais do que vê escrito.

Que a flama que s'acende
 Alto tanto alumia,
 Que s' o nobre desejo ao bem s'estende
 Que nunca vio, à sente claro dia,
 E là vé do que busca o natural,
 A graça, a viva cor
 Noutra specie melhor qu'a corporal.

Pois vos ó claro exemplo,
 De viva fermosura
 Que de tão longe cá noto, & contemplo
 N'alma, qu' este desejo sobe, & a pura,
 Não creais que não vejo aquella imagem
 Qu' as gentes nunca vem,
 Se d'humanos não tẽ muita ventagem.
 Que

Que s' os olhos ausentes
 Não vem a compassada
 Proporção, que das cores excellentes
 De pureza, & vergonha he variada,
 Da qual a Poesia que cantou
 Até qui só pinturas
 Com mortais fermosuras igualou:

Se nam vem os cabellos
 Qu' o vulgo chama d'ouro,
 E se nam vem os claros olhos bellos
 De quem cantam q' são do sol thesouro;
 E se nam vem do rosto as excellencias,
 A quem diram que deue
 Rosa, cristal, & neve as aparencias?

Vem logo a graça pura,
 A luz alca, & serena
 Qu' he rayo da diuina fermosura,
 Que n' alma imprime, & fora reuerbera
 Assim como cristal do sol ferido
 Que por fora derrama
 A recebida flama, esclarecido.

E vem a grauidade

Odes

Com a viua alegria

Que mesturada tem, de qualidade

Qu' hũa da outra nunca se desuia,

Nem deixa hũa de ser arreceada

Por leda, & por suauê,

Nem outra por ser graue, muito amada.

E vem do honesto riso

Os altos resplandores

Temperados co doce, & ledo riso

A cujo abrir abrem no campo as flores:

As palauras discretas, & suauês

Das quaes o mouimento

Farà deter o vento, & as altas aues.

Dos olhos o virar

(Que torna tudo raso

Do qual não sabe o engenho diuisar

Se foy por artificio, ou feito a caso:

Da presença os meneos, & a postura,

O andar, & o mouer-se

Donde pode aprender-se fermosura.

Aquelle não sey, que

Qu' aspira não sey, como

Qu'in-

Qu'inuisivel saindo, a vista o vee,
 Mas pera o cōprender não lh'acha como,
 O qual toda a Toscana poesia
 Que mais Phebo restaura,
 Em Beatriz, nem em Laura nunca via.

Em vos a nossa idade
 Senhora, o pôde ver,
 S'engenho, & sciencia, & habilidade
 Igual â fermosura vossa der.
 Como eu vi no meu longo apartamento,
 Qual em ausencia a vejo;
 Tais asas dá o desejo ao pensamento.

Pois se o desejo affina
 Hum alma acesa tão
 Que por vos v'se as partes da diuina;
 Por vos leuantei não visto canto
 Qu'o Bethis m'ouça, è o Tibre me leuãte,
 Qu'o nosso claro Tejo,
 Enuolto hum pouco o vejo, & dissonante.

O campo não o esmalção
 Flores, mas só abrolhos,
 O fazem feo, & cuido que lhe faltão

4765

3429

4352

Odes

Ouvidos para mim, para vos olhos:
Mas faça o que quiser o vil costume,
Qu' o sol qu' em vos está
Na obscuridão darâ mais claro lume.

Ode Septima.

A Quê darão de Pindo as moradoras
Tão doutas, como bellas,
Florescentes capellas
Do triumphante louro, ou myrtho verde,
Da gloriosa palma, que não perde
A presunção sublime,
Nem por força de peso algũ s' oprime?

A quem trarão na fralda
Rosas, a roxa Cloris
Conchas, a branca Doris,
Estas flores do mar, da terra aquellas
Argenteas, viuias, brancas, e amarelas
Com danças, e coreas
De fermosas Nereydas, e Napeas?

A quẽ farão os Hymnos, Odes, Cantos
Em Thebas Amphion,

Em Lesbos Arion

Se nam a vos por quem restituída

Se vê da Poesia ja perdida

A honra, & gloria igual

Senhor Dom Manoel de Portugal.

Imitando os espiritos ja passados

Gentis, altos, reais,

Honra benigna dais

A meu tão baixo, quão zeloso engenho:

Por Mecenias a vos celebro, & tenho,

E sacro o nome vosso

Farei, s'algũa cousa em verso posso.

O rudo canto meu que resuscita

As honras sepultadas,

As palmas ja passadas

Dos bellicosos nossos Lusitanos,

Para thesouro dos futuros annos,

Comuofco se defende

Daley lethea, à qual tudo serende.

Na vossa arvore ornada d'honra & gloria

Achou tronco excellente

Ahèra florescente

Para

Ode's

Para a minha, até qui de baixa estima,
Na qual para trepar s'encosta, é arrima,
E nella subireis
Tam alto, quanto aos ramos estendeis.

Sempre foram engenhos peregrinos
Da fortuna enuejados:
Que quanto levantados
Por hum braço, nas asas são da fama,
Tanto por outro, a sorte qui os desama,
Co peso & gravidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'imperio,
Que vencem a fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipião, Alexandre, è Graciano
Que vemos immortais,
E vos que nosso seculo dourais.

Pois logo em quanto a cythara sonora
S'estimar pello mundo,
Com som douto, & jocundo,
E em quanto produzir o Tejo, è o Douro
Pei-

Peitos de Marte, & Phebo cresspo, & leuro,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

Ode oitava.

A Quelle vnico exemplo
De fortaleza heroyca, & ousadia,
Que mereceo no templo
Da fama eterna ter perpetuo dia,
O gram filho de Thetis, que dez annos
Flagello foy dos miseros Troyanos.

Não menos ensinado
Foy nas heruas, & medica pollicia,
Que destro, & costumado
No soberbo exercicio da milicia:
Assi qu' as mãos qu' a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar puderão.

E não se desprezou,
Aquelle fero, & indomito mancebo
Das artes qu' ensinou
Para o languido corpo, o intenso Phebo:

Odes

Que s'õ temido Hectõr matar podia,
Tambem chagas mortais curar sabia!

Tais artes aprendeo
Do semiviro mestre, & douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, sciencia, & em conselho,
Que Thelepho por elle vulnerado
Sõ delle pode ser depois curado.

Pois a vos ò excellentẽ
E illustrissimo Conde do ceo dado,
Para fazer presentẽ
D'altos Heroes, o secu'õ passado,
Em quem bem trasladada estã a memoria
De vossos ascendentes, honra, & gloria.

Posto qu'õ pensamento
Occupado tenhas na guerra infesta,
Ou co sanguinolento
Taprobano, ou Achem qu'õ mar molesta,
Ou co Cambayo occulto imigo nosso
Que qual quer delles teme o nome vosso:

Favorecei a antiga

Scien-

Sciencia que ja Achilles estimou:
 Olhay que vos obriga
 Verdes qu' em vosso tempo rebentou
 O fructo daquell'horta, onde florecera
 Plantas novas qu' os doutos não conhecem.

Olhay qu' em vossos annos
 Hũa horta produz: varias heruas
 Nos campos Indianos,
 As quaes aquellas doutas, & proteruas
 Medea, & Circe nunca conhecerão
 Posto qu' a ley da Magica excederão.

E vede carregado
 D' annos, & tras a varia experiencia
 Hum velho, qu' ensinado
 Das Gangericas musas na sciencia
 Podaliria sutil, & arte siluestre
 Vence o velho Chiron d' Achilles mestre.

O qual está pedindo
 Vosso fauor, & ajuda ao grão volume
 Qu' impresso a luz saindo
 Dará da medicina hum viuo lume,
 E descubrirnos há segredos certos

Odes

A todos os amigos encubertos.

Assi que não podeis
Negar (como vos pede) benigna aura,
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
Ajuda, quem ajuda contra a morte,
E fereis semelhante ao Grego forte.

Ode nona.

Fogem as neves frias
Dos altos montes, quando reuerdecem
As arvores sombrias,
As verdes heruas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephiro brando spirã,
Suas setas Amor afia agora,
Progne triste suspira,
E Philomela chora,
O ceo da fresca terra s'enamora.

Vay Venus cytharea
Com os coros das Nymphas rodeada,

A lin-

A linda Panopea
 Despida, & delicada
 Com as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
 Dos Cyclopes, Vulcano stá queimando,
 Uão colhendo boninas
 As Nymphas, & cantando
 A terra co ligeiro pè tocando.

Dece do duro monte
 Diana, ja cansada d'espessura,
 Buscando a clara fonte
 Onde por sorte dura
 Perdeo Acteon a natural figura.

Assi se vay passando
 A verde primavera, & seco estio,
 Tras elle vem chegando
 De pois o inuerno frio,
 Que tambem passara por certo fio.

Irseha embranquecendo
 Com a frigida neve, o seco monte,
 E iupiter chovendo

Odes

Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro o Orizente.

De Lige
Porque em fim tudo passa:
Não sabe o tempo ter firmeza em nada,
E nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa he acabada:

Que forão dos Troyanos
Hector temido, Eneas piadoso?
Consumirão os annos
O Cresso tão famoso
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
Crias qu' estava em ter thesouros fano:
O falso pensamento
Qu' á custa de teu dano
Do douto Solon creste a desengano.

O bem qu' aqui se alcança
Não dura por possante, nem por forte,
Qu' a bemaventurança
Durauel, de outra sorte

Se ha d'alcançar na vida pera a morte.

Porqu' em fim nada basta
 Contra o terribel fim da noit'eterna
 Nem pode a Deosa casta
 Tornar â luz superna
 Hypolito da escura noite Auerna.

Nem Theseo esforçado
 Com manha, nem força rigurosa
 Liurar pode o ousado
 Pirithoo da espantosa
 Prisaõ Lethea, escura, & tenebrosa.

Ode decima:

A Quelle moço fero
 Na Pelectronia coua doutrinado
 Do Centauro severo,
 Cujõ peito esforçado
 Com cutanos de tigres foy criado.

N'agõa fatal menino
 O Lava a mãy presaga do futuro
 Para que ferro fino

Odes

Não passo e peito duro,
Que de si mesmo a si se tem por muro:

A carne lh'endurece
Que ser não possa d'armas offendida:
Cega que não conhece
Que pode auer ferida
N' alma, que menos doe perder a vida.

Que aonde a braço irado
Dos Troyanos passava arnes, & escudo,
Ali se vio passado
D'aquelle ferro agudo
Do menino, que em todos póde tudo:

Alli se vio captiuo
Da captiua gentil, que serue, & adora;
Alli se vio, que viuo
Em viuo fogo m'ora,
Porque de seu senhor se vé senhora.

Ia tomia a branda lyra
Na mão que a dura Pelias menear a;
Alli canta, & suspira
Não como lh'ensinara

O velho, mas o moço que o cegara.

Pois logo, quem culpado
Será se de pequeno offerecido
Foy logo a seu cuydado,
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido.

Quem logo fraco infante
D'outro mais poderoso foi sogeito,
Que para cego amante
Foi de principio feito
Com lagrimas banhando o brando peitos.

S'agora foy ferido
Da penetrante setta, & força d'herua,
E se Amor he seruido
Que sirua a linda serua,
Para que minha estrella me reserua:

O gesto bem talhado
O airoso meneo, & a postura,
O rosto delicado
Que na vista affigura,
Que se ensina por arte a fermosura.

Odes

Comô pode deixar
De cattivar quem tenha entendimento?
Que quem não penetrar
Hum doce gesto atento,
Não lh'he nenhum louvor viuer isento.

Qu'asquelles cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Esses forão sogeitos
Ao cego, & vãõ menino,
Arrebatados do furor diuino.

O Rey famoso Hebreo
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a Deos alheo
Falso sacrificou,
Se muito soube, & tene, muito errou.

E o grão sabio qu'ensina
Passando, os segredos da Sophia;
A baixa concubina
Do vile eunucho Hermia
Aras ergueo, qu' aos Deos sò denia.

Aras ergue a quem ama;

O Philosopho insigne namorado,
 Doeſſe a perpetua fama,
 E grita, que culpado
 Da leſa diuidade he accusado.

Ia fuge donde habita,
 Ia paga a culpa enorme com deſterro;
 Mas ò grande deſdita
 Bem mostra tamanho erro,
 Que doutos corações não ſão de ferro.

Antes n'altivamente,
 No ſotil ſangue, & engenho mais perfeito;
 Ha mais conueniente
 E conforme ſogeito
 Onde ſ'emprima o brando, & doce afeito.

SEXTINAS.

Fogeme pouco a pouco a curta vida,
 (Se por caso he verdade qu'inda viuo)
 Vayse me o breue tempo d'ante os olhos,
 Choro pello passado, & em quanto fallo
 Se me passam os dias passo, & passo:
 Vayse me em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tãõ aspera de pena
 Que nunca hum' hora vio tãõ longa vida,
 Em que possa do mal mouer se hum' passo,
 Que mais me monta ser morto, que viuo?
 Para que choro em fim? para que fallo?
 Se lograrme nãõ pude de meus olhos?

ò fermosos, gentis, & claros olhos
 Cuja ausencia me moue a tanta pena,
 Quanta senãõ comprehende em quanto fallo,
 Se no fim de tãõ longa, & curta vida
 De vos m'inda inflamaſse o rayo viuo,
 Por bem teria tudo quanto passo.

Ma bem sey, que primeiro o estremo passo
 Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,

Que

Qu' amor me mostre aquelles por que vino,
 Testemunhas serão a tinta, & pena,
 Que escreuerão de tão molesta vida,
 O menos que passei, & o mais que fallo.

ò que não sei qu' escreuo, nem que fallo:
 Que se d' hum pensamento n' outro passo,
 Vejo tão triste genero de vida,
 Que se lhe não valerem tantos olhos,
 Não posso imaginar, qual seja a pena
 Que traslade esta pena com que vino.

N' alma tenha contino hum fogo vino
 Que se não respirasse no que fallo,
 Faria ja feita cinza a pena.
 Mas sobr' a mayor dor que soffro, & passo,
 Me temperão as lagrimas dos olhos,
 Com que fugindo não s' acaba a vida.

Morrendo estou na vida, & em morte vino,
 E jo sem olhos, & sem lingua fallo,
 E juntamente passo gloria, & pena.

ELEGIAS DE LVIS DE CAMÕES.

Elegia primeira.

O Poeta Simonides fallando
 Co Capitào Themistocles hum dia
 Em cousas de sciencia praticando,
 Hum' arte singular lhe prometia,
 Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
 A se lembrar de tudo o que fazia,
 Onde tão sutis regras lhe mostrasse
 Que nunca lhe passasse da memoria
 Em nehum tempo as cousas que passasse.
 Bem merecia certo fama, & gloria,
 Quem dava regra contra o esquecimento,
 Qu'enterra em si qualquer antiga historia.
 Mas o capitão claro cujo intento
 Bem differente stava porque avia
 As passadas lembranças por tormento.
 O illustre Simonides (dizi L.)
 Pois tanto em teu engenho te confias,
 Que mostras à memoria nova via.

Se me desses hum' arte qu' em meus dias
 Me não lembrasse nada do passado,
 ò quanto melhor obra me farias.
 Se este excellente ditto ponderado
 Fosse, por quem se visse estar ausente
 Em longas esperanças degradado,
 ò como bradaria justamente
 Simonides inuenta novas artes
 Não meças o passado co presente.
 Que se he forçado andar por varias partes
 Buscando à vida algũ descanso honesto,
 Que tu fortuna injusta mal repartes,
 E se o duro trabalho he manifesto
 Que por graue que seja, ha de passar se
 Com animoso sprito, & ledo gesto,
 De que serue às pessoas alembrarse
 Do que se passou ja, pois tudo passae
 Senão d'entristecer se, & magoarse.
 Se n'outro corpo hum' alma se traspassa,
 Não, como quis Pythagoras na morte,
 Mas como máda amor na vida escaça
 E se este amor no mundo està de sorte
 Que na virtude sò d'hum lindo objecto
 Tem hum corpo sem alma viuo, é forte,
 Ond' este objecto falta, que he defecto

Elegiās

Tamanho perã a vida, que ja nella
 Xésta chamando à pena a dura *Alecto*;
 Porque me não criara minha estrella
 Selvatico no mundo, & habitante
 Na dura *Scythia*, ou na aspereza della?
 Ou no *Caucaso* horrendo fraco infante,
 Criado ao peito d'algũa tigre *Hircana*;
 Homem fora formado de diamante,
 Porque a cerviz ferina, & inhumana
 Não sommittera ao jugo, & dura ley
 Daquelle que dá vida quando engana:
 Ou em pago das agoas qu'estilley
 As que do mar pastei forão de *Lethe*,
 Para que m'esquecera o que passei.
 Qu'o bem que a speranza vaã promete,
 Ou a morte o estorua, ou a mudança,
 Qu'he mal que hum' alma em lagrimas derrete;
 La senhor cairã como a lembrança
 No mal do bem passado, he triste, & dura,
 Pois nasce aonde morre a speranza.
 E se quiser saber como s'apura
 Num' alma saudosa, não se enfade
 De lér tão longa, & misera escriptura.
 Soltava *Eolo* a redea, & liberdade
 Ao manso *Fauonio* brandamente,

E eu ja a tinha solta à saudade:
 Neptuno tinha posto o seu Tridente,
 A proa a branca escuma diuidia,
 Coa gente maritima contente.
 O coro das Nereidas nos seguia,
 Os ventos namorada Calathea,
 Configo soffegados os mouia.
 Das argenteas conchinhas Panopea
 Andaua pello mar fazendo molhos
 Melanto, Diamene, com Legea.
 Eu trazendo lembranças por antolhos
 Trazia os olhos na agoa soffegada,
 E a agoa sem soffego nos meus olhos.
 A bemauenturança ja passada
 Diante de mim tinha tão presente,
 Como se não mudasse o tempo nada.
 E com o gesto immoto, & descontente,
 C'hum sospiro profundo, & mal ouuido,
 Por não mostrar meu mal a toda gente:
 Dizia, ó claras Nymphas, se o sentido
 Em puro amor tiuestes, & ind' agora
 Da memoria o não tendes esquecido,
 Se por ventura fordes algum' hora
 Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
 A Thecis, que vos tendes por senhora,

Elegias

Ou por verdes o prado verde enxuto
 Ou por colher des ouro rutilante,
 Das Tagicas areas rico fructo:
 Nellas em verso heroyco, & elegante,
 Escreuei c' hũa concha o qu' em mi vistes,
 Pode ser qu' algum peito se quebrant.
 E contando de mim memorias tristes,
 Os pastores do Tejo que me ouuiao
 Oução de vos as magoas q' me ouuistes.
 Ellas que ja no gesto me entendião,
 Nos meneos das ondas me mostrauão
 Qu' em quanto lhe pedia consentião.
 Estas lembranças que me acompanhauam
 Polla tranquillidade da bonança,
 Nem na tormenta graue me deixauão.
 Porque chegando ao cabo da speranza,
 Começo da saudade que renoua,
 Lẽbrando alonga, & aspera mudança.
 Debaixo estando ja da estrella noua,
 Que no nouo Hemispherio resplandece,
 Dando do segundo axe certa proua.
 Eis a noite com nuuës escurece
 Do ar supitamente foge o dia,
 E o largo Occeano s' embravece:
 A machina do mundo parecia

Que

Qu' em tormenta se vinha desfazendo,
 Em ferras todo o mar se conuertia.
 Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,
 Sonoras tempestades leuantauão,
 Das naos as velas concauas rompendo.
 As cordas co ruído aſſouiauaõ,
 Os marinheiros ja deſeſperados
 Com gritos pera o ceo o ar coalhauaõ.
 Os rayos por Vulcano fabricados
 Vibraua o fero, & aſpero Tonante,
 Tremendo os Polos ambos de aſſõbrados.
 Alli amor moſtrandoſe poſſante
 E que por nenhum medo não fugia,
 Mas quãto mais trabalho mais cõſtante,
 Vendo a morte diante, em mim dizia,
 S' algũa hora ſenhor a vos lembraffe
 Nada do que paſſei me lembraria.
 Em fim nunca ouue couſa que mudaffe
 O firme amor intrinſico daquelle
 Em cujo peito hũa vez de ſiſo entraſſe.
 Hũa couſa ſenhor por certo aſſelle,
 Que nunca amor ſe affina, nem ſ'apura
 Em quanto eſtã preſente a couſa delle.
 Deſt' arte me chegou miſerã uenura
 A eſta deſejada, & longa terra,

Elegias

De todo o pobre honrado sepultur L.
 Vi quanta vaidade em nos s'encerra,
 E dos proprios quão pouca, contra quem
 Foy logo necessario termos guerra.
 Que hum' ilha qu' o Rey de Porcà rem
 Que o Rey da Pimenta lhe tomàra,
 Fomos tomarilha, & succedenos bem
 Com hum' armada grossa, qu' ajuntàra
 O Visorei de Coa, nos partimos
 Com toda a gère d'armas que s'achàra,
 E com pouco trabalho destruimos
 A gente no curuo arco exercitada
 Com mortes com incendios os punimos.
 Era a ilha com agoas alagada,
 De modo que s' andava em almadias,
 Em fim outra Veneza trasladada L.
 Nella nos detiuemos sòs dous dias
 Que forão para algũs os derradeiros,
 Que passarão de Syge as agoas frias.
 Qu' estes sãõ os remedios verdadeiros
 Que para a vida stãõ aparelhados
 Aos que a querem ter por cavalleiros,
 ò lauradores bemaumenturad. s,
 Se conhecessem seu contentamento,
 Como viuem no campo sosegados.

Dalhes a justa terra o mantimento,
 Dalhes a fonte clara a agoa pura,
 Nungem suas ouelhas cento a cento.
 Não vem o mar irado, a noite escura,
 Por ir buscar a pedra do Oriente,
 Não temem o furor da guerra dura.
 Viue hum com suas arvores contente,
 Sem lhe quebrar o sono sossegado
 O cuidado do ouro reluzente.
 Selhe falta o vestido perfumado,
 E da fermosa cor Assyria tinto,
 E dos corçaes Atalicos laurado:
 Se não tem as delicias de Corincho,
 E se de Pario os marmores lhe faltão,
 O Piropo, a Esmeralda, & o Iacinto,
 Se suas casus d'ouro não s'esmaltão,
 Esmaltaselhe o campo de mil flores,
 Onde os cabritos seus comendo saltão.
 Alliamostra o campo varias cores,
 Vemse os ramos pender co fructo ameno,
 Allise affina o canto dos pastores.
 Alli cantara Tityro, & Sileno,
 Em fim por estas partes caminhou
 A saã justiça pera o ceo sereno.
 Ditoso seja aquelle que alcançou

Elegias

Poder viver na doce companhia
 Das mansas ouelhinhas que criou.
 Este bem facilmente alcançaria
 As causas naturais de toda a cousa,
 Como se gera a chuua, & neve fria.
 Os trabalhos do sol que não repousa
 E porque nos dá a lãa a luz alba,
 Se tolhermos de Phoebos os rayos oufa.
 E como tão de pressa o ceo rodea,
 E como hum só os outros traz consigo,
 E se he benigna, ou dura Scytharea.
 Bem mal pode entender isto que digo,
 Que ha de andar seguindo o fero Marte
 Que traz os olhos sempre em seu perigo.
 Porem seja senhor de qualquer arte,
 Que posto qu' a fortuna possa tanto,
 Que tão longe de todo o bem me aparta,
 Não poderã apartar meu duro caneo.
 Desta obrigação sua, em quanto a morte,
 Me não entrega ao duro Rhadamantho,
 Se pera estes ha tam leda sorte.

Elc-

Elegia segunda.

A quella que d'amor descomedido
 Pello fermoso moço se perdeu
 Que sò por si de amores foy perdido.

Depois que a Deosa em pedra a converteo,
 De seu humano gesto verdadeiro,
 A ultima voz sò lhe concedeo.

Assi meu mal do proprio ser primeiro
 Outra cousa nenhũa me consente.

Que este canto qu'escreuo derradeiro,
 E s'algũa pouca vida estando ausente.

Me deixa amor, he porque o pensamento
 Sintia a perda do bem d'estar presente.

Senhor se vos espanta o sentimento
 Que tenho em tanto mal para escrevelo,
 Furto este breue tempo a meu tormento.

Porque quem tem poder para sofrello
 Sem se acabar a vida co cuidado
 Tambem terâ poder pera dizello.

Nem eu escreuo mal tam costumado,
 Mas n'alma minha triste, e saudosa
 A saudade screue, e en traslado.

Ando gastando a vida trabalhosa,

Elegias

Espalhando a continua saudade,
 Ao longo d'ũa praya saudosa.
 Vejo do mar a instabilidade,
 Como com seu ruido impetuoso,
 Retumba na mayor concavidade.
 É com sua branca escuma furioso,
 Na terra a seu pesar lhe stà tomando
 Lugar onde s'estenda cauernoso.
 Ella como mais fraca lhe stà dando
 As concavas entranhas ond'esteja
 Suas salgadas ondas espalhando.
 A todas estas cousas tenho inueja
 Tamanha, que não sei determinar-me,
 Por mais determinado que me veja.
 Se quero em tanto mal desesperarme,
 Não posso, porque amor, & saudade,
 Nem licença me dão para matarme,
 As vezes cuido em mim se a novidade
 E estranheza das cousas, coa mudança,
 Se poderão mudar hũa vontade.
 E com isto afiguro na lembrança
 A noua terra, o nouo trato humano,
 A estrangeira gente, & estranha usança.
 Subome ao monte que Hercules Thebano
 Do altissimo Calpe diuidio,

Dando caminho ao Mar Mediterraneo.
 Dalli estou tenteando aonde vio
 O pomar das Hesperidas, matando
 A serpe qu' a seu passo resistio.
 Em ouera part' estou afigurando
 O poderoso Antheo, que derrubado
 Mais força se lhe estau' acrecentando.
 Mas do Herculeo braço sojugado
 No ar deixou a vida, não podendo
 Da madre terra ja ser ajudado.
 Nem com isto em fim qu' estou dizendo,
 Nem com as armas tão continuadas,
 De lembranças passadas me defendo.
 Todas as cousas vejo demudadas,
 Porque o tempo ligeiro não consente
 Qu' estejam de firmeza acompanhadas.
 Vi ja qu' a Primavera de contente
 De mil cores alegres reuestia
 O monte, o rio, o campo alegremente.
 Vi ja das altas aues a harmonia,
 Qu' até aos montes duros conuidana
 A hum modo suaue d'alegria.
 Vi ja que tudo em fim me contentaua,
 E que de muito cheo de firmeza
 Hum mal por mil prazeres não trocava.

Elegias

Tal me tem a mudança, & estranheza
 Que se vou pellos campos, a verdura
 Parece que se secca de tristeza.
 Mas isto he ja costume da ventura,
 Que aos olhos que viuem descontentes,
 Descontente o prazer se lh' afigura.
 ò graues & insuffrueis accidentes
 De fortuna & d' amor, que penitencia
 Tão graue dais aos peitos innocentes.
 Não basta exprimentarme a paciencia,
 Com temores, & falsas esperanças,
 Sem q̃ tambem m' attente o mal d' ausencia.
 Trazeis hum brando animo em mudanças,
 Para que nunca possa ser mudado,
 De lagrimas, suspiros, & lembranças.
 E se estiuer ao mal acostumado,
 Tambem no mal não consentis firmeza,
 Para que nunca viua descansado.
 Vinia eu sossegado na tristeza,
 E alli não me faltaua hum brando engano,
 Que tirasse os desejos da fraqueza.
 E vendome enganado estar vfano
 Deu à roda fortuna, & deu comigo
 Onde de nouo choro o nouo danno.
 la deue do bastar o qu' aqui digo,

callo

Para dar a entender o mais que callo,
 A quem ja vio tão aspero perigo.
 E se nos brauos peitos faz aballo
 Hum peito magoado, & descontente,
 Qu' obriga a quem o ouue a consolallo.
 Não quero mais senão que largamente
 Senhor me mandeis nouas dessa terra,
 Ao menos poderei viuer contente.
 Porque s' o duro fado me desterra,
 Tanto tempo do bem, qu' o fraco esprito
 Desampare a prisão onde s' encerra:
 Ao som das negras agoas de Cocito
 Ao pé dos carregados aruoredos
 Cantarei o que n' alma tenho escripto.
 E por entr' esses horridos penedos,
 A quem negou natura o claro dia,
 Entre tormentos asperos, & medos:
 Com a tremula voz cansada, & fria,
 Celebrarei o gesto claro, & puro,
 Que nunca perderei da fantasia.
 E o musico de Thracia ja seguro
 De perder sua Eurydice tangendo,
 M' ajudara ferindo o ar escuro.
 As namoradas sombras reuoluendo
 Memorias do passado m' ouuirão,

3200

Elegias

E com seu choro o rio irà crescendo.
Em Salmoneo as penas faltarão,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.
Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderà por morte escura,
Porqu' em fim a alma viue eternamente,
E amor h' effeito d'alma, & sempre dura.

Elegia terccira.

O Sulmonense Ouidio desterrado
Na aspereza do Poncho, imaginando
Verse de seus parentes apartado:
Sua chara molher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes, & ás agoas se queixaua
De seu escuro, & triste nascimento.
O curso das estrellas contemplaua,
E como por sua ordem discuria
O ceo, o ar, & a terr' adonde staua.
Os peixes pello mar nadando via,
As feras pello monte, procedendo

Como

Como seu natural lhes permittia.
 De suas fontes via estar nascendo
 Os saudosos rios de cristal,
 A sua natureza obedecendo.
 Assim, de seu proprio natural,
 Apartado se via em terra estranha,
 A cuja triste dor não acha igual.
 Sò sua doce Musa o acompanha,
 Nos versos saudosos qu'escreuia,
 E lagrimas com qu'alli o campo banha.
 Dest'arte me afigura a fantasia
 A vida com que viuo desterrado
 Do bem que noutro tempo possuia.
 Alli contemplo o gosto ja passado,
 Que nunca passará polla memoria,
 De quem o tem na mente debuxado.
 Alli vejo a caduca & debil gloria,
 Desenganar meu erro, coa mudança
 Que faz a fragil vida transitoria.
 Alli me representa esta lembrança
 Quão pouca culpa tenho, & m'entristece,
 Ver sem razão a pena que m'alcança.
 Qu'a pena que com causa se padece
 A causa tira o sentimento della,
 Mas muito doe a que se não merece.

Elegias

Quando a roxa manhã, fermosa, & bella
 Abre as portas ao sol, & cae o orualho,
 E torna a seus queixumes Philomela.
 Este cuidado que co sono atalho
 Em sonhos me parece, qu' o qu' a gente
 Por seu descanso tem, me dà trabalho.
 E depois d' acordado cegamente
 (Ou por melhor dizer desacordado,
 Que pouco acordo tem hum descontente)
 Dalli me vou com passo carregado,
 A hum ousteiro erguido, & alli m' assento,
 Soltando a redea toda a meu cuidado.
 Depois de farto ja de meu tormento,
 D' alli estendo os olhos saudosos
 A parte aonde tinha o pensamento.
 Não vejo se não montes pedregosos,
 E os campos sem graça, & seccos vejo,
 Que ja floridos vira, & graciosos.
 Vejo o puro, suaue, & brando Tejo,
 Com as concavas barcas, que nadando
 Vão pondo em doce effeito seu desejo.
 Hã uco brando vento nasegando,
 Outras cos leues remos brandamente
 As cristalinas agoas apartando.
 Dalli salto cou agra que não sente,

Com cujo sentimento a alma say
 Em lagrimas desfeita claramente
 ò fugitiuas ondas esperay,
 Que pois me não leuais em companhia,
 Ao menos estas lagrimas leuay.
 Até que venha aquelle alegre dia,
 Qu' en va onde vos his contente & ledo,
 Mas tanto tempo quem o passaria?
 Não pode tanto bem chegar tão cedo,
 Porque primeiro a vida acabará,
 Que s'acabe tão aspero de gredo.
 Mas esta triste morte que virá
 S'em tão contrario estado me acabasse,
 A alma impaciente a donde irá?
 Que se ás porcas Tartareas chegasse
 Temo que tanto mal pella memoria,
 Nem ao passar de Lethe lhe passasse.
 Que s'a Tantaló & Tycio for notoria
 A pena com que vay qu'a atormenta,
 A pena que là tem terão por gloria.
 Esta imaginação me acrecenta
 Nil magoas no sentido, por qu'a vida
 D'imaginações tristes se sustenta.
 Que pois de todo viue consumida,
 Por qu'o mal que possui se resuma

*Imagina na gloria possuida.
 Até qu'a noite eterna me consuma,
 Ou veja aquelle dia desejado,
 Em que fortuna faça o que costuma,
 Se nella hahi mudar hum criste stado.*

A DOM LIONIS
 PEREIRA, SOBRE O LI-
 uro que Pero de Magalhães lhe
 offreceo do descobrimento
 da terra sancta Cruz.

Despois que Magalhães teue recida
 A breue historia sua, qu'illustrasse
 A terra Sancta Cruz, pouco sabida;
 Imaginando a quem a dedicasse,
 Ou com cujo favor defenderia
 Seu liuro d'algum Zoylo que ladrasse:
 Tendo nisto occupada a fantasia,
 Lhe sobreueo hum sono repousado
 Antes qu'o Sol abrisse o claro dia.
 Em sonhos l'he aparece todo armado
 Marte, brandindo a lança furiosa,
 Com que fez quem o vio todo enfiado;
 Dizendo em voz pesada, & temerosa:

Não he justo qu'a outrem s'offereça
 Nenhũa obra que possa ser famosa,
 Senão a quem por armas resplandeça
 No mundo todo, com tal nome, & fama,
 Que louvor immortal sempre mereça.
 Isto assi dito, Apollo que da flamma
 Celeste guia os carros, d'outra parte
 Se lhe apresenta, & por seu nome o chama
 Dizendo: Magalhães, posto que Marte
 Com seu terror t'espante, todavia
 Comigo deues sò d'aconselhar-te.
 Hum varão sapiente, em quem Talia
 Pôs seus thesouros, & eu minha sciencia,
 Defender tuas obras poderia.
 He justo qu'a Escriptura na prudencia
 Ache sò defensão, por que a dureza
 Das armas, he contraria da eloquencia;
 Assi disse. E tocando com destreza
 A cythara dourada, começou
 De mitigar de Marte a fortaleza.
 Mas Mercurio que sempre costumou
 A desparar por fias duvidosas,
 Co Caduceo na mão que sempre v'sou,
 Determina compor as perigosas
 Opiniões dos Deoses inimigos,

Terceto

Com razões boas, justas, & amorosas.
 E disse: bem sabemos dos antigos
 Heroes, & dos modernos, que provarão
 De Bellona os grauíssimos perigos,
 Que tambem muitas vezes ajuntarão
 As armas eloquencia, porqu'as Musas
 Nil capitães na guerra acompanharão.
 Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas
 Guerras, deixarão o estudo e breue espaço,
 Nem armas da sciencia sam escusas.
 N'ũa mão liuros, n'outra ferro, & aço,
 A hũa vege, & ensina, a outra fere
 Mais co saber se vence, que co braço.
 Pois logo varão grande, se requere
 Que com teus dões Apollo illustre seja,
 E de ti Marte palma, & gloria espere.
 Este vos darei eu, em que se veja
 Saber, & esforço no sereno peito
 Que he Dõ Lionis, q̃ faz ao mûdo enueja.
 Deste as irmãs em vendo o bom sogeito,
 Todas noue nos braços o tomarão
 Criando co seu leite no seu leiteo.
 As artes, & sciencias lh'ensinarão,
 Inclinação diuina lh'influirão,
 As virtudes moraes qu'o logo ornarão.

Daqui os exercicios o seguirão
 Das armas no Oriente, onde primeiro
 Hum soldado gentil instituirão,
 Alltaes prouas fez de cavalleiro,
 Que de Christão magnanimo, & seguro,
 A si mesmo venceo por derradeiro.
 Depois ja capitão forte, & maduro,
 Governando toda Aurea Chersoneso,
 Lhe defendeo co braço o debil muro.
 Porque vindo a cercala todo o peso
 Do poder dos Achens, que se sustent
 Do sangue alheo, em furia todo aceso,
 Este sò qu'ati a arte representa
 O castigou de forte, qu' o vencido
 De ter quem fique viuo se contenta.
 Pois tanto qu' o grão reino defendido
 Deixou, segunda vez com mayor gloria,
 Para o ir governar foy elegido.
 E não perdendo ainda da memoria
 Os amigos o seu governo brando,
 Os inimigos o danno da victoria:
 Hús com amor intrinseco, esperando
 Estão por elle, & os outros congelados
 O vão com temor frio receando.
 Pois vede se serás desbaratados

Terceto

De todo por seu braço, se tornasse,
E dos mares da India degradados:
Porqu' he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alco, & subido,
Favor, & ajuda com que pelexasse.
Pois aqui certo está bem dirigido
De Magalhães o liuro, este sò deue
De ser de vos, ò Deoses escolhido.
Isto Mercurio disse: & logo em breue
Se conformarão nisto Apollo, & Marte,
E voou juntamente o sono leue.
Acorda Magalhães, & ja se parte
A vos offerecer, senhor famoso
Tudo o que nelle pos sciencia, & arte.
Tem claro estillo, engenho curioso
Para poder de vos ser recebido
Com mão benigna d' animo amoroso.
Porque sò de não ser favorecido
Hum claro sprito, fica baixo, & escuro:
Pois seja elle com vosco defendido
Como o foy de Estalaca o fraco muro.

Capi-

CAPITULO.

Aquelle mouer d'olhos excellente,
 Aquelle viuo spirito inflâmado
 Do cristallino rosto transparente
Aquelle gesto immoto & repousado,
 Que stando n' alma propriamente scrito,
 Não pode ser em verso trasladado,
Aquelle parecer qu' he infinito,
 Pera se comprehender d' engenho humano,
 O qual offendo em quanto tenho dito;
N' inflamma o coração, d' hum doce engano
N' enleua, & engrandece a fantasia,
 Que não vi mayor gloria que meu dano.
ô bemauenturado seja o dia,
 Em que tomei tão doce pensamento,
 Que de todos os outros me desuia:
E bemauenturado o soffrimento,
 Que soube ser capaz de tanta pena,
 Vendo qu' o foy da causa o entendimento.
Faça me quem me mata, o mal qu' ordena,
 Trateme com enganos, desamores,
 Qu' então me salua, quando me condena.
E se de tão suaves disfaoures

Capitulo.

Penando vive hum'alma consumida
ô que doce penar, que doer.
E se hũa condicam endurecida,
Tambem me nega a morte por meu danno,
ô que doce morrer, que doce vida.
E se me mostra hum gesto brando & humano,
Como q̃ de meu mal culpada s'acha,
ô que doce mintir, que doce engano.
E s'em quererlhe tanto ponho e acha,
Mostrando refrear o pensamento,
ô que doce fingir, que doce cacha.
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o t. v. nêco
Se sinto tanto bem sô na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a victoria?
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para mereceruos,
Que quero eu mais, que teruos por senhora?
Se procede esta bem de conheceruos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais senhora, que querervos?
S'em meu prouicio faz qualquer partido,
Sô na vista d'hũs olhos tam serenos,

De Luis de Camões. 82

Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos spritos de piquenos
Ainda não merecem seu tormento,
Que quero eu mais qu' o mais não seja menos?
A causa em fim me força o soffrimento,
Porqu' a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Qu' a razão faz a pena alegre, ou triste.

OVTAVAS.

De Luis de Camões.

A DOM ANTONIO DE
Noronha, sobre o desconcerto
do mundo.

Quem pôde ser no mundo tam quieto?
Ou quem terá tam liure o pensamento?
Quem tam experimentado, & tam discreto,
Tam fora em fim d'humano entendimento?
Qu' ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe nam reuelua, & espante o sentimento,
Deixandolhe o quizo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Outaúas.

Quem ha que veja aquelle que viuia
 De latrocínios, mortes, & adulterios,
 Qu' ao juizo das gentes merecia
 Perpetua pena, immensos vituperios?
 S'a fortuna em contrario o leua, è guia,
 Mostrando em fim, q' tudo são misterios,
 Em alteza d'estados triumphante,
 Que por liure que seja não s'espante.

Quem ha q' veja aquelle que tão clara
 Teue a vida, qu'em tudo por perfeito
 O proprio como às gentes o julgara,
 Ainda que lhe vira aberto o peito?
 S'a má fortuna ao bem sòmente auara,
 O reprime, & lhe nega seu direito,
 Que lhe não fique o peito congelado
 Por mais, & mais q' seja experimentado.

Democrito dos Deoses proferia
 Qu'erão sòs deus, a pena, & beneficio,
 Segredo algum serà da fantasia,
 De qu' eu achar não posso claro indicio:
 Que se ambos vem por não cuidada via,
 A quem os não merece, he grande vicio
 Em Deoses sem justiça, & sem rezão:
 Mas Democrito o disse, & Paulo não.

Dir'm'eis que s'este estranho desconcerto
 Nouamente no mundo se mostrasse,
 Que por liure que fosse, & muy experto,
 Não era d'espantar se m'espantasse:
 Mas que seja de Socrates foy certo,
 Que nenhum grande caso lhe mudasse,
 O vulto, ou de prudẽte, ou de constante,
 Que tome exemplo delle, & não m'espante.

Parece a razão boa, mas eu digo
 Qu'este uso da fortuna tão danado
 Que quanto & mais usado, & mais antigo
 Tanto, & mais estranhado, & blasphemado:
 Porque s' o céu das gentes tam amigo,
 Nam dá à fortuna tempo limitado,
 Nam he para causar muy grande spanto,
 Que mal tam mal olhado dure tanto.

Outro spanto mayor aqui m'enlea,
 Que com quanto fortuna tam profana,
 Com estes desconcertos senhorea,
 A nenhũa pessoa desengana:
 Nam ha ninguem qu'assente, nem que crea
 Este discurso vam da vida humana,
 Por mais que philosophe, nem qu'entenda,
 Qu'algum pouco do mundo nam pretenda.

Outaúas.

Diogenes pisa a de Platão
 Com seus sordidos pés o rico strado,
 Mostrand' outra mais alta presunção,
 Em desprezar o fausto tão prezado:
 Diogenes não vez qu' extremos são
 Esses que segues de mais alto estado,
 Que se de desprezar te prezas muito,
 La pretendes do mundo fama & fruto.

Deixo agora Reys grandes, cujo estudo
 He fartar e' a sede cubicosa,
 De querer dominar, & mandar tudo
 Com fama larga, & pompa sumptuosa:
 Deixo aquelles que tomão por escudo
 De seus vicios, & vida vergonhosa,
 A nobreza de seus antecessores,
 E não cuidão de si que são peores.

Deixo aquelle a quem o sono esperta,
 O grão favor do Rey, q' serue & adora,
 Que se mantẽ d' esta aura falsa, incerta
 Que de corações tantos he senhora.
 Deixo aquelles que stão coa boca aberta
 Por s' encher de thesouros d' hora em hora,
 Doentes desta falsa hydropesia,
 Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo

Deixo outras obras vãs do vulgo errado
 A quem nam ha ninguem que conseradiga,
 Nem doutra cousa algũa he sojugado,
 Que d'hũa opinião, & vsança antiga:
 Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
 Ou a Platão diuino, que me diga
 Este das muitas terras em qu' andou,
 Estoutro de vencellas, qu' alcançou?

Cesar dirâ, sou dino de memoria,
 Vencendo varios pouos esforçados,
 Fuy Monarcha do mundo, & larga historia
 Ficarâ de meus feitos sublimados:
 He verdade, mas esse mando & gloria,
 Lograste o muito tempo? os conjurados
 Bruto & Cassio o dirão, que se venceste
 Emfim, emfim às mãos dos teus morreste.

Dirâ Platão por ver o Eihna, & o Nilo
 Fuy a Cicilia, ao Egypto, & a outras partes,
 Sô por ver, & screuer em alto estillo
 Da natural sciencia em muitas artes:
 O tempo he breue, & queres cõsumillo,
 Platão, todo em trabalhos, & repartes
 Tao mal de teu estudo as breues horas,
 Qu' em fim do falso Phebo o filho adoras?

Pois depois que do mundo stã apartada
 A vida desta prisão terrestre & oscura,
 Estã em tamanhas cousas ocupada,
 Que da fama que fica nada cura:
 Pois s' o corpo terreno sinte nada,
 O Synico o dirã, se por ventura
 No campo onde deitado morto staua
 De si os cães, & as aues enxotaua.

Quem tam baixa tiuesse a fantasia,
 Que nunca em mōres cousas a metesse,
 Qu' em s'õ leuar seu gado à fonte fria,
 E mungir lhe do leite que bebesse,
 Quam bemauenturado que seria,
 Que por mais que fortuna reuoluesse,
 Nunca em si sentiria mayor pena,
 Que pesar lhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
 Veria correr sempre a clara fonte,
 Sem imaginar a agoa donde nasce,
 Nem quem a luz esconde no Orizonte:
 Tangendo a frauta donde o gado pasce,
 Conheceria as heruas do alto monte,
 Em Deos creeria simples, & quieto,
 Sem mais especular nenhum secreto.

D'hum certo Trasilao se le & screue,
 Entr'as cousas da velha antiguidade,
 Que perdido hum gram tẽpo o siso teue
 Por causa d'hum grande infirmitade:
 E em quanto de si fora doudo stene
 Tinha por teima, & cria por verdade
 Qu'eram suas as naos que nauegauam
 Quantas no porto Pirẽo anchorauam.

Por hum senhor muy grande se teria,
 (Alem da vida alegre que passaua)
 Pois nas que se perdiam nam perdia,
 E das que vinhão saluas s'alegrava,
 Não tardou muito tẽpo, quando hũ dia
 Huncrito seu irman, qu'ausente staua,
 A terra chega, è vëdo o irman perdido,
 Do fraternal amor foy commouido.

Aos medicos o entrega, & com auiso,
 O faz estar à cura refusada,
 Triste, que por tornarlhe o charo siso,
 Lhe tira a doce vida descansada:
 As heruas Apollineas d'improviso,
 O tornam á saude atras passada,
 Sesudo Trasilao, ao charo irman,
 Agradece a vontade, a obra não.

Outauias.

Porqu' depois de ver se no perigo,
Do trabalho qu' o siso lh' obrigaua;
E depois de nam ver o stado antigo,
Qu' a vã opiniam lh' apresentaua,
ô inimigo irmam com cor d' amigo,
Para que me tiraste (suspiraua)
Da mais quieta vida, & liure em tudo,
Que nunca pode ter nenhum sosudo.

Porque Rey, porq' Duque me trocâra?
Porque Senhor de grande forceza?
Que me daua qu' o mundo s' acabâra?
Ou qu' a ordem mudasse a natureza?
Agora he me pesada a vida chava;
Sei que cousa he trabalho, & q' tristeza,
Torne me a meu stado, qu' eu t' auiso,
Que na doudice sò consiste o siso.

Vedes aqui senhor, muy claramente
Como fortuna em todos tem poder,
Se nam sò no que menos sabe & sente,
Em quem nenhum desejo pode auer:
Este se pode rir da cega gente,
Neste nam pôde nada acontecer,
Nem estar â suspensão na balança
Do temor mào da perfida speranza.

Mas s' o sereno cêo me concedera
 Qualquer quieto, humilde, ê doce estado,
 Onde com minhas musas sò viuera,
 Sem verme em terra alhea degradado:
 E alli outrem ninguem me conheçera
 Nem eu conheçera outro mais honrado
 Se nam a vos tambẽ, como eu, contente,
 Que bem sey qu' o serieis facilmente.

E ao longo d' hũa clara, & pura fonte,
 Qu' em burbulhas nascendo conuidasse
 Ao doce passarinho que nos conte
 Quem da clara consorte o apartasse:
 Depois cubrindo a neve o ver de monte
 Ao gosalhado o frio nos leuasse,
 Anuando o juizo ao doce estudo,
 Mais certo manjar d' alma emfim que tudo.

Cantâranos aquelle que tam claro,
 O fez o fogo d' aruore Phebea,
 A qual elle em estillo grande & raro,
 Louuando, o cristallino Sorga enfrea:
 Tangeranos na firauta Sannazaro,
 Hora nos montes, hora pella arêa,
 Passara celebrando o Tejo v'fano
 O brando, & doce Lasso Castelhanô.

E com-

Outaúas

E comnosco tambem s'achará aquella
 Cujalembrança, & cujo claro gesto,
 N'alma somente vejo: por que nella
 Está em essencia, puro & manifesto,
 Por alta influença de minha estrella,
 Mitigando o firme peito honesto,
 Entretescendo rosas nos cabellos,
 De que tomasse a luz o sol em vellos.

E alli em quanto as flores acolhesse,
 Ou pello inuerno ao fogo deomodado,
 Quanto de mim sentira nos disse
 De puro amor o peito salteado,
 Não pedira eu então qu'amor me desse
 De Trasilao o insano, & doudo stado,
 Mas q'então me dobrasse o entendimento,
 Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leua a fantasia,
 Porqu'imagino em bemauenturanças,
 Se tão longe a fortuna me desuia,
 Qu'inda me não cõsente as esperanças?
 S'hum nouo pensamento amor me cria,
 Onde o lugar, o tempo, as esquiuanças
 Do bem me fazem tão desamparado,
 Que não pode ser mais qu'imaginado.

Fortuna em fim co amor se conjurou
 Contra mim, porque mais me magoasse,
 Amor a hum vão desejo m' obrigou,
 Só para qu' a fortuna mo negasse,
 O tempo a este estado me chegou,
 E nelle quis qu' a vida s' acabasse,
 Se ha em mi acabarse, o qu' eu não creio,
 Qu' atè da muita vida me receo.

OVTAVAS.

A DOM CONSTANTINO,
 Visorey na India.

Como nos vossos ombros tam constantes
 (Principe illustre & raro) sustenteis
 Tantos negocios arduos é importantes,
 Dignos do largo imperio, que regeis:
 Como sempre nas armas rutilantes
 Vestido, o mar, & a terra segureis
 Do pirata insolente, & do tyranno,
 Iugo do potentissimo Ostomano.

E como com virtude necessaria,
 Mal entendida do juizo alheo,
 A desordem do vulgo temeraria
 Na santa paz ponhaes o duro freo:
 Se com minha scitura longa & varia,
 Vos occupasse o tempo, certo creio
 Que com ridiculosa fantasia
 Contra o comum proueito pecaria.

E não menos seria reputado
 Por doce adulator, sagaz & agudo,
 Que contra mim tão baixo, è triste estado
 Busco favor em vos, que podeis tudo:
 Se contra a opinião do vulgo errado
 Vos celebrasse verso humilde & rude,
 Dirão que com lisonja ajuda peço
 Contra a miseria injusta que padeço.

Porem porqu' a virtude pode e tanto
 No liure arbitrio (como disse bem
 A Dario Rey, o moço sabio & santo,
 Que foy reedificar Hierusalem)
 Esta m' obriga qu' em humilde canto
 Contra a renção qu' a plebe ignara tem,
 Vos faça claro a quem vos não alcança,
 E não de premio algum vil esperança.

Romulo, Bacco, & outros, q̃ alcançarão
 Nomes de Semideuses soberanos,
 Em quanto pello mundo exercitavão
 Alto feitos, & quasi mais q̃ humanos:
 Com iustissima causa se queixarão,
 Que não lhe responderão os mundanos
 Favores do rumor iustos & iguaes,
 A seus merecimentos immortaes.

Aquelle que nos braços poderosos
 Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
 A quem os seus trabalhos tão famosos
 Fizerão cidadão do alto céu:
 Achou qu'a má tenção dos enuejosos
 Não se doma senão de spois qu' o véo
 Se rompe corporal, por que na vida,
 Ninguém alcança a gloria merecida.

Pois logo se varões tam excellentes
 Foram do baixo vulgo molestados,
 O vituperio vil das rudes gentes
 Em louvor dos reais, & sublimados,
 Quem na lume dos vossos accedentes,
 Poderà por os olhos, qu' abalados
 Lhe nam fique da luz vando os mayores
 Vossos passados Reis & Emperadores.

Quem

Outauas

Quem verà aquelle pay da patria sua,
 Aconte do soberbo Castelhana,
 Qu' o duro jugo sò coa spada nua
 Remoueo do pescoco Lusitano,
 Que não diga ò grão Nuno a eterna tua
 Memoria causarà (senam m' engano)
 Que qualquer teu menor tanto s' estime
 Que nunca possas ser, senam sublime?

Nisto nam fallo mais, por que conheço,
 Que da materia se m' abaixa o engenho;
 Mas pois qu' a dizer tudo m' offereço,
 Que dias ha que no desejo o tenho:
 Sendo vos de tam alto & illustre preço,
 A vida fostes pòr n' hum fraco lenho,
 Por largo mar, & vndosa tempestade,
 Sò por seruir a regia magestade.

E depois de tomar a redea dura
 Na mão, do pouo indomito, que staua
 Costumado à largueza, & à soltura
 Do pesado gouerno qu' acabaua:
 Quem nam terà por santa è justa cura,
 Qual de vosso conceito s' esperaua,
 A tam desenfreada infirmitade
 Aplicarlhe contraria qualidade.

Nam

Não he muyto senhor, s'õ moderado
 Couerno se blaffhema, & se defama,
 Porqu'õ pouo a largueza custumado
 A ley serena, & justa, dura chama:
 Pois o zello em virtude s'õ fundado
 De saluar almas da Tartarea flamma
 Coa'goa salutifera de Christo,
 Poderà por ventura ser mal quiſto.

Quem quiseſſe negar tam gram verdade
 Qual he o ſeu effeyto ſanſto, & pio,
 Negue tambem ao Sol a claridade,
 E certifique mais qu'õ fogo he frio:
 Qu'õ ſucceſſo he contrario da vontade,
 As obras que ſãõ boas, & o deſuio;
 Eſtã nas mãos dos homẽs commettel'as,
 E nas de Deos eſtã o ſucceſſo dellas.

Sey eu, & ſabem todos qu'õ os futuros
 Veram por vos o eſtado acrecentado,
 Seram memoria voſſa os fortes muros
 Do Cambayco Dãmãõ bem ſuſtentado:
 Da ruyna mortal ſeram ſeguros,
 Tendo todo o alicerſe ſeu fundado
 Sobre orfaõs emparadas com maridos,
 E pagos os ſeruiços bem devidos.

Caminho infamia ao Principe he perdersse
 Ponto do estado seu, qu'inteiro herdou:
 Por tão celebre gloria pode terse
 S'acrecentado, & prospero o deixou:
 Nunca consentio Roma ennobrecerse
 Com triumpho ninguem, se não ganhou
 Prouincia, qu' o imperio acrecentasse,
 Por mayores victorias qu' alcançasse.

Pòde eomar o vosso nome digno
 Damão por honra sua clara, & pura,
 Como ja do primeiro Constantino
 Tomou Bizancio aquelle qu'inda dura:
 E tu Rey que no Reyno Neptunino
 Lá no seo Gangetico a natura
 T'aposentou, de seres inimigo
 D'este stado, não ficas sem castigo.

Bem visto contra ti nadantes aues,
 Cortar a spumosa agoa nanegando,
 Ouuiste o som das tubas não suaues,
 Mas com temor horrifero soando:
 Sentiste os golpes asperos, & graues
 Do braço Lusitano nunca brando,
 Não soffreste o grão brado penetrante
 Qu' os tronões imi:aua do Tonante.

Mas antes dando as costas, & a victoria

A Bargances ventura não corrido,
 Disto vens a entender camanha gloria
 He de tal vencedor seres vencido,
 Quem fez obras tão dignas de memoria
 Sempre ser à famoso, & conhecido,
 Onde os juyzos altos s'estimarem,
 Qu'estes sòs tem poder de fama darem.

Não vos temais senhor do pouo ignaro
 E ingrato a quem tanto fez por elle,
 Mas sabeis, qu'he final de serdes claro,
 Serdes agora tão mal quisto delle:
 Themistocles da patria sua emparo,
 O forte liberal Cimon, & aquelle
 Que leys ao pouo deu d'Esparta antigo,
 Testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides hum robusto
 Votando no Oracismo costumado,
 Lhe disse claro assi porqu'era justo,
 Desejava que fosse desterrado:
 Pachias por fugir do pouo injusto,
 Calumnioso, dando no senado
 Conta de Lesbos, qu'elle ja mandara,
 Se tirou com sua espada a vida chara.

Outauas

Demosthenes deitado das tormentas
 Populares, a Pallas foy dizendo
 De que tres monstros grandes te contentas,
 Do Drago, Emecho, & do vil pouo horrendo?
 Que glorias immortaes ouue, qu'isentas
 Do veneno mortal fosses viuendo?
 Pois mil exemplos deixo dos Romanos,
 E vos tambem sois hum dos Lusitanos.

O V T A V A R I M A .

A S E T T A Q V E O P A P A

Mandou a el Rey Dom
 Sebastião.

Muy alto Rey, a quem os Céos em sorte
 Derão o nome Augusto, & sublimado,
 Daquelle caualleiro que na morte
 Por Christo foy de mil seccas passado:
 Pois d'elle o fiel peito, casto, & forte
 Co nome Imperial tendes tomado,
 Tomay tambem a setta veneranda,
 Qu'a vos o successor de Pedro manda.

Ia por sorte do ceo, qu' o consentio,
 Tendes o braço seu, reliquia cara,
 Defensor contra o gladio que ferio
 O pouo que David contar mandara:
 No qual, pois tudo em vos se permittio,
 Presagio temos, & esperança clara,
 Que sereis braço forte, & soberano,
 Contra o soberbo gladio Mauritano.

E o qu' este presagio agora encerra,
 Nos faz ter por mais certo & verdadeiro,
 A setta que vos dà quem he na terra
 Das reliquias celestes dispenseiro:
 Qu' as vossas settas são na justa guerra
 Agudas, & entrarão por derradeiro,
 Cayndo a vossos pés pouo sem ley
 Nos peitos que inimigos são do Rey.

Quando vossas bandeiras despregaua
 Albuquerque fortissimo com gloria,
 Pollas prayas de Persia, & alcançaua
 De nações tão remotas a victoria:
 As settas embebidas que tiraua
 O arco Armusiano, he larga historia,
 Que no ar, Deos querendo se virauão,
 Pregandose nos peitos qu' as tirauão.

Outauias:

O querido de Deos por quem pejeja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode, porque veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado:
Os contrarios reueis à Madre Igreja
Atroarão co tom do ceo irado,
Que assi deu ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sò nociuas são,
Que farão Rey as vossas, que tem liga
Com a que ja tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com qu' obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo qu' as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rey do largo imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano
Vingou com setta & animo atreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi d' alli remunerado,
Com louuores d' Apollo celebrado.

Assim vos Rey, que fostes segurança
 De nossa liberdade, & que nos dais
 De grandes bẽs certissima speranza,
 Nos costumes, & aspeito que mostrais;
 Concebemos segura confiança
 Que Deos a quem seruis & venerais,
 Vos farà vingador dos seus reueis,
 E os premios vos darà que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
 São destes vossos Reynos com verdade;
 Recebei com humilde, & leda mão,
 Pois he devido a Reys benignidade,
 Tenhão (se não merecem galardão)
 Favor se quer da Regia Magestade;
 Assim tenhais de quem ja tendes tanto
 Com o nome, & reliquia favor santo.

M 4

Eclogas



Eclogas

ECLOGAS.

A morte de D. Antonio de Noronha, q̃
morreo em Africa, & à morte de Dom
Ioão Principe de Portugal, pay
del Rey D. Sebastião.

ECLOGA I.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

Que grande variedade ṽo fazendo
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se ṽo as cousas conuertendo
Em outras cousas varias, & insperadas.
Hum dia a outro dia vay trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quão conformes s̃o na quantidade,
Tão diferentes s̃o na qualidade.

Eu vi ja deste campo as varias flores
As estrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adornados os pastores
De quanto polo mundo se deseja:
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica sobejaua.

E vi perder seu preço às brancas rosas,
 E quasi escurecerse o claro dia,
 Diante d'hūas mostras perigosas,
 Que Venus mais que nunca engrandecia:
 Em fim vi as pastoras tão fermosas
 Qu' o omor de si mesmo se temia,
 Mas mais temia o pensamento falto
 De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão diferente,
 Que moue os corações a grande spanto,
 E parece que Iupiter potente
 Se enfada ja de o mundo durar tanto:
 O Tejo corre turuo, & descontente,
 As aves deixão seu suave canto,
 E o gado em ver que a herua lhe fallece
 Mais que de a não comer nos emmagrece.

Frond. Umbrano irmão, decreto he da natura
 Inuiolauel, fixo, & sempiterno,
 Que a todo o bem succeda desventura,
 E não aja prazer que seja eterno:
 Ao claro dia segue a noite escura,
 Ao verão suave, o duro inuerno,
 E se habi quem saiba ter firmeza,
 He somente esta ley de natureza.

Outauias

Tod'alegria grande, & sumptuosa
A porta abrindo, vem ao triste estado;
Se hũa hora vejo alegre, & delectosa,
Temendo estou do mal aparelhado:
Não vês que mora a serpe venenosa
Entr'as flores do fresco, & verde prado?
Não t'engane nenhum contentamento,
Que mais instavel he, qu' o pensamento.

E praza a Deos qu' o triste, & duro fado
De tamanhos desastres se contente,
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do qu' o espera a incauta gente:
Que vejo este carualho, que queimado
Tão grauemente foy do rayo ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Qu' o Barbaro cultor meus campos arca.

Vmb. Em quanto do seguro azambugeiro
Nos pastores de Lusã ouuer cajados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo tão asinalados:
Não temas tu Frondelia companheiro,
Qu' em nenhum tempo seião sojugados,
Nem qu' a cerviz indomica obedeça
A outro jugo algum que se offerença.

E posto qu'a soberba se levante
 Do inimigo, a torto, & a direito,
 Não creas tu qu'a força repugnante
 Do fero, & nunca ja vencido peito:
 Que desde quem possui o monte Athlante,
 Até onde bebe o Hidaspe tem sogeito,
 O possa nunca ser de força alhea,
 Em quanto o sol, a terra, & o ceo rodea.

Fron. Umbrano, a temeraria segurança
 Qu'em força, ou em rezão não se assegura,
 He falsa, & vã, qu'a grande confiança
 Não he sempre ajudada da ventura:
 Que là junto das aras da speranza
 Nemesis moderada justa, & dura,
 Hum freo lh'està pondo, & ley terrível,
 Qu'os limites não passe do possível.

E s'attentas bem os grandes d'annos
 Que se nos vão mostrando cada dia,
 Porás freo tambem a esses enganos
 Que t'està afigurando a ousadia:
 Tu não ves como os lobos Tingitanos:
 Apartados de toda a couardia,
 Matão os cães do gado guardadores,
 E não somente os cães, mas os pastores?

Outaúas

E o grande curral seguro, & forte,
 Do alto monte Athlas, não ouviſte,
 Que com ſanguinolenta, & fera morte,
 Deſpouoado foy por caſo triſte?
 O caſo deſaſtrado, ò dura ſorte,
 Contra quem força humana não reſiſte,
 Qu' alli tambem da vida foy priuado
 Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmb. De lagrimas me banha todo o peito
 Deſſe caſo terribel a memoria,
 Quando vejo quão ſabio, & quão perfeito,
 E quão merecedor de longa historia:
 Era eſſe teu paſtor, que ſem direito
 Deu às Parcas a vida tranſitoria,
 Mas não hahi quem d'erua o gado farte,
 Nem do juvenil ſangue o fero Marte.

Porem, ſe te não for muito peſado,
 (la qu' eſta triſte morte me lembraſte)
 Cantares deſſe caſo deſaſtrado
 Aquelles brandos verſos que cantaste
 Quando ontem recolhendo o manſo gado
 De noſouros paſtores, t'apartaſte:
 Qu' eu tambem, qu' as ouelhas recolhia
 Não te podia ouvir como queria.

Frond. Como ques que renoue ao pensamento
 Tamanho mal, tamanha desventura?
 Porque spalhar sospiros vãos ao vento,
 Pera os que tristes são he falsa cura:
 Mas pois tambem te moue o sentimento
 Da morte de Tionio triste, & escura,
 Eu porey teu desejo em doce effeito,
 S' a d'or me nam congella a voz no peito.

Vmb. Conta agora pastor, qu' o gado pasce
 Antr' as humidas heruas sossegado,
 E lá nas altas serras, ondo nasce
 O sacro Tejo, a sombra recostado:
 Com seus olhos no chão, a mão na face,
 Está pera te ouuir aparelhado,
 E com silencio triste estam as Nymphas,
 Dos olhos estillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas, & vermelhas,
 Está suauemente apresentando,
 As doces, & sollicitas abelhas
 Com hum brando susurro vão voando:
 As mansas, & pacificas ouelhas,
 Do comer esquecidas, inclinando
 As cabeças estam ao som diuino
 Que faz passando o Tejo crisalino.

Eglogas

O vento d'entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a ave garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio:
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomena entristecida
Ao saudoso canto te convida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas nam gostaram
As mimosas ouelhas, & os cordeiros
O campo encherão d'amorosos gritos,
Nam se dependurarão dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negaram
O pasto a si, & o leite aos cabritos:
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste:
E tu tambem (ò coruo) descubriste
Quando da mão direita em voz oscura
Voando, repetiste
A tyranica ley da morce dura.

Tionio meu, o Tejo cristallino,
 E as arvores que ja desamparaste,
 Chorão o mal de tua ausencia eterna,
 Nam sey porque tam cedo nos deyxaste?
 Mas foy consentimento do destino,
 Por quem o mar, & a terra se governa.
 E a noite sempiterna,
 Que tu tam cedo viste,
 Cruel, acerba, & triste
 Se quer de tua idade nam te dera
 Que lograras a fresca primavera?
 Nam vsara com nosco tal crueza,
 Que nem nos montes fera,
 Nem pastor ha no campo sem cristeza.

Os Faunos certa guarda dos pastores
 Ia nam seguem as Nymphas na spessura,
 Nem as Nymphas aos eeuos dão trabalho
 Tudo como vês, he cheo de tristura,
 Aas abelhas o campo nega as flores,
 E às flores a aurora nega o orualho,
 Eu, que cantando espalho
 Tristezas todo o dia,
 A franta que sohia
 Alouer as altas arvores tangendo,

Eglogas

Se me vay de tristeza enrouquecendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo
Manas enuolta, & triste (ò clara fonte.)

As Tagides no rio, & n'aspereza
Do monte, as Oreadas, conhecendo
Quem t'obrigou ao duro, & fero Marte,
Como g'eral sentença vão dizendo,
Que nam pode no mundo auer tristeza
Em cuja causa amor nam tenha parte,
Porque assi dest'arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, qu'o amor, & a fantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si daua sinal certo
Do fogo que trazia
Que nunca soube amor ser encuberto.

la diante dos olhos lhe dozaõ
Imagões, & fantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento,
E pellas solitarias espessuras,
Entr'os penedos sòs, que não fallanão,

Falaua

Falava, & descubria seu tormento.
 Num longo esquecimento
 De si todo embebido,
 Andava tão perdido,
 Que quando algum pastor lhe perguntava
 A causa da tristeza que mostrava,
 Como quem para penas só vivia,
 Sorrindo lhe tornava,
 Se não viuesse triste morreria.

Mas como este tormento o aſſinalou,
 E tanto no ſeu roſto ſe moſtraſſe,
 Entendido muy bem do pay ſeſudo,
 Porque do pensamento lho tiraffe,
 Longe da causa delle o apartou,
 Porquẽ em fim longa ausencia acaba tudo:
 Mas ò falso Marte rudo,
 Das vidas cubicoſo,
 Quẽ aonde o generoſo
 Peito reſuscita em tanta gloria
 De ſeus antecellores a memoria,
 Alli fero & cruelhe deſtruiffe
 Por injuſta victoria
 Primeiro quẽ o cuidado a vida triſte.

Eclogas

Pareceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobicoſo,
Naquelle infido ſangue Mauritano
No Hiſpano ginete bellicoſo,
Qu'ardendo tambem vinha no deſejo
De derrubar por terra o Tingitano:
ò conſiado engano,
ò incurtada vida,
Qu'a virtude opprimida
Da multidão forçoſa do inimigo,
Não pode defenderſe do perigo,
Porqu' aſſi o deſtino o permittio,
E aſſi leuou conſigo
O mais gentil paſtor qu' o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da ſoberba, & dura guerra,
Do criſtallino roſto a cor mudando,
Cujo purpureo ſangue derramado
Pellas aluas eſpaldas tinge a ſerra,
Que como flor qu'a terra
Lhe nega o mantimento,
Porqu' o tempo auareneo
Tambem o largo humor lhe tem negado,

O collo inclina languido, & cansado,
 Tal te pinto Tionio dando o espirito,
 A quem to tinha dado,
 Que este he somente eterno, & infinito;

Da boca congelada a alma pura
 Co nome juntamente da inimiga,
 E excellente Marsida derramava.
 E tu gentil senhora não te obriga
 A pranto sempiterno, a morte dura,
 De quem por ti somente a vida amava:
 Por ti aos eccos daua
 Accentos numerosos,
 Por ti aos bellicosos
 Exercicios se deu do fero Marte,
 E tu ingrata, o amor ja noutra parte
 Por às, como acontece o fraco intento,
 Que em fim em fim dest' arte
 Se muda o feminino pensamento.

Pastores deste valle ameno, & frio,
 Que de Tionio o caso desastrado
 Quereis nas altas serras que se cante:
 Hum tumulto de flores adornado,

Eclogas

Lh'edificai ao longo deste rio:
Qu'a vella enfree ao duro nauegante,
E o Lasso caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos d'agoa,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: Memoria sou que grito
Para dar testemunho em toda a parte
Do mais gentil espirito
Que tirarão do múdo Amor, & Marte.

Vmbiano.

Qual o quieto sono aos cansados
Debaixo d'algũa aruore sombria,
Ou qual aos sequiosos, & encalmados,
O vento respirante, & a fonte fria,
Tais me forão teus versos delicados,
Teu numeroso canto & melodia:
E ainda agora o tom suaue & brando,
Os ouvidos me fica adormentando.

Em

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
 As areosas couas deste rio,
 E correndo estas agoas conhecerem
 Do largo mar o antigo senhorio,
 E em quanto estas heruinhas pasto derem
 As perulantes cabras, em te fio
 Qu' em virtude dos versos que cantaste
 Sempre viu a o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
 E dos montes as sombras s'acrecentão,
 De flores mil o claro ceo s'esmalta,
 Que tão ledas aos olhos s'apresentão,
 Levemos pello pé desta serra alta
 Os gados, que jagora se contentão
 Do que comida tem, Frondelio amigo,
 Anda, qu' até o outeiro irei contigo.

Fröd. Antes por este valle, amigo Umbrano
 Se t'aprouer, levemos as ouelhas,
 Que se eu por acerto não m'engano
 D'aqui me soa hum ecco nas orelhas,
 O doce accento não parece humano,
 E se eu neste caso m'aconselhas,
 Eu quero ver daqui que cousa seja,
 Qu' o tã m'espanta, e a viz me faz inuaja.

Eclogas

Umb. Contigo vou, que quanto mais m'achego
 Mais gentil me parece a voz que ouuiste,
 Peregrina, excellente, & não te nego
 Que me faz cá no peito a alma triste,
 Ués como tem os ventos em sossego?
 Nenhum rumor da serra lhe resiste,
 Nenhum passaro voa, mas parece
 Que do canto vencido lhe obedece.

Porem ir mão melhor me parecia
 Que não fossemos lá, que storuaremos:
 Mas subidos nesta arvore sombria
 Todo o valle d'aqui descubriremos;
 Os currões, & cajados toda via
 Neste comprido tronco penduremos,
 Para subir fica homem mais ligeiro,
 Deixame tu Frenzelio ir primeiro.

Espera assi, dar-te ei de pè se queres,
 Subirás sem trabalho, & sem ruído,
 E depois que subido lá estiueres,
 Dar-me as a mão de cima, que he partido:
 Mas primeiro me dize, se pu deres
 Ver, donde nace o canto nunca ouuido
 Quem lança o doce accento delicado
 Falla, que ja te vejo estar pasmado.

Umb.

Vmb. Cousas não costumadas na espessura,
 Que nunca vi, Frondelio, vejo agora;
 Fermosas Nymphas vejo na verdura,
 Cujos diuino gesto o ceo namora.
 Hũa de desusada fermosura,
 Que das outras parece ser senhora;
 Sobre hum triste sepulchro, não cessando
 Está perlas dos olhos distillando.

De todas estas altas semideas,
 Qu' em torno estão do corpo sepultado,
 Hũa regando as humidas areas
 De flores tem o cumulo adornado:
 Outras queimando lagrimas Sabeas
 Enchem o ar de cheiro sublimado,
 Outras em ricos panos mais auante;
 Enuolue brandamente hũ nouo infante.

Hũa que dantre as outras se apartou,
 Com gritos qu' a montanha entristecerão,
 Diz que depois qu' a morte a flor cortou,
 Qu' as estrellas sòmente merecerão,
 Qu' este penhor charissimo ficou
 Daquelle a cujo imperio obedecerão
 Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana;
 Té o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que s'encontrar este minino
 A noite intempestiua amanhecendo,
 Qu' o Tejo agora claro, & cristallino
 Tornar à a fera A lecto em vulco horrêdo:
 Mas se for conseruado do destino,
 Qu' as estrellas benignas prometendo
 Lhe stão o largo pasto de Ampelusa,
 Co monte qu, em mao ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
 Com abundantes lagrimas recita,
 Mas qual a eclypsada clara strella,
 Qu' ètre as outras o ceo primeiro habita:
 Tal cuberta de negro vejo aquella
 A quem sò n' alma coca a grão desdita,
 Dà câ Frondelio a mão, & sobe a ver
 Tudo o mais qu' eu de dor não sey dizer.

Fród. ò criste morte, esquiua, & mal olhada,
 Qu' a tantas fermosuras injurias,
 D' aquella Deosa bella, & delicada,
 Se quer algum respeito ter deusas:
 Esta he por certo Aonia filha amada
 Daquelle grão pastor, qu' em nossos dias
 Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
 Espanta o morador do Euxino fero.

Morreolhe o excellente, & poderoso,
 (Qu' a isso está sogeta a vida humana)

Doce Aonio, d' Aonia charo esposo,

Ah ley dos fados aspera, & tyranna:

Mas o som peregrino, & piadoso

Com qu' a fermosa Nympha a dor engana,

Escuta hum pouco, nota, & vê Umbrano,

Quam bem que soa o verso Castelhana.

Aonia.

Alma, y primero amor del alma mia,

Spiritu dichoso, en cuya vida

La mia estuuo en quanto Dios queria.

Sombra gentil, de su prision salida,

Que del mundo a la patria te bcluiste

Donde fuiste engendrada, y procedida.

Rescibe alli este sacrificio triste,

Que t' offrescen los ojos que te vieron,

Si la memoria dellos no perdiste.

Que pues los alcas cielos permitieron,

Que no t' acompañasse en tal jornada,

Y para ornarse solo a ti quisieron,

Nunca permitiràn qu' acompañada

De mí no sea esta memoria tuya,

Que

Eclogas

Que stà de tus despojos adornada.
 Ni dexaràn, por mas qu'el tiempo huya
 D'estar en mi con sempiterno llanto,
 Hasta que vida, y alma se destruya.
 Mas tu gentil spiritus entretanto
 Que otros campos, y flores vas pisando,
 Y otras camponas oyes y otro canto,
 Ahora embuescido estes mirando
 Allà en el Empyreo aquella Idea
 Qu'el mūdo ensyena, y rige cō su mando.
 Ahora te possuya Scytharea,
 En su tercero asiento, o porque amaste,
 O porque nueva amante allà te sea.
 Ahora el sol te admire, si miraste
 Como v'à por los signos encendido,
 Las tierras alumbrando que dexaste.
 Si en ver estos milagros no has perdido
 La memoria de mi, o fue en tu mano
 No passar por las agoas del oluido?
 Buélue vn poco los ojos a este llano,
 Veràs vna qu' a ti con triste lloro
 Sobre este marmol sordo llama en vano.
 Pero si entraren en los signos de oro,
 Lagrimas, y gemidos amorosos,
 Que muenan el supremo, y sancto choro,
La

La lumbre de tus ojos tan hermosos
 Yo la verè muy presto, y podré verte,
 Que a pesar de los hados enojosos
 También para los tristes vuo muerte.

ECLOGA II.

Almeno, & Agravario, pastores.

A longo do sereno
 Tejo, suave, & brando,
 Num valle d'altas arvores sombrio,
 Estava o triste Almeno
 Suspiros spalhando
 Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
 No derradeiro fio
 O tinha a speranza,
 Que com doces enganos
 Lhe sustentara a vida tantos annos
 Num amorosa, & branda confiança,
 Que quem tanto queria
 Parece que não erra se confia.

A noite escura dava
 Repouso aos cansados

Eclogas

Animais, esquecidos da verdura,

O valle triste staua.

Chũs ramos carregados

Qu'a noite fazião mais escura:

Mostraua a espessura

Hum temeroso spanto,

As roucas rãs soauão

Num charco de agoa negra, & ajudauão

Do passaro nocturno o triste canço.

O Tejo com som graue

Corria mais medonho que suau e

Com toda a tristeza

No silencio consiste,

Parecia qu'o valle staua mudo,

E com esta graueza

Estaua tudo triste,

Porem o triste Almeno mais que tudo:

Tomando por escudo

De sua doce pena

Para poder soffrella,

Estar imaginando a causa della;

Qu'em tanto mal, he cura bem piquena,

Maior he o tormento,

Que toma por aliuio hum pensamento.

Ao rio se queixava,
 Com lagrimas em fio,
 Com que crecção as ondas outro tanto,
 Seu doce canto daua
 Tristes agoas ao rio,
 E o rio triste som ao doce canto;
 Ao cansado pranto,
 Qu' as agoas refreava,
 Responde o valle vmbroso,
 Da mansa voz o accento temeroso,
 Na outra parte do rio retumbava,
 Quando da fantasia
 O silencio rompendo, assi dizia.

Corre suaue & brando
 Com tuas claras agoas,
 Saldas de meus olhos (doce Tejo)
 Fê de meus males dando,
 Para que minhas magoas
 Sejam castigo igoal de meu desejo,
 Que pois em mim não vejo
 Remedio, nem o spero,
 E a morte se despreza,
 De meu mattar, deixandome à crueza
 Daquella por quem meu tormento quero,

Eclogas

Saiba o mundo meu dano
Porque se desengane em meu engano.

Ia que minha ventura,
Ou quem m'a causa ordena,
Quer por paga da dor como soffrella;
Serà mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de aver ja cura nella:
Porque se minha estrella
Causou tal esquiuança,
Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança,
Que para isso naci,
Para viuer na morte, & ella em mi.

Não cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Qu'aqui tem hũa alma ao jugo attada,
Nem falte o soffrimento,
Porque parece vicio,
Para tão doce mal faltarme nada,
ò Nympha delicada,
Honra da natureza,

Como pode isto ser,
 Que de tão peregrino parecer
 Podesse proceder tanta crueza?
 Não vem de nenhum geito
 De causa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
 He contra a causa della?
 Fora he de natural minha tristeza:
 Mas a mim que me espanta,
 Não basta ò Nympha bella,
 Que podes preuerter a natureza;
 Não he a gentileza
 De teu gesto celeste
 Fora do natural;
 Não pode a natureza fazer tal:
 Tu mesma (bella Nympha) te fizeste;
 Porem porque tomaste
 Tão dura condição se te formaste?

Por ti o alegre prado
 Me he pesado, & duro,
 A brolhos me parecem suas flores;
 Por ti do manso gado
 Como de mim, não curo,

Eclogas

Por não fazer offensa a teus amores,
Os jogos dos pastores,
As lutas entr' a rama,
Nada me faz contente,
E sou ja do que fuy tão diferente,
Que quando por meu nome alguém me chama
Pasma quando conheço
Qu'inda comigo mesmo me pareço.

O gado qu' apacento
São n' alma meus cuidados,
E as flores que no campo sempre vejo
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com qu' estou enganando meu desejo,
As agoas frias do Tejo
De doces se torn'arão
Ardentes, & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturarão,
Como quando mistura
Hyppanis co Exampéo su' agoa pura.

Se ahi no mundo ouvesse
Ouviresse algũa hora

Assentada na praya deste rio,
 E de arte te disseste,
 O mal que passo agora,
 Que podesse mouerte o peito frio,
 ò quanto desuario
 Que stou asfigurando:
 Agora meu tormento
 Não pode pedir mais ao pensamento,
 Qu' este fantasiar que imaginando
 A vida me reserua,
 Querer mais de meu mal ser à soberba.

Ia a esmaltada Aurora
 Descobre o negro manto,
 Da sombra qu' as montanhas encubria,
 Descansa frauta agora,
 Que meu cansado canto
 Não merece que veja o claro dia.
 Não canse a fantasia
 D' estar em si pintando
 O gesto delicado,
 Em quanto tras ao pasto o manso gado.
 Este pastor que lá só vem falando:
 Calarmecci somente,
 Que meu mal, nem ouvir se me consente.

Hoje quinze
 do mes de outubro
 Demil e setecentos
 e cinquenta e dois
 em dia de j. a. de
 Jesus das
 hoias da manha
 de a. me do
 eodia houue ho
 guar de tor me
 de uneto tanto
 como por
 va em que buo
 muitas morte
 no mar em mu
 per das na terra
 nunca es que se
 no so sen for
 se ten ber de fo
 O He
 Civam
 amam: je
 173

Eclogas
Agrario Pastor.

Fermosa manhã clara, & delectosa,
Que como fresca rosa na verdura,
Te mostras bella, & pura, marchetando
As Nymphas espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, ru sò fazes
Quando a sombra desfazes, triste, & escura,
Fermosa a speffura, & fresca a fonte,
Fermoso o alto monte, & o rochedo,
Fermoso o arvoredo, & delectoso,
Em fim tudo fermoso co teu rosto,
D'ouro, & rofo composto, & claridade.
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando num momento o roxo dia,
Co a doce harmonia nos cantares,
Dos passaros apares, que voando
Seu pasto andão buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos, que mantem.
Ó grande, & summo bem de natureza,
Estranha sutileza de pintora,
Que matiza num hora de mil cores,
O céo, a terra, as flores, monte, & prado,
ò tempo ja passado, quão presente
Te vejo abertamente na vontade,

Quamãha saudade tenho agora,
 Do tempo qu' a pastera minha amava,
 E de quanto prezava minha dor:
 Então tinha o amor mayor poder,
 Então num só querer nos igualava,
 Porque quando hum chamaua a quem queria,
 O ecco respondia d'affeição,
 No brando coração da doce imiga.
 Nesta amorosa liga concertauião,
 Os tempos que passauão com prazeres.
 Mostrava a flaua Ceres pollas eiras,
 Das brancas sementeiras ledo fructo,
 Pagando seu tribueo òs lauradores,
 E enchia aos pastores tod' o prado
 Pales, do manso gado guardadora;
 Zephiro, & fresca Flora passeando
 Os campos esmaltando de boninas.
 Nas agoas cristalinas triste stava
 Narciso, qu' inda olhava n' agoa pura,
 Sua linda figura delicada;
 Mas ecco namorada de seu gesto
 Com pranto manifesto seu tormento,
 No derradeiro accento lamentava,
 Alli tambem se achava o sangue tinto
 Do purpureo Iacinto, & o destroço

Eclogas

De Adonis lindo moço, morte fea,
 Da bella Scytharea tão chorada,
 Toda a terra esmalçada destas rosas.
 Allias Nymphas fermosas pellos prados
 Os Faunos namorados apos ellas,
 Mostrandolhe capellas de mil cores,
 Que fazião das flores que colhião,
 As Nymphas lhe fogião amedrentadas,
 As fraldas leuandadas pellos montes,
 A fresca agoa das fontes espalhar-se.
 Ueruno transformarse alli se via,
 Pomona que trazia os doces fructos,
 Alli pastores muitos, que rangião,
 As gaitas que trazião, & cantando
 Estauão enganando suas penas,
 Tomando das Sirenas o exercicio.
 Ouui-se Salicio lamentarse
 Da mudança queixarse crua, & fea,
 Da dura Galathea tam fermosa;
 E da morte enuejosa Nemoroso
 Ao monte cauernoso se querella,
 Que sua Elisa bella em pouco espaço
 Cortara inda em agraco a dura sorte,
 Ó immatura morte, qu'a ninguem
 De quantos vida tem, nunca perdoadas,
Mas

Mas tu tempo que voas apressado,
Hum deleitoso estado quam asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras,
Em mil desaventuras, & a lembrança
Nos deixas por herança do que levas;
Assi que se nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no milhor.
Cada vez em pior te vas mudando,
Quanto vês inuendendo, que oje aprouas,
Logo amanhã reprovias com instancia:
ò estranha inconstancia, & tão profana,
De toda a cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo,
Mas eu de que me queixo? ou que digo?
Viue o tempo comigo, ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser diuino?
Elle vsa de contino seu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dânos fructo colhido na sazão
Do fermoso verão, & no inuerno,
Com seu humor eterno congelado,
Do vapor leuantado, co a quentura
Do sol, à terra dura lhe dà alento,

Eclogas

Para que o mantimento produzindo
Esté sempre cumprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,
Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre stá quedo no diuido,
Porque este he seu partido, & sua vsança,
E nelle esta mudança, he mais firmeza.
Mas quem a ley despreza, & pouco estima,
De quem de là de cima estã mouendo
O cêo sublime & horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro, & firme estado,
Do tempo não mudado da verdade,
Não foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellentē,
Viua então a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua pão,
Sem ser cauado o chão as fructas daua,
Nem chuua desejava, nem quentura,
Supria então natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida,
Saturno, que perdia a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do cêo deitado onde viua,
Porque os filhos comia, que gerava,
Por isso se mudava o tempo igual.

Em mais baixo metal, & assi decendo
 Nos veo assi trazendo a este stado.
 Mas eu desfazinado a donde vou?
 Para onde me leuou a fantasia?
 Qu' estou gastando o dia em vãs palauras?
 Quero ora minhas cabras ir leuando
 Ao manso Tejo brando, porque achar
 No mundo que emendar, não he d' agora,
 Basta que a vida fora delle tenho,
 Com meu gado me auenho, & estou contente,
 Porem se me não mente a vista, eu vejo
 Nesta praya do Tejo, estar deitado
 Almeno, que enleuado em pensamentos,
 As horas, & momentos vay gastando,
 Par' elle vou chegando, sò por ver
 Se poderei fazer que o mal que sente
 Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

ò doce pensamento, o doce gloriã,
 São estes por ventura os olhos bellos
 Que tem de meus sentidos a vittoria?
 São estas (Nympha) as tranças dos cabellos
 Que fazem de seu preço o ouro alheo,

Eclogas

E a mim de mim mesmo, sò com vellos?
He esta a alua colūna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas^e
Que eu nos braços tenho, & não o creio?
Ah falso pensamento, que m'enganas,
Fazes-me pòr a boca onde não deuo,
Com palauras de doudo, & quasi insanás.
Como alçarte tão alto assi m'atreuo?
Tais asas doudas eu, ou tu mas das?
Leuas-me tu a mim, ou eu te leuo?
Não poderey eu yr onde tu vas?
Porem pois yr não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes onde estàs.

Agrario.

ò que triste successo foy d'amores
O qu'a este pastor aconteeo,
Segundo ouui contar a outros pastores.
Que tanto por seu dano se perdeo,
Qu'o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho conuerteo.
ò forçoso vigor do pensamento,
Que pòde noutra cousa star mudando
A forma, a vida, o siso, o entendimento.
Està se hum triste amante transformando

Na vontade daquella que tanto ama,
 De si sua propria effencia traspor:ando.
 E nenhũa outra cousa mais desama
 Qu'a si, se vé qu' em si ha algum sentido,
 Que deste fogo insano não s' inflama.
 Almeno que aqui stá tão influido
 No fantastico sonho, qu' o cuidado
 Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
 Estaselhe pintando d'enleuado
 Que tem ja da fantastica pastora
 O peito diamantino mitigado.
 Em este doc'engano staua agora
 Falando como em sonhos, mas achando
 Ser vento o que sonhaua, grita, & chora.
 Dest' arte andauão sonhos enganando
 O pastor somnolento, qu'a Diana
 Andaua entr' as ouelhas celebrando.
 Dest' arte a nuuem falsa em forma humana
 O vão pay dos Centauros enganaua,
 (Qu' amor quando conie'ta sempre engana)
 Como a este que consigo sò fallaua,
 Cudando que fallaua d'enleuado,
 Com quem lhe o pensamento figuraua.
 Não pôde quem quer muito ser culpado,
 Em nenhum erro, quando vem a ser

Eclogas

O amor em doudice transformado.
Não he amor amor, se não vier
Com doudices, deshonras, discenções,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer.
Perigos, linguas más, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdições:
Estas são verdadeiras penitencias
De quem poem o desejo onde não deue,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem amor, que não se screue
Senão onde he illicito, & custoso,
E onde he mòr perigo mais s'atreu.
Passava o tempo alegre, & deleitoso
O Troyano pastor, em quanto andava
Sem ter alto desejo, & perigoso.
Seus furiosos Touros coroaava,
E nos alamos altos escreuia
Teu nome (Ennone) quando a ti sò amava.
Crecião os altos alamos, crecia
O amor que te tinha sem perigo,
E sem temor contente te seruia.
Mas despois que deixou entrar consigo
Illicito desejo, & pensamento,
De sua quietação tão inimigo,

A toda a patria pos em detrimento
 Com morte de parentes, & de irmãos,
 Com cru incendio, & grande perdimento.
 Nisto fenecem pensamentos vãos,
 Tristes serviços mal galardoados,
 Cuja gloria se passa dantre as mãos.
 Lagrimas, & suspiros arrancados,
 D'alma, todos se pagão com enganos,
 E oxala fossem muitos enganados.
 Andão com seu tormento tão vfanos,
 Castando na doçura d'hum cuidado
 Apos hum'esperança tantos anos.
 E tal ha tão perdido namorado,
 Tão contente co pouco, que daria
 Por hum sò mouer d'olhos, todo o gado.
 E em todo o pouoado & companhia,
 Sendo ausentes de si, estão presentes
 Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
 E hum certo não sei que andão contentes,
 E logo hum nada os torna ao contrario
 De todo o ser humano diferentes.
 O tyrannico amor, o caso vario,
 Que obriga hum querer que sempre seja
 De si continuo & aspero aduersario.
 E outr' hora nenhũa alegre esteja,

Eclogas

Senão quando do seu despojo amado
Sua imiga estar triumphando veja.
Quero fallar com este, qu' enredado
Nesta cegueira está sem nenhum tento,
Acorda ja pastor desacordado.

Alm. ò porque me tiraste hum pensamento
Qu' agora staua os olhos debuxando,
De quem aos meus foy doce mouimento.

Agrario.

Nessa imaginação estás gastando
O tempo & a vida Almeno? ò perda grãde,
Não ves quam mal os dias vas passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente & ande,
Que nunca vos ireis dest' alma minha;
Por mais qu' o tẽpo corra, & a morte o mãde

Agrario.

Quem poderà cuidar que rão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita, & justa linha?

Que sejas tão perdido por teu dano,
Almeno ir mão, não he por certo auiso,
Mas muy grãde doudice, & grand' engano.

Almeno.

ò Agrario, que vendo o doce riso,

E orosto tam fermoso, como esquiúo,
 O menos que perdi, f. y todo o siso.
 E nam entendo desque fuy cattiuo,
 Outra cousa de mim, senão que mouro
 Nem isto entendo bem, pois inda viuo.
 A sombra deste umbroso, & verde louro,
 Passo a vida, ora e m lagrimas cãsadas
 Ora em lououres dos cabellos d'ouro.
 Se preguntares, por que são choradas,
 Ou por que tanta pena me consume,
 Reuoluendo memorias magoadas.
 Desque perdi da vista o claro lume,
 E perdi a speranza, & a causa della,
 Não choro por razão, mas por costume
 Iamais pude cofado ter cautella,
 Nem nunca ouue em mim contentamento,
 Que não fosse trocado em dura strella.
 Que bem liure viuia, & bem isento,
 Sem nunca ser ao jugo somettido
 De nenhum amoroso pensamento.
 Lembrame (Agrario amigo) qu'o sentido
 Tão fora d'amor tinha, que me ria
 De quem por elle via andar perdido.
 De varias cores sempre me vestia,
 De boninas a fronte coroa,

Eclogas

Nenhum pastor cantando me vencida,
 A barba então nas faces m'apontava,
 Na luta, no correr, & em qualquer manha,
 Sempre a palma antre todos alcançava.
 Da minha idade tenra em tudo estranha,
 Vendo (como acontece) affeição das
 Nuvens Nymphas do rio, & da montanha,
 Com palavrás mimosas, & forjadas
 Da solta liberdade, & livre peito,
 As trazia contenciosas, & enganadas:
 Mas não querendo Amor que deste geito
 Dos corações andasse triumphando,
 Em quem elle criou tão puro effeito:
 Pouco, & pouco me foy de mim leuando,
 Dissimuladamente às mãos de quem
 Tod' esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso. Almeno eu sei muy bem
 O principio, & o fim, que Nemoroso
 Contado tudo isso, & mais me tem.
 Mas quero ore dizer se o enganoso
 Amor, he costumado a desconcertos,
 Que nunca amando fez pastor ditoso.
 La que nelle estes casos são tão certos,
 Porqu' os estranhas tão, que de magoa

Te chorão as montanhas, & os desertos.
 Vejo star gastando em viua fragoa,
 E juntamente em lagrimas vencendo
 A grão Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
 Vejo qu' as tuas cabras, não querendo
 Gostar as verdes heruas, s' emmagrecem,
 As tetas aos cabritos encolhendo.
 Os campos que co tempo reuerdecem,
 Os olhos alegrando descontentes,
 Em te vendo parece qu' entristecem.
 Todos os teus amigos, & parentes,
 Que lá da serra vem por consolarte,
 Sentindo n' alma a pena que tu sentes.
 Se querem de teus males apartarte,
 Deixando a casa, & gado, vas fugindo,
 Como cervo ferido, a outra parte.
 Não ves qu' amor as vidas consumindo
 Viue sô de vontades enleuadas,
 No falso parecer d' hum gesto lindo,
 Nem as heruas das agoas desejadas
 Se fartão, nem de flores as abelhas,
 Nem este amor de lagrimas cansadas.
 Quantas vezes perdido entr' as ouelhas
 Chorou Phebo de Daphne as esquiuanças
 Regando as flores brancas, & vermelhas.

Quão

Eclogas

Quantas vezes as asperas mudanças
 O namorado gallo tem chorado,
 De quem o tinha enuolto em esperanças.
 Estava o triste amante recostado,
 Chorando ao pé d'hum freixo o triste caso,
 Qu' o falso amor lhe tinha destinado,
 Por elle o sacro Pindo, & o gran Parnaso,
 Na fonte d' Aganippe distillando,
 O fazião de lagrimas hum vaso.
 Vinha o intonso Apollo alli culpando
 A sobeja tristeza perigosa,
 Com asperas palauras reprovando.
 Callo, porque endou deces, qu' a fermosa
 Nympha q̃ tanto amaste, descubriendo
 Por falsa a fe que daua, & mentirosa.
 Pollas Alpinas neues vay seguindo
 Outro amor, outro bem, outro desejo,
 Como inimiga em fim de ti fugindo.
 Mas o misero amante, qu' o desejo
 Mal empregado amor lhe defendia
 Ter de tamanha fe vergonha, ou pejo.
 Da falsifica Nympha não sentia
 Senão qu' o frio do gelado Rheno
 Os delicados pés lh' offenderia.
 Ora se tu ves claro, amigo Almeno

Que d'amor os desastres são de sorte
 Que para matar basta o mais piqueno.
 Porque não pões hum freo a mal tão forte
 Que em estado te põe, que sendo viuo
 Ia não s'entende em tivida, nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitivo
 Por caso da fortuna desastrado
 Algum' hora deixar de ser cattivo,
 Ou sendo para as Vrsas degradado
 Aonde Boreas tem o Oceano,
 Cos frios Hyperboreos congelado,
 Ou onde o filho de Clymene insano,
 Mudando a cor das gentes totalment',
 As terras apartou do tracto humano,
 Ou se por qualquer outro accidente
 Deixar este cudadão tão ditoso,
 Por quem sou, de ser triste, tão contente.
 Este rio, que passa deleitoso,
 Tornando para tras, irá negando
 A natureza o curso presuroso.
 As feras pello mar irão buscando
 Seu pasto, & andar s'hão polla spessura
 Das heruas os delphins apacentando.
 Ora se tu vès n' alma quão segura

Eclogas

Tenho esta fé, & amor, para qu' insistes
Nesse conselho, & pratica tão dura?
Se de tua porfia não desistes
Vay repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.
Hũa só cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes qu' o tempo em fim de mim te aparte.
Que se esta fera qu' anda em trajo humano,
Vires polla montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & meu dano.
Com os viuos spritos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que consigo
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando lhe diras, gentil pastora
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostràra o rosto Angelico algum hora.
Foy bem justo o castigo riguroso,
Perem quem t' ama, Nympha, não queria
Noda tão fea em gesto tão fermoso.
Agrário.

Tudo farei Almeno, & mais faria,

Por te ver algum' hora descansado,
 Se se acabão trabalhos algum dia.
 Mas bem vês como Fhebo ja impinado
 Me manda, que da calma iniqua, & crua
 Recolhe em algum valle o manso gado.
 Tu nessa fantasia falsa, & nua
 Para engano mayor de teu perigo
 Não queres companhia senão a sua.
 Voume daqui, & fique Deos contigo,
 E ficar às melhor acompanhado.
 Almeno.

Elle contigo vá, como comigo
 Me fica acompanhando meu cuidado.

ECLOGA III.

De Almeno, & Belisa, contiuuando
 com a passada.

P Assado ja algum tempo que os amores
 De Almeno por seu mal erão passados,
 Porque nunca amor cumpre o q' promete,
 Entr' hũs verdes vlmeiros apartados,
 Regando pello campo as brancas flores,

Eclogas

Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora que compete
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lavar a beatilha, & o trançado,
Ia o Sol consentia
Que saísse da sombra o manso gado.

E acordado ja do pensamento
Que tão desacordado o sempre teve,
Vio por acerto o bem que incerto tinha:
E porque onde amor a mais s'atreue,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que conuinha:
Como homem qu'aprazada briga vinha
A quem de fora engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & não insiste
Ia s'arrepende, a audacia lhe fallece,
Dest' arte o pastor triste
Ousa, arrecea, esforça, & enfraquece.

E tendo assi atonito o sentido,
 Cometeo com furor desatinado,
 E tirou da fraqueza coração;
 Comettimento fcy desesperado,
 Qu' hũa sò saluação tem hum perdido
 Perder toda a speranza à saluação,
 As magoas que passarão se dirão,
 Mas as que ella dizia,
 Lembrandolhe que via
 As agoas murmurar do Tejo amenas
 Remeto a vos, ò Tagides Camenas,
 Que de magoa não posso dizer tanto,
 Porque em tamanhas penas
 Me cansa a pena, & a dor m' impede o canto.

Belisa pastora.

Qu' alegre campo, & praya delectosa,
 E quam saudosa faz esta speffura
 A fermosura angelica, & serena,
 Da tarde amena, & quam saudosamente
 A sésta ardente abrandá suspirando
 De quando em quando o vento alegre, & frio.
 No fundo rio os mudos pcixes saltão,
 No ar s' esmaltão os cèos d'ouro, & verde,
 E Phebo perde a força da quentura,

Eclogas

Polla spessura leuão passando
O gado brando, ao som das çamphoninas,
Pisando as finas & fermosas flores,
Os guardadores, que cantando o gesto
Fermosa, & honesto, das pastoras qu' amão,
Ao ar derramão mil sospiros vãos,
Hum lonua as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos douro em som suave,
A amorosa aue leua o contraponto,
Mas ó que conto, & saudosa historia
Que na memoria aqui se m' oferece:
Se não me esquece, ja neste lugar
Oui soar nos valles algum dia,
E respondia o ecco o nome em vão
Num coração, Belisa retumbando:
Estou cuidando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida,
E quão comprida, quando he triste & dura.
Nesta espessura longo tempo amei,
Se m' enganei com quem do peito amana,
Não me pesaua de ser enganada,
Fui salteada em fim d' hum pensamento,
Qu' hum mouimento tinha casto, & são,
Conuersação foy fonte deste engano,
Que por meu dano entross com falsa cor,

Porqu' o amor na Nympha qu' he segura
 Entra em figura de vontade honesta. 115
 Mas que me presta agora dar disculpa
 Se ahí ouue culpa pola o firme amor,
 Sò num pastor que nunca o sol, nem lua
 Ou serra algũa, desd' o lbro ao ludo,
 Outro tão lindo virão, & tão manhoso,
 Neste amoroso stado, & fe que tinha,
 Que n' alma minha tão secretamente
 Vivi contente amando & encubriendo,
 Elle fingindo min:irosos dannos,
 Que são enganos que não custão nada,
 Tendo alcançada ja no entendimento
 A fe & intento meu sò nelle posto,
 Que logo o rosto mostra os corações,
 E as affeições cos olhos se praticão,
 Que mais publicão muito que palauras,
 Com suas cabras sempre à parte vinhã
 Ond' eu mantinha os olhos, & o desejo.
 Tu manso Tejo, & tu florido prado,
 Do mais passado em fim qu' aqui não digo,
 Sereis m' obrigo testemunho certo,
 Que descuberto vos foi tudo, & claro,
 ò tempo auaro ò sorte nunca igual
 Camanho mal quereis à humana gente,

Eclogas

Porque hum contente stado assi trocastes
 Vos me tirastes do meu peito isento,
 O pensamento honesto, & repousado,
 Ia dedicado ao coro de Diana,
 Vos nũa vfana vida me pusestes,
 E alli quisestes que gozasse o dano
 Do doce engano, que se chama amor,
 Com cujo error passaua o tempo ledo,
 E vos tão cedo me tirais hum bem,
 Qu' amor ja tem impressa n' alma minha,
 Depois qu' a tinha enuolta em esperanças,
 E com lembranças tristes me deixais,
 Mal me pagais a fe que sempre tuc:
 Mas assi viue quem sem dita nasce,
 Mas ja qu' a face alegre o sol esconde,
 E não responde a tantas magoas,
 Senão as agoas que dos olhos saem,
 As sombras caem, & vãose as alimarias
 Das ervas varias fartas, seu caminho,
 Buscando o ninho os passaros sem dono
 Ia pello sono esquecem o comer,
 Quero esquecer tambem tão doce historia,
 Pois he memoria que traz mór cuidado,
 Isto he passado, & se me deu paixão,
 Os dias vão gastando o mal, & o bem,

E não conuem quererme magoar,
 Do que emendar não posso ja com magoas,
 Nas claras agoas deste rio brando,
 Que vão regando o campo matizado,
 Este trançado lauar quero em fim,
 Que ja de mim m' esqueço coa lembrança
 Desta mudança, qu' esquecer não sei
 Bem qu' eu virei mudar a opinião,
 Qu' em fim homões são, a qu' o esquecimento
 Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno,

Se a vista não m' engana a fantasia,
 Como ja m' enganou mil vezes, quando
 Minha ventura enganos me soffria.
 Parece-me que vejo estar lauando
 Hũa Nympha hum vèo no claro Tejo,
 Que se m' est'à Belisa afigurando.
 Não pode ser verdade isto que vejo,
 Que facilmente aos olhos s' afigura
 Aquillo que se pinta no desejo.
 O acontecimento qu' a ventura
 Me dá pera m'òr danno: esta he certo,
 Que não he doutrem tanta fermosura.
 Se poderei falarlhe de mais perco?

Eclogas

Mas fugirme ha: não pode ser, qu'o rio
Par'acola não tem caminho aberto.
ò temor grande, ò grande desuario,
Qu'a voz m'impide, & a lingoa negligente
Dest'arte está cornando o peito frio,
De quanto me sobrija estan lo ausente,
Que pera lhe fallar sempre imagino,
Tuão me falta agora em estar presente
ò aspecto suave & peregrino,
Pois como tão asinha a si s'esquece
Hũa fé verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

ò altas semideas, pois padece
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não merece,
Ou seja por vos (Nympha) reservada,
Ou n'algũa aruore alta, ou pedra dura
Seja por vos asinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha não te mudes a figura,
Nem vos Deosas queirais qu'eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porqu'a quem falta a voz para falarte,
E a quem fallece a lingoa, & ousadia,
Tambem saltarão mãos para tocarte.

Be-

Belisa.

Que me queres *Almeno*, ou que porfia
 Foy a tua tão aspera comigo,
 Minha vontade não to merecia.
 Se com o amor o fazes, eu te digo,
 Qu' amor que tanto mal me faz em tudo,
 Não pôde ser amor, mas enemigo.
 Não es tu de saber tão falto & rudo,
 Que tão sem siso amasses, como amaste.

Almeno.

Onde viste tu *Nympha* amor se fudo?
 Porque te não alembra que folgaste
 Com meus tormentos tristes, & algũ' hora
 Com teus fermosos olhos já me olhaste?
 Como t' esquece já (*gentil pastora*)
 Que folgavas de ler nos freixos verdes
 O que de ti escriuia cada hora?
 Como tão prestes a memoria perdes
 Do amor que mostravas, qu' eu não digo
 Se ovos ò altas montes não differdes?
 Porque te não alembra do perigo
 A que sò por me ouvir t' auenturavas
 Buscando horas de sésta, horas d' abrigo?
 Coa maçaã de discordia me tiravas

Que

Eclogas

Que a Venus que a ganhou por fermosura,
Tu como mais fermosa lha ganhauas.
E escondendote entre a spessura,
Hias fogindo como vergonhosa
Da namorada, & doce traueffura.
Não era esta a maçã d'ouro fermosa,
Com que encuberta assi de astucia tanta
Cedipe s'enganou de cubicosa.
Nem a que o curso teue d' Athalanta
Mas era aquella com que Galathea
O pastor cattinou como elle canta.
Se mãs tenções poserão nodoa fea
Em nosso firme amor de inueja pura
Por que pagarei eu a culpa alhea?
Quem desta fe, quem deste amor não cura
Nunca teue sozeito o coração,
Que o firme amor coa lma eterna dura.

Belisa.

Nãal conheces Almeno hum' affeição
Que se eu desse amor tenho esquecimento
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo, & liure atreuimento
E teu pouco segredo, discudando
Foy causa deste longo apartamento.

Ves

Ves as Nymphas do Tejo que mudando
 Me vão ja pouco a pouco o claro gesto
 Noutra forma mais dura crassando.
 Hum sò segredo meu te manifesto,
 Que te quis muito em quanto Deos queria,
 Mas de pura afeicão, & amor honesto.
 E pois teu mau cuidado, & ousadia
 Causou tão dura, & aspera mudança
 Folgo que muitas vezes to dizia,
 Ficate embora, & perde a confiança
 Que mais me não veras como ja viste
 Qu' a si se desengana hum' esperança.

Almeno.

O duro apartamento, ò rida triste
 O nunca acontecida desventura,
 Pois como, Nympha, a si te despdiste?
 A si se ha de yr tornando sem ter cura
 Nessa siluestre, & aspera rudeza,
 Tão branda, & excellente fermosura?
 Tua nunca entendida gentileza,
 E teus membros a si se transformarão,
 Negando selhe a propria natureza?
 Dest' arte teus cabellos se tornárão,
 Deixando ja seu preço ao ouro fino,
 Em folhas qu' a cor tem do que negárão?

Eclogas

S'este consentimento foy diuino,
Consintame tambem que perca a vida,
Antes qu'a mais m'obrigue o desatino.
Que se a fortuna dura embrauecida,
Tanto em meu tormento se desmede,
Não viua mais hum' alma tão perdida.
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu sangue vossa sede.
E vos pastores rudos deste outeiro,
Porqu'a todos em fim se manifeste
Que cousa he amor puro, & verdadeiro,
Ao pè deste funereo acipreste
Nãe fareis hum sepulchro sem arreo
De boninas qu'o prado ameno veste.
Com desusadas musicas d'Orpheo
Que me vos cantareis, & desta sorte
Não auerei inueja ao Mausoleo,
E porque minha cinza se conforte
Em vossos metros doces, & suaves,
As exequias fareis de minha morte.
Alli responderão as altas aues
Não modulas no canto, nem lasciuas,
Mas de dor, hora roucas, hora graues.
Não correrão as agoas fugitiuas

Alegres por aqui, mas saudosas,
 Que pareçãõ que vem dos olhos viuas.
 Nacerão pellas prayas deleitosas
 Os asperos abrolhos em lugar
 Dos roxos lirios, das pudicas rosas,
 Não trarão as ouelhas a pastar
 Darredor do sepulchro os guardadores
 Que não comerão nada de pesar.
 Virão os Faunos, guarda dos pastores
 Se morri por amores preguntando,
 Responderão os eccos, por amores.
 Dos que por aqui forem caminhando,
 Hum epitaphio triste se lerá
 Que esteja minha morte declarando:
 E no tronco d'hum aruore estará
 Numa ruda cortiça pendurado
 Escritto c'hũa fouce, assi dirá.
 Almeno fui pastor de manso gado,
 Em quanto consentio minha ventura
 De Nymphas, & pastoras celebrado.
 S'algũa hora por dita na spessura
 Se perder o amor, & a affeição,
 Tirem a pedra desta sepultura,
 E em figura de cinza os acharão.

ECLOGA III.

Frondoso, & Duriano,
Pastores.

CAntando por hum valle docemente
 Decião dous Pastores quando Phebo
 No Reyno de Neptuno se escondia,
 De idade cada hum ora mancebo,
 Mas velho no cudado, & descontente
 Do que lhe elle causava parecia:
 O que cada hum dizia
 Lamentando seu mal, seu duro fado
 Não sou eu tão ousado,
 Que o ouse a cantar sem vossa ajuda,
 Porque se a minha ruda
 Franca, deste favor vosso for dina
 Posso escusar a fonte Caballina.

Em vos tenho Helicon, tenho Pegaso,
 Em vos tenho Caliope, & Thalia,
 E as outras sette irmãs do fero Marte
 Em vos perde Minerva sua valia,
 Em vos estão os sonos de Parnaso.

Das Pierides em vos s'encerra a arte,
 Co a mais piquena parte
 Senhora que me deis da ajuda vossa,
 Podeis fazer qu'eu possa
 Escurecer ao sol resplandecente,
 Podeis fazer qu'a gente
 Em mim do gram poder vosso s'espante,
 E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que creça d'hora em hora,
 O nome Lusitano, & faça inueja
 A Smirma, que de Homero se engrandece;
 Podeis fazer tambem qu'o mundo veja
 Soar na ruda frauta o que a sonora
 Cithara Mantuana só merece,
 E agora me parec
 Que podem começar os meus pastores,
 Tractar de seus amores,
 Porque inda que presentes não estejam
 As que elles ver desejão
 Mudança do lugar menos de stado,
 Não muda hum coração de seu cuydado.

Ja deixava dos montes a altura
 E nas salgadas ondas s'escondia

Eclogas:

O sol, quando Frondoso, & Duriano
 Ao longo de hum ribeiro que corria
 Polla mais fresca parte da verdura,
 Claro, suave, & manso todo o ano
 Lamentando seu dano,
 Vinha já recolhendo o manso gado,
 E hum estando calado,
 Em quanto hum pouco o outro se queixava,
 Apos elle tornava
 A dizer de seu mal o que sentia,
 E em quanto elle fallava, o outro ouvia.
 De Vinhãose assi queixando aos penedos,
 Aos siluestres montes, & aspereza,
 Que quasi de seus males se doçãõ,
 Alli as pedras perdiãõ sua dureza,
 Alli os correntes rios estar quedos,
 Prontos a suas queixas parecião,
 E sò as quo podião
 Estes males curar que ellas causavãõ,
 O ouvido lhe negavãõ
 Por perderem de todo a speranza,
 Mas elles que mudança
 D'amor com tantos males não fazião,
 Fallando inãõ com ellas lhe deziãõ.

Fronoso.

Isto he o que aquella verdadeira
 Fé, com que te amei sempre merecia,
 Sem nunca te deixar hum sò momento,
 Como (cruel Belisa) te esquecia
 Hum mal cuja esperança derradeira
 Em ti sò tinha posto seu assento?
 Não vias meu tormento?
 Não vias tu a fe com que te amava?
 Porque não te abrandava
 Este amor, que me tu tão mal pagaste?
 Mas pois já me deixaste
 Co a esperança de ti toda perdida,
 Perca quem te perdeu tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho soffrido,
 Co Silvana em meus males tão constante
 Quiseras que algum hora te dissera
 Ainda que de duro diamante
 Fora teu cruel peito endurecido,
 Creio qu'a piedade te movera,
 E agora em branda cera
 Os montes são tornados, & os penedos,
 E os rios que stão quedos,
 Sentirão meus suspiros n'ellas queixas,

Eclogas

Tu sò (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes, & penedos dura,
E fugitiua mais qu'a agoa pura.

Fronoso.

Onde está aquella falla, que soya
Sò com seu doce tom, que me chegaua
A uiarme os spiritos cansados?
Onde stà o olhar brando que cegaua
O sol resplandecente ao meo dia?
Onde stão os cabellos delicados,
Qu'ao vento espalhados
O ouro escurecião, & a mim mattauãos
E a quantos os olhauão
Causauão tambem novos accidentes!
Porque cruel consentes
Que goze outro a gloria a mim deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

N'hum bem vejo qu'a meu mal espere
Senão se he sperar que a morte dura
Em fim me venha dar tua saudade,
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz que desespere,
Contradiz me a razão esta vontade,
Diz que nũa beldade

Em

Em quem mostrou o cabo a natureza
 Não ha tanta crueza
 Que hum tão firme amor desprezar queira,
 E hũa fé verdadeira
 Mas tu que de razão nunca curaste
 Porqu'era dar-me a vida, ma tiraste.

Fronoso.

A quem (Belisa ingrata) entregaste?
 A quem deste (cruel) a fermosura
 Que só a meu tormento se deua?
 Porque hũa fé deixaste firme, & pura?
 Porque tão sem respeito me trocaste,
 Por quem só nem olharte merecia?
 E o bem que te queria,
 Que nunca perderei senão por morte,
 Não he de mayor sorte
 Que quanto a cega gente estima, & prezas,
 Só a tua crueza
 Foi nisto contra mim endurecida,
 Perca quem te perdeu tambem a vida.

Oriano.

Leuasteme meu bem num só momento,
 Leuasteme com elle juntamente
 De cobrallo ja mais a confiança,
 Deixasteme em lugar delle somente

Eclogas

Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal de que não pôde auer mudança,
Tu qu'eras a speranza
Dos males que me tu cruel causaste,
De todo te trocaste,
Com amor conjurada em minha morte.
Porem se minha sorte
Consenti que por ti seja causada,
Morte não foi mais bemauenturada.

Fronoso.

Não naceste de algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Não foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) saiste deshumana?
No céo formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura he natureza,
Esta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaste?
Por que dura engentaste
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fé que conhecias?
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vaise co seu pastor o manso gado,

Por

Porque d' amor entende aquella parte
 Qu' a natureza irracional lh' ensina,
 O rustico leão sem nenhũa arte
 Do instinto natural sò insinado,
 Aonde sente amor alli s'enclina,
 E tu que de diuina
 Não tês menos que Venus, & Cupido,
 Porque se quer co ouuido
 Hum amor verdadeiro não socorres?
 Ou porque te não corres
 Que te vença o leão em piedade,
 Se Venus não te vence na beldade?

Fronoso.

A mim não me faltava o que se preza
 Entre os celestes Deoses, que formãrão
 A tua mais que humana fermosura,
 Em mim os voluntarios céos faltãrão;
 Em mim se peruerteo a natureza,
 D'hũa cruel fermosa criatura,
 Mas pois Belisa dura,
 Que do mais alto cêo a nos vieste,
 Em teu peito celeste
 Hum tal contrario pode aposentar se,
 Não he contrario achar se
 Tãmanha se, tã mal agradecida,

Eclogas

Perca quem te perdeu tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,

Por ti o claro dia me auorrece,

Abrolhos para mi são frescas flores,

A doce philomela m'entristece,

Todo o contentamento m'atormenta

Com a contemplação de teus amores:

As festas dos pastores,

Que podem alegrar toda a tristeza,

Em mim tua crueza

Faz que o mal cad'hora vâ dobrando,

ò cruel, até quando

Durarà em ti hum tal auorrecimento?

E a vida em mim, que soffre tal tormento?

Fronoso.

Fugiste d'hum amor tão conhecido

Fugiste d'hũa fe tão clara. & firme,

E seguiste a q. e n nunca conhecestes,

Não por fugir d'amor, mas por fugirme,

Que bem vias que tinha merecido

O amor que tu a outrem concedeste;

A mim não me fizeste

Nenhũa sem rezão, que bem conheço

Que tanto não mereço,

Fize-

Fizeſtea àquelle bem firme, & ſincero,
 Que ſabes que te quero
 Em lhe tirar a gloria merecida,
 Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Crece cad'hora em mim mais o cuidado
 E vejo qu' em ti crece juntamente
 Cad'hora mais de mim o eſquecimento,
 ò Syluana cruel, por que consente
 O teu feminil peo o delicado,
 Eſquecerlhe hum tão aſpero tormento
 Tal auorrecimento
 Merece hum capital teu inimigo,
 Não j'eu que ſò contigo
 Eſtou contente, & nada mais deſejo,
 S'algũa hora te vejo
 Tu es hum ſò bem meu hũa ſò gloria,
 Que nunca ſe me aparta da memoria.

Frondoſo.

Olhos que virão ja tua fermofura
 Vida que ſò de verte ſe ſoſtinha,
 Vontade que em ti era transformada,
 Hum'alma qu' a tua em ſi ſò tinha,
 Tãovnida conſigo, quanto a pura

Alma

Eclogas

Alma co debil corpo està liada:
E agora apartada
Te ve de si com tal apartamento,
Qual será seu tormento?
Qual será aquelle mal que tem presente?
MAYOR he guo que sente
O triste corpo na vltima partida,
Terca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente,
Não sentia o tormento destes males,
Menos sentia o mal deste cuidado,
Que tudo então em mim era contente,
Agora não somente
Desta vida suave m'apartaste,
Mas outra me deixaste
Qu'ao duro mal que sinto ca no peito
Me tem ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Fronoso.

Juntamente viver compridos anos,

Os fados te concedão, que quizerão
 Ajuntarte com tal contentamento,
 Pois para ti os bẽs todos nacerão,
 Momentos para mim, males, & danos,
 Logra tu sò teu bem; eu meu tormento,
 Nenhum apartamento
 Belisa, me farà deixar d'amarte,
 Porque em nenhũa parte
 Poderas nunca star sem mim hum'ora,
 Consente pois agora.
 Qu' em pago desta fé tão conhecida
 Perca quem te perdeu tambem a vida.

Doriano.

Veja te eu (crua) amar quem te desame,
 Porque saibas que cousa he ser amada,
 De quem tu auorreces, & desprezas,
 Veja te eu ser ainda desprezada
 De quem tu mais desejas que te ame,
 Porque sintas em ti tuas crupezas,
 Sintas tuas durezas,
 E quanto pòde o seu cruel effeito,
 Num coração sogeito,
 Porqu' em sintindo o mal qu' eu sinto agora,
 Espero qu' algum' hora
 Faça o teu proprio mal de mim lembrar te,

Eclogas

Já que não pode o meu nunca abrandarte.

Fronoso.

*Nil annos de tormento me parece
Cada hora que sem ti, & sem esperança
Viuo de poder mais tornar a verte,
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristece,
A vida antes perdera que perder-te,
Mas eu se por quererte,
Hum bem que em ti sò tem seu firme assento
Padeço tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desama,
Ou ao menos te ama,
Com algum falso amor, ou sé fingida,
Perca quem te perdeu tambem a vida.*

Doriano.

*Então (cruel) verás se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada,
Hum alma que de amarte sò se preza:
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos qu' em ti fõra se parece
Abrandar pode montes, & aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pos da fermosura,*

Qual

Qual serà a pedra dura
 Qu' a teu valor resista brandamente?
 Quanto mais fraca gente
 Qu' ao humano parecer não se defende,
 E a mesma Venus Deosa ao teu se rende.

Fronoso.

E pois se verdadeira, amor perfeito
 Tormento desigual, & vida triste,
 lunta com hum continuo sofrimento,
 E hum mal em que todo o mal consiste,
 Não poderão mouer teu duro peito,
 A amostrares se quer contentamento
 De veres meu tormento,
 Mas antes isto tudo desprezaste,
 E a outrem te entregaste,
 Por me não ficar nada em que sperasse,
 Senão quando acabasse
 A vida, qu' a meu mal he tão comprida,
 Perca quem te perdeu tambem a vida.

Doriano.

Longo curso de tempo, & apartado
 Lugar, a hum coração que stà entregue
 Não podem apartar de seu intento
 Porque foges (cruel) a quem te segue?

Não

Eclogas!

Não vés que teu fugir he escusado?
 Que sem mim nunca stás hum sò momento,
 Nenhum apartamento
 (Inda qu' a alma do corpo se m' aparte,)
 Poder à ausentarte
 Dest' alma triste, que continuamente
 Em si te tem presente,
 Torna cruel, não fujas a quem t' ama,
 Vem dar a morte, ou vida a quem te chama.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
 Que ja tinha estendido o negro manto,
 D' escuridade a terra toda enchendo,
 Fez p'or a estes pastores fim ao canto,
 Qu' ao longo da ribeira deleitosa,
 Vinhão seu manso gado recalhendo.
 Se aquillo qu' eu pretendo
 Deste trabalho auer, qu' he t'odo vosso,
 Senhora alcançar posso,
 Não será muito auer tambem a gloria,
 E o lauro da victoria,
 Que Virgilio procura, & auer pretende,
 Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

ECLOGA V.

Feita do Author na sua puericia.

A Quem darei queixumes namorados,
 Do meu pastor queixoso namorado?
 A branda voz, sospiros magoados,
 A causa porque n^a alma he magoados,
 De quem serão seus males consolados,
 Quem lhe fará diuido gasalhado,
 Sò vos senhor fermoso, & excellent^e,
 Especial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantasia,
 Busquei na terra estrella que guiasse
 Meu rudo verso, em cuja companhia
 A sancta piedade sempre andasse
 Luzente, & clara como a luz do dia,
 Qu'o rudo engenho meu m^a alumiasse,
 Em vossas perfeições grão senhor vejo
 Ainda além comprido o meu desejo.

A vos

Eclogas

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobre humanos hum em tod'a parte,
Em vos as graças todas se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria, & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo sprito,
E voz de cisne tal qu'o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em tod'a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escrito
Entre vacas, & gado petulante
Que quando tempo for em melhor modo
Ha de me ouuir por vos o mundo todo.

As vãs querellas brandas, & amorosas,
Sejão de vos trattadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saydas com suspiro viuo, & ardente,
Qu'em vossas mãos s'entregã's valerosas,
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antiga crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Já declinaua o sol contra o Oriente,
 E o mais do dia já era passado,
 Quando o pastor co graue mal que sente,
 Por dar aliuio em parte a seu cudadão,
 Se queixa da pastora docemente,
 Cudando de ninguem ser escutado,
 Eu que o ouui num' aruore escreuei
 As magoas que cantou, & assi diziei.

Ou tu do monte Pindaso es nacida,
 Ou marmor te pario fermosa, & dura,
 Que não pode ser seja concebida
 Dureza tal de humana criatura,
 Ou es quiça em pedra conuertida,
 E tões da natureza tal ventura,
 Porem não fez em ti boa impressãõ,
 Sò de marmore tornar-te o coração.

Já esta minha voz rouca, & chorosa,
 A gente mais remota moueria,
 E se soltasse a vea lagrimosa,
 Os tigres em Hircania amansaria,
 Se não foras cruel quanto fermosa,
 Meu longo suspirar te abrandaria,
 Mas suspirar por ti, & bem querer-te,
 Que fazem senão mais endurecer-te?

Eclogas

Se deixáras vencer a crueldade
De tua tão perfeita fermosura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras esta fé tão limpa & pura,
Por ventura qu'ouueras piedade
E tiuera eu quiça melhor ventura
Mas nunca achou igual tua bellez.,
Senão se foy em ti tua dureza.

jà hum peito abrandara que não sente
Meu duro, & graue mal segundo be forte,
Se decera ao inferno fero, & ardente
Mouera a piedade a mesma morte.
Se hũa gotta de agoa brandamente
Torna brando hum penedo duro, & forte,
Tantas lagrimas minhas não farão
Hum piqueno sinal num coração?

Na testa tenho hũa fonte viua d'agoa,
Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito està de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em si conuerte, & tudo inflamma,
Amor ao derredor por mayor magoa
Voando mais acende a ardente chama,
E se ques ver se ardentes são seus rixos,
Olha se são ardentes meus suspiros.

Quando grita, & rumor grande se sente,
 Que se acende algũ fogo em casa, ou torre,
 De pura compaixão vay toda a gente
 Critando agoa ao fogo, & cada hum corre,
 Assim anda meu peito em chama ardente
 E co a agoa dos olhos se socorre,
 Que quem m'abrasa outra agoa me defende,
 Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando vemos que sae là no Oriente
 O Sol seu antigo curso começando,
 Feroso, incenso, puro, & refulgente,
 O monte, campo, mar, tudo alegrando,
 Quando de nos se esconde no Ponente
 E noutras terras sae alummiando
 Sempre em quanto vay dando ao mundo giro
 Por ti meus olhos chorão, & eu suspiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
 Vem acabado a noite em que descansa,
 Trabalha na tormenta o mareante,
 Goza o dia sereno, & de bonança
 Recobra o anno fertil, & abundante
 Na terra o lavourador se nella cança,
 Mas eu de meu trabalho, & mal não forte,
 Tormento espero em fim, & crua morte.

Eclogas

De ouvir meu mal as rosas matutinas,
Com dô de mim se cerrão, & emmurhecem,
Com meu suspiro ardente, as cores finas
Perdem o cravo, & lirio, & não florecem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem se entristecem
Deixa seu canto Progne, & Philomena,
Que mais lhe doe qu' a sua a minha pena.

Responde o monte concavo a meus ais,
E tu como aspide cerras lhe o ouvido,
As arvores do campo, os animais,
Mostrão sentir meu mal sem ter sentido,
E a ti as minhas dôres desiguais
Não movem esse peito endurecido:
Por mais, & mais que chamo, não respondes,
E quanto mais te busco, mais r'escondes.

Naquelle parte a donde costumavas
Apacentar meus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me mostravas
Ser eu de ti o pastor mais desejado,
Mil vezes te busquei por ver se davas
Ainda algum descanso a meu cuidado,
No câpo em vão te busco, & busco o monte,
Qual o ferido cervo busca a fonte.

Em este lugar de ti desamparado,
 Com cujas sombras frias ja folgaste,
 Agora triste, & escuro he ja tornado,
 Que todo o bem contigo nos leuaste:
 Tu eras nosso sol mais desejado,
 Não temos luz despois que nos deixaste,
 Torna meu claro sol, vem ja meu bem,
 Qual he o loque que te dectem?

Depois que deste valle te appareaste,
 Não pace o branco gado com secura,
 Secouse o campo desque lhe negaste
 Dos teus fermosos olhos a luz pura,
 Secouse a fonte donde ja te olhaste,
 Quando menos que agora aspera, & dura,
 Nega sem ti a terra dando gritos,
 Pasto às cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
 A clara luz escura me parece,
 Este ribeiro, quando amor me obriga,
 Com meu chorar, por ti continuo crece,
 Não ha fera que a fome não persiga,
 Nem o campo sem ti ja não florece,
 Cegos estão meus olhos, ja não vem,
 Pois que não podera ver meu claro bem?

Eclogas

O campo como di'ancees não se esmalta
 De boninas azues, brancas, vermelhas,
 Não choue ao pasto, & sentem da agoa a falta,
 As mansas, & pacificas ouelhas:
 Tambem cruel contigo, o céo lhe falta,
 Não achão flor as melifluas abelhas,
 Com lagrimas que manão dos meus olhos,
 A terra nos produz durós abrolhos.

Torna pois ja pastora a este prado,
 E restituir às esta alegria,
 Alegraràs o monte, o campo, o gado,
 Alegraràs tambem a fonte fria,
 Torna, vem ja meu sol rão desejado,
 Faràs a noite escura, claro dia
 E alegre ja esta magoadu vida,
 Em tua ausencia toda consumida.

Vem como quando o rayo transparente
 Deste nosso Orizonte, que escondido
 Deixa hum certo temor à mortal gente,
 Que causa ver o Orbe escurecido:
 E quanto torna a vir claro, & luzente
 Alegra o mundo todo entristecido,
 Assim he para mim tua luz pura,
 Claro sol, & a ausencia noite escura.

Tu esquecida ja do bem passado,
 E do primeiro amor que me mostraste,
 Teu coração de mim tens apartado,
 E tambem o lugar desamparaste:
 Não te quero eu a ti mais qu' a meu gado?
 Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
 Pois onde mereci tão grão desvio?
 Ouuseme, pois me ves ja morto, & frio.

Bem ves que por amor se moue tudo,
 E não ha quem d' amor se veja isento,
 O animal mais simples, baixo, & rudo,
 O de mais leuantado pensamento,
 Até debaixo d' agoa o peixe mudo
 Lá tem d' amor tambem seu movimento,
 A aue, que no ar cantando voa
 Tambem por outra aue se affeição.

A musica do leme passarinho
 Que sem concerto algum solta, & derransa,
 Dum raminho saltando a outro raminho,
 Cantando com amor, suspira, & chama,
 Em quanto no amado, & doce ninho
 Não acha aquelle a quẽ se busca & ama,
 Não cessa do trabalho que comara
 Tendo so seu descanço em quem achara.

Eclogas

A fera que he mais fera, & o leão,
 Sempre acha outra leão, & outra fera,
 Em quem possa empregar hũa affectão,
 Que lhe a conuersação no peito gera,
 Tambem sabe sentir sua praxião,
 Tambem suspira, morre, & desespera,
 Acena, salta, brada, ferue, & geme,
 E não temendo nada, amor só teme.

O ceruo que escondido, & emboscado,
 Temendo o cubitoso caçador,
 Está na selua, monte, bosque, ou prado,
 Alli onde anda, & viue, vive amor,
 D' amor, & de temor acompanhado,
 Com justa causa amor tem, & temor,
 Temor de quem alli feril' o viuha,
 E amor a quem ja ferido o tinha,

Se o animal insensuel que não sente,
 Tambem sente d' amor a frecha dura,
 Porque te não abrandas o fogo ardente
 Que procede de tua fermosura,
 Porque escondes a luz do sol à gente,
 Que nesses olhos trazes bella, & pura,
 Mais bella, mais suave, & mais fermosa,
 Que lirio, que jasmin, que crauo, & rosa.

Pode ser se me viras, que sentiras,
 Ver desfazer hum peito em triste pranto,
 E bem pouco fizeras se me viras,
 Ia que eu sò por te ver suspiro tanto,
 As magoas, & suspiros que me ouviras,
 Te poderã o mouer a grande espanto,
 A dor, a piedade, a sentimento,
 E a mais que para mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leue
 O suspirar em vão tambem ao vento,
 O esperar à calma, à chuua, à neue,
 E não te poder ver hum sò momento,
 Tormento he que sòmente a tise deue,
 E se pode inda auer mayor tormento,
 Quem te vio, & se vé de si ausente
 Muico mais passar á mais leuemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
 Co agoa que lhe toca brandamente,
 A branda o ferro forte a fortaleza
 Se lhe toca tambem o fogo ardente,
 Só em ti não conheço a natureza,
 Qu' a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
 Ia teu peito cruel fora desfeito
 Do fogo, & das lagrimas que deito.

Eclogas

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte
 Alegre toda a terra vendo o dia,
 Quando Phebo aparece no Orizonte,
 Manifesta tambem grande alegria:
 Contente come o gado ao pé do monte,
 Alegre vay beber à fonte fria;
 Tudo contente está, alegre tudo,
 Eu sò, só, pensativo, triste, & mudo.

Se da alma & do corpo tens a palma,
 E do corpo sem alma não tens dô,
 He dô do corpo sò que está sem alma,
 Pois sem alma não vive o corpo sò:
 Na chama, no ardor, no fogo, & calma,
 Na affeição, no querer, eu sou hum sò,
 Não acharàs vontade mais cartiva,
 Nem outra como a tua tão esquiva.

Se te apartas por não ouvir meu rogo,
 Onde estiveres te ei de importunar,
 Posto que vas por agoa, ferro, ou fogo,
 Contigo em toda a parte m'has de achar,
 Que o fogo em q' ardo, & a agoa em que me afogo
 Em quanto eu vivo for ha de durar,
 E o nó que me tem preso he de tal sorte,
 Que não se ha de soltar em vida, ou morte.

Neste meu coração sempre estarás
 Em quanto a alma estiuer com elle vnida,
 Meu spirituu i tambem possuirás,
 Depois qu' a alma do corpo for partida:
 Por mais & mais que faças, não farás,
 Que não te ame nesta, & na outra vida,
 Impossivel será que eternamente
 Estés de mim ausente estando ausente.

Cá me acompanhará tua memoria,
 Se o rio que se diz do esquecimento
 Da minha não borrar tão longa hystoria,
 Tão graue mal, tão duro apartamento;
 Até que quando te veja entrar na gloria
 Viuirei num continuo sentimento,
 Einda então será (se isto ser possa)
 Esta minha alma lá servir a vossa.

Aqui com graue dór, com triste accento,
 Deu o criste pastor fim a seu canto,
 Co rosto baixo, & alto o pensamento
 Seus olhos começarão nouo pranto,
 Mil vezes fez parar no ar o vento,
 E apiadou no ceo o coro santo,
 As circunstancias seluas se abaixarão,
 De dõ das tristes magoas que escutarão.

Com hũa mão na face, & encostado,
 Em sua dor tão enleuado estava,
 Que como em graue sonno sepultado
 Não vio o sol que ja no mar entrava.
 Berrando anda em roda e manso gado,
 Qu' o seguro currao ja desejava,
 Nas covas as raposas, & em seus ninhos
 Se recolhem os simples passarinhos.

Ia sobre hum secco ramo estava posto
 O mocho com funesto, & triste canto,
 A cujo som o pastor ergueo o rosto,
 E vio a terra enuolta em negro manto,
 Quebrando então o fio a seu gosto,
 Mas não quebrando o fio a seu pranto,
 Para melhor cuidar em seu cuidado,
Leuou para os curraos o manso gado.

Eclo-

ECLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto pescador. Agrario pastor.

A Rustica contenda desusada
 Entre as Musas dos bosqs, das areas
 De seus rudos cultores modulada.
 A cujosom attonitas, & alheas
 Do monte as brancas vaccas estiuerao,
 E do rio as saxatiles lampreas.
 Desejo de cantar; que se mouerão
 Os troncos as auenas dos pastores,
 E os siluestres brutos sospenderão:
 Não menos o cantar dos pescadores
 As ondas amansou do alto pego,
 E fez ouuir os mudos nadadores.
 E se por sustentarse o moço cego
 Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
 O q̃ he mais proprio no ocio, & no sossego.
 Mais maravilhas dando a voz da fama
 No mesmo mar vndoso, & venço frio,
 Brasas roxas acende a roxa flamma.
 Vos (ô ramo de hum tronco alto, & sombrio)

Cuja

E darlhe a quinta E sphaera qu'acõpanha.
 Se não sabem cantar a menos parte
 Dosapiente peito, & grão conselho
 Que pôde (ò Reyno illustre) descansar,
 Peito qu'ò douto Apollo fez vermeho,
 Deixar osacro monte, & ás nove irmãs,
 Diz qu'a elle se affeitem como a espelho:
 Saberão sò cantar as suas vãs
 Contendas, de Alicuto v.l. & Agrario,
 Hum d'escamas cuberto, outro de lãs.
 Vereis (Duque sereno) o estillo vario,
 A nós nouo, mas noutro mar cantado,
 D'hum que sò foy das Musas secretario.
 O pescador sincero, que amansado
 Tem o pego de Pocrica co canto,
 Pollas sonoras ondas compassado.
 Deste seguindo o som que pôde tanto,
 E misturando o antigo Mantuano,
 Façamos nouo estillo, & nouo espanto.
 Partir-se do monte Agrario insano,
 Para onde a força só do pensamento,
 Lhe enchaminhaua o lasso peso humano,
 Embebido num longo esquecimento
 De si, & do seu gado, & pobre fato,
 Apos hum doce sonho, & fingimento.

Eclogas

Rompendo as silvas horridas do maro,
Uay por cima de outeiros, & penedos,
Fugindo em fim de todo humano trato.
Ante os seus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enverdece
Sò co meneo os valles, & rochedos.
Ora se ri consigo quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo s'entristece.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem moneanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido.
E cansada nas humidas verduras,
Cair se deixa ao longo do ribeiro,
Iá quãdo as sombras vê decendo escuras.
Enem coa noite, ao valle seu primeiro,
Se lembra de tornar como soya,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado em fim se via,
Onde o grão pego horrisono suspira,
Nũa praya arenosa humida, & fria.
Tanto qu' ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si de longe ouuio tocar-se
De douca mão, não vista, & noua lyra.
Fello o som desusado desuiarse,

Para onde mais soava desejando
 De ouuir, & conuersar, & de prouar-se,
 Não tinha muito espaço andado, quando
 Nũa concauidade de hum penedo
 Que pouco, & pouco fora o mar cauando,
 Topou c'hum pescador que pronto, & quedo
 Nũa pedra assentado brandamente
 Tangendo, fazia o mar sereno, & lido.
 Mancebo era de idade florecente,
 Pescador grande do alto, conhecido
 Pello nome de toda a humida gente
 Alicuto se chama, que perdido
 Era pella fermosa Lemnoria,
 Nymppha que tem o mar ennobrecido.
 Por ella as redes lança noite, & dia,
 Por ella as ondas tumidas despreza,
 Por ella soffre o sol, & a chuua fria,
 Co seu nome mil vezes a braueza
 Dos ventos feros amansou co verso,
 Que remoue das rochas a dureza.
 E agora em som de voz suave, & terso
 Está seu nome aos eccos ensinando
 Por estillo do agreste som diuerso:
 Do qual Agrario attonito afloxando
 Da fantasia hum pouco seu cuidado,

Eclogas.

Suspensso esteue, os numeros notando;
Mas Alicuto vendose estrouado
Pello pastor da musica diuina
Aleuancando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: Vaqueiro da campina
Que vês buscar às arenosas prayas,
Ond' a bella Amphicrite sò domina?
Que razão há pastor, porque te fayas
Para o nosso escamoso, & vil terreno,
Dos muy floridos myrthos, & altas fayas?
Que se agora o mar vês brando, & sereno,
E estenderemse as ondas pella areza
Amansadas das agoas com que peno;
Logo verás o como desenfrea
Eolo o vento pello mar vndoso,
De sorte que Neptuno o arrecea.
Responde Agrario: ò musico, & amoroso
Pescador, eu não venho a ver o lago
Brauo, é quiecto, ou o vëto brãdo, & iroso;
Mas o meu pensamento, com que apago
As flammas ao desejo, me trazia
Sem ouuir, & sem ver, suspensso, & vago.
Atè qu' a tua Angelica harmonia
Me acordou, vëdo o som cõ qu' aqui cãtas
A tua perigosa Lemnoria.

Mas

Mas se de verme cã no mar t'espantas,
 Em m'espanto tambem do estillo nouo
 Com que as ondas horrifonas quebrãtas;
 O qual posto que certo louuo, & aprouo
 Desejo de prouar contra o siluestre
 Antigo pastoril, queis mal renouo.

E tu que no tocar pareces mestre,
 Podes julgar se he clara a differença,
 Entre o canto maritimo, & o campestre!

Nãohã (disse Alicurto) em mim detença,
 Mas antes aluoroço, inda que veja
 Que essa tua confiança sò me vença.

Mas porque saybas que nenhũa inueja
 Os pescadores temos aos pastores,
 No som que p' llo mundo se deseja,

Toma a lyra na mão que os moradores
 Do vitreo fundo vejo já juntarse,
 Para ouuir nossos rusticos amores.

E bem ves pella praya apresentarse
 Nas conchas varia cõr à vista humana,
 E o mar vir por antr'ellas, & tornarse

Sossogado do vento a furia insana,
 Encressa brandamente o ameno rio
 Que seu licor aqui mestura, & dana.

Este penedo concano, & sombrio,

Eclogas

Que de cangrejos vês estar cuberto,
Nos dà abrigo do sol, quieto, & frio.
Tudo nos mostra em fim repouso certo,
E nos convida ao câto com que os mudos
Peixes saem ouuindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes,
Nos engenhos poremsatos, & agudos.
E já mil companheiros circunstantes
Estauão para ouuir, & aparelhaõ
Ao vencedor os premios semelhantes.
Quando já as lyras subito tocaõ
Agrario começaua, & da harmonia
Os pescadores todos se admirauão,
E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vos semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longenos, Satyros, Syluanos,
E vos Deosas do bosque, & clara fonte,
Ou dos troncos que viuem largos anos;
Se tendes pronta hum pouco a sacra fronte,
A nossos versos rusticos, & humanos,
Ou me dai já a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra dum pinheiro.

Alic. Vos humidas Deidades deste pego,
 Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo,
 E vos Nereidas do sal em que nauego,
 Por quem do vento as furias pouco temo.
 Se às vossas ricas aras nunca nego,
 O congro nadador na pà do remo,
 Não consintais qu' a musica marinha
 Vencida seja aqui na lyra minha.

Agrario.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
 Que do sol as carretas moue & guia,
 Ouuiu o rio Amphriso a lyra douro,
 Qu' o seu sacro inuuentor alli tangia:
 Io foy vacca, iupiter foy touro,
 Mansas ouelhas junto da agoa fria,
 Guardou o fermoso Adonis, & tornado
 Em bezerro Neptuno foy ja achado.

Alic. Pescador ja foy Glauco, o qual agora
 Deos he domar, & Protheo Phocas guarda,
 Naceo no pego a Deosa que he senhora
 Do amoroso prazer, que sempre tarda;
 Se foi bezerro a Deos qu' o mar adora
 Tambem ja foy Delphin, & quem resguarda
 Verà qu' os moços pescadores erão
 Qu' o escuro enigma ao vate derão.

Eclogas

Heide
ancor
per
Agr. Ferosa Dinamene se dos ninhos

Os implumes penhores ja furtei

A doce philomela, & dos mortinhos

Para ti (fera) as flores apanhei,

E se os crespos medronhos nos raminhos

A ti com tanto gosto apresentei,

Porque não das a Agrario desditoso

Hum sò reuoluer d'olhos piadoso?

Alicuto.

Para quem trago d'agoa em vaso cauo

Os curuos camarões viuos saltando?

Para quem as conchinhas ruinas cauos?

Na praya os brancos buzios apanhando?

Parà quem de mergulho no mar brauo

Os ramos de coral venho arrancando?

Senão pera a ferosa Lemnoria,

Que c'hum sò riso a vida me daria?

Agr. Quem vio o desgrenhado & crespo inuerno?

D'altas nuuës vestido, horrido, & feo,

Ennegrecendo a vista o céu superno,

Quando os troncos arranca o rio cheo,

Rayos, chuvas, trouões, hum triste inferno,

Mostra ao mundo hum pallido recco,

Tal he o amor cioso a quem sospeita

Que outrem de seus trabalhos se aproueita.

Alic.

Alic. Se alguém vio pello alto o sibilante
 Furor, deitando flamas, & bramidos,
 Quando as pasmosas serras traz diante
 Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos,
 Abraços derrubando o janusance
 Mundo, cos Elementos destruidos:
 Assim me representa a fantasia
 A desesperação de ver hum dia.

Agrario.

Minha alua Dinamene, a Primavera
 Que os campos deleitosos pinta & veste,
 E rindose hũa cor aos olhos gèra
 Com que na terra vem o arco celeste,
 O cheiro, rosas, flores, a verde era,
 Com toda a fermosura amena, agreste,
 Não he para meus olhos tão fermosa,
 Como a tua que abate o lirio, & rosa.

Alic. As conchinhas da praya que apresentam
 A cor das nuuenes, quando nace o dia,
 O canto das Sirenas, que adormentão
 A cinta que no murice se cria,
 Nauegar pellas agoas que s'assentão
 Co brando baso quando a festa he fria,
 Não podem Nympha minha assi aprazer-me,
 Como verte hũa hora alegre verme.

Eclogas

Agrario.

A Deosa que na Lybica alagoa
Em forma virginal appareço,
Cujó nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do céo,
Carços os tem, mas hũa qu' a coroa
Das fermosas do campo mereço
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não são estes os fermosos?

Alicuro.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeste, & vinda
Tes por vicio amoroso atraueffada,
Nos petos lhe chamamos, mas quem priua
De luz o dia baixa & sossegada,
Traz a dos seus nos meus qu' o não nego,
E com tudo isso ainda assi estou cego.

Assi cantauão ambos os cultores
Do monte, & praya quando os atalhãrão
A hum pastores, a outro pescadores.
E quaisquer a seu vate coroarão
De capellas idoneas & fermosas,
Qu' as Nymphas lhe recerão, & ordenarão.

A Agra-

A Agrario de mortinhos, & de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
 Buzios, & conchas ruinas & lustrosas.
 Estauão n'agoa os peixes embebidos,
 Co as cabeças fora, & quasi em terra,
 Os musicos delphins estão perdidos.
 Julgauão os pastores que na serra
 O cume & preço está do antigo canto,
 Que quem o nega contra as Musas erra.
 Dizem os pescadores que outro tanto
 Tem da sonora franta quanto teue
 O campo pastoril do antigo Manto.
 Mas ja ò pastor de Admeto o carro leue
 Molhaua n'agoa amara, & compellia
 A recolher a roxa tarde & breue,
 E foy fim da contenda o fim do dia.

ECLOGA VII.

Intitulada dos Faunos.

A S doces cantilenas, que cantauão
 Os semicapros Deoses amadores,
 Das Napeas, qu'os montes habitauão:

Can-

Eclogas

Cantando escreverei, que se os amores
Aos silvestres Deoses maltratárão
la ficção desculpados os pastores.
Vos (senhor Dom Antonio) aonde achárão
O claro Apollo, & Marte hum ser perfeito
Em quem suas altas mentes asinarão,
Se meu ingenho he rudo, & imperfecto,
Bem sabe onde se salva, pois pretende
Levantar co a causa o baixo effeito.
Em vos minha fraqueza se defende,
Em vos instilla a fonte de Pegaso,
O que meu canto pello mundo estende.
Vedes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das mãos tão alto caso?
Vedes o louro Apollo que me tira
De louuar vossa stirpe, & escurece
O que em vosso louuor meu canto aspira.
Ou por me auer inueja me fallece,
Ou por não ver soar na franta ruda
O que a sonora cithara merece.
Pois sei senhor dizer, qu' a lingua muda
Em quanto progne triste o sentimento,
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manso vento

Solta os cabellos louros da cabeça
 E Tityro nas sombras faz assento.
 E em quanto flor aos campos não salteça,
 (Senão recebeis isto por affronta)
 Farà qu' o Douro, & o Ganges vos conheça.
 Eja qu' a lingua nisto fica prompta,
 Consenti qu' a minha Ecloga se conte
 Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
 No cume do Parnaso duro monte,
 De siluestre aruoredo rodeado,
 Nace hũa cristallina, & clara fonte,
 Donde hum manso ribeiro diriuado,
 Por cima d' aluas pedras, mansamente
 Vay correndo suaue, & sossegado.
 O murmurar das ondas excellente,
 Os passaros excita, que cantando,
 Fazem o monte verde mais contente.
 Tão claras vão as agoas caminhando
 Que no fundo as pedrinhas delicadas
 Se podem hũa & hũa estar contando.
 Não se verão ao redor pisadas
 De fera, ou de pastor qu' alli chegasse,
 Porque do espesso monte são vedadas.
 Herua senão verá, qu' alli criasse
 O monte ameno, triste, ou venenosa,

Eclogas

Senão que là no centro as igualasse;
O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem branca, & a flor que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.
Alli se vem os myrthos circumstantes,
Que à cristallina Venus encubrirão,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortela, manjarona, alli respirão,
Onde nem frio inuerno, ou quente estio,
As murcharão jamais, ou seccas virão.
Dest' arte vay seguindo o curso orio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes aruores sombrio.
Aqui hũa linda Nympha por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este alto monte era encuberto.
Cansada ja da caça vindo hum dia,
Quis descansar à sombra da floresta,
E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
Evendo a novidade manifesta
Do sitio, & como as aruores co vento
As calmas defendião da alta festa.
Das aues o lasciuo mouimento,
Que em seus modulos versos occupadas
As asas dão ao doce pensamento.

Tendo

Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grão sesta se tornou
A buscar as irmãs no sentro amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do não visto lugar que perto staua,
Que tanto por extremo a namorou.
Qu'ao outro dia fossem lhes rogava
A lauar-se naquella fonte amena,
Que tão fermosas agoas distillava,
Já tinha dado hum giro a luz serena
Do grão pastor de Admeto, & já nacia,
Aos ditos amantes noua pena,
Quando as fermosas Nymphas a porfia
Para o lugar do monte camiuhaão,
Rompendo a manhã roxa, alegre, & fria.
D'hũa os cabellos louros se espalhauão,
Pello fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaves s'enlaçaão.
Outra levando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atãra,
Auendo por pesado o desconcerto.
Dinamene, & Ephire a quem topãra,
Nuas Phebo num rio, & encubrirão
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Nise, que das mãos fugirão

Eclogas.

De Tegeō Pan, Amanta, & mais Elysa,
Destras nos arcos, mais que quãtas tirão.

A linda Daliana, com Belisa,

Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tão fermosa as ervas pisa,

Todas estas Angelicas donzellas,

Pello viçoso monte alegres hião,

Quais no ceo largo as nitidas estrellas.

Mas dous siluestres Deoses que trazião

O pensamento em diuas occupado,

A quem de longe mais qu' a si querião.

Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,

Nem arvore por onde quer que andauão,

Que não soubesse delles seu cuidado.

Quantas vezes os rios que passauão

Detiverão seu curso, ouuindo os danos,

Qu' atè os duros montes magoauão.

Quantas vezes amor de tantos anos

Abrandâra qualquer vontade isenta,

S' e Nymphas corações ouuesse humanos?

Mas quem de seu cuidado se contenta,

Offereça de longe a paciencia,

Qu' amor de alegres magoas se sustenta.

Qu' o moço Idalio quis nesta sciencia

Que se compadecessem dous conerarios.

Digao quem tiver delle experiencia.
Indo os Deoses em fim por montes varios,
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristallino rio tributarios,
Toparão dos pés aluos, & mimosos
As pisadas na terra conhecidas
As quais forão seguindo presurosos.
Mas encontrando as Nymphas, que despidas
Na clara fonte estauão, não cuidando
Que d'alguem fossem vistas, ou sentidas,
Deixarãose estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porem a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aspera auelleira,
Mostrando a hum dos Deoses escondido,
Todas tamanha grita alleuantarão
Como se fosse o monte destruydo.
E logo assi despidas se lançarão
Pella espessura tão ligeiramente,
Que mais então, qu'os ventos auoarão.
Qual o bando das pombas, quando sente
A fermosa Aguia cuja vista pura
Não obedece ao sol resplandecente.

Eclogas

Emprestalhe o temor da morte dura
Nas asas noua força, & não parando
Cortão o ar, & rompem a espessura.
Dest'arte vão as Nymphas, que deixando
De seu despojo os ramos carregados
Nuas por entre as siluas vão voando.
Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar em fim se vião
Nada dos pès caprinos ajudados.
Com amorosos brados as seguião,
Hum só, qu' o outro ainda não tomava,
Folego algum da pressa que trazião,
Mas depois descansado se queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sò por não vsar humanidade;
Os perigos dos matos não temeis,
Para que sois esquiuas,
Qu'inda de nos não peço piedade;
Mas dessas aluas carnes qu'offendeis?
Ah Nymphas não vereis
Que Eurydice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & não da fera morte?

Tambem assi Eperie foy mordida,
 Da bibora escondida,
 Olhay a serpe Nymphas na herua verde,
 Quem a condiçãõ não perde, perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
 Que peçonhenra fera venenosa,
 Ou que inimigo em fim vos vay seguindo?
 D'hum brando coração,
 Que preso dessa vista rigurosa,
 De si para vos foge, andais fugindo?
 Olhay qu' em gesto lindo,
 Não se consente peito tão disforme,
 Senão quereis que tudo se conforme:
 Posto que bellas n' agoa vos vejais,
 A fonte não creais,
 Que vos traz enganada por vingança,
 Desta nossa esperança qu' enganais.

Mas ah que não consinto,
 Que nem palaura minha vos offenda
 Posto que me desculpa a magoa pura,
 Nymphas digo que minto,
 Que não pôde auer nunca quem pretenda
 De desfazer em vossa fermosura,

Se amor de tanta dura
 Por tanto mal tão pouco bem merece,
 Não estranheis minh' alma, qu' endoudece,
 Que se falla doudices de improvizo,
 Sem tento, nem auiso,
 Queira Deos que dureza tão crecida
 Que me não tire a vida alem do siso.

Cousas grandes, & estranhas
 Tem pello mundo feito & faz natura,
 Qu' a qu' vos não vio (Nymphas) muto espantão
 Nas Lybicas montanhas

As Scitales são feras, de pintura
 Tão singular, que sò co a vista encantão,
 As Hienas levantão
 A voz tão natural á voz humana,
 Qu' a quem as ouue facilmente engana,
 E vos (ò gentis feras) cujo aspecto
 O mundo tem sogeto
 Tendes de natureza juntamente
 A vista, & voz de gente, & fero o peito.

Das amorosas leys
 Com que liga natura os corações
 Andais fugindo (Nymphas) na espessura,

Como não vos correis
 Que em vos aja tão duras condições,
 Que possam mais qu' a provida natura?
 Se vossa fermosura
 He sobrenatural, não he forçado
 Qu' assi tenha tambem o peito irado;
 Mas antes ao amor em cuja mão
 Os corações estão
 Por vossa gentileza tão fermosa,
 Lhes deveis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
 Que Deos no mundo pôs, & a natureza,
 Para augmentar as cousas que criou,
 D' amor está sojeito
 Tudo quanto possui a redondeza,
 Nada sem este effeito se gérou;
 Por elle conseruou

A causa principal o mundo amado,
 Donde o pay famulento foy deitado,
 As causas elle as acta, & as conforma,
 Com o mundo, & reforma

A materia, quem ha que não o veja?
 Quanto men mal deseja sempre forma?

Eclogas

Entre as heruas dos prados
 Não ha machos, & femeas conhecidas
 E junto hũa da outra permanece
 Não estão carregados
 Os vlmeiros das vides retorcidas,
 Onde o cacho enforcado amadurece
 Não vedes que padece
 Tanta tristeza a rola pella morte
 Da sua amada, & vnica consorte
 Pois là no Olympo a quantos catiuos
 Cupido, & maltratou?
 Melhor qu'eu o dirã a sutil denzellã,
 Que là na sua zella o dibuxou.

Ah caso grande, & graue,
 Ah peitos de diamante fabricados,
 E das leys absolutas naturais,
 Aquelle poder alto que forçados
 Aquelle amor suave,
 Os Deoses obedecem desprezais?
 Pois quero que saibais
 Que contra o fero amor nunca ouue escudo,
 O seu costume he vingança em tudo,
 Eu vos verei deitar em hum momento,
 Soffiros mil ao vento,

Lágrimas tristes prantos, noua dôr,
 Por quem tenha outro amor no pensamento.

Mais quizerá dizer
 O desditoso amante, que ajudado
 Se via então da magoa, & da tristeza,
 Mas foylho defender
 O outro companheiro como irado,
 Com tão disforme, & aspera dureza,
 Aquillo que a rudeza
 E a sciencia agreste lh'ensinára
 Imaginando como que acordára
 D'algum sonho arrancado d'alma hũ grito.
 O mais qu'alli foi dito,
 Vos montes o direis, & vos penedos,
 Qu' em vossos aruoredos anda escrito.

Satyro segundo.

Nem vos nacidas sois de gente humana,
 Nem foi humano o leite que mamastes,
 Mas d'algũa disforme fera Hircana,
 Là na Caucaaso monte vos criastes,
 Daqui tomastes a aspereza insana,
 Daqui o frio peito congelastes,
 Sois Sphinges nos gestos naturais,
 Qu' o rosto sò de humanas amostrais.

Eclogas

Se vos fostes criadas na espessura,
Onde não ouue cousa que se achasse
Animal, erua, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado não amasse,
Nem a quem a affeição suave, & pura
Nessa presente forma não mudasse.
Porque não deixareis também memoria
De vos, em namorada, & longa historia?

Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo, sua agoa clara
Là na ardente Sicilia vay buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amara,
Por onde do Cicople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Espessura vereis alli mudar-se
Egeria, & em fonte clara, & cristallina,
Pella morte de Numa destillar-se:
Olhai qu' a triste Biblis vos ensina
Com perder-se de todo, & transformar-se
Em lagrimas que em fim poderão tanto
Que acrecentarão sempre o verde manto.

E se entre as claras agoas ouue amores,
 Os penedos tambem forão perdidos,
 Olhay os dous conformes amadores,
 No monte Ida em pedra conuertidos,
 Lethea por cayr em vãos errores,
 De sua fermosura procedidos,
 Oleno, porque a culpa em si tomaua,
 Por não ver castigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
 Por quem Iphis no laço pos a vida,
 Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
 Cujavoz foi por Iuno consumida,
 E se queixar se quer de sua estrella,
 A voz extrema sò lhe he concedida,
 E tu tambem (ò Daphnis) que trouxeste
 Primeiro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
 Que em inimiga em fim se foi tornando,
 Que por que Nympha estranha outra o sogiga
 Suas magicas eruas vay buscando
 Olhay a crua dor a quanto obriga,
 Que por vingar sua ira, transformando
 Foy em pedra, ò dura confusão,
 Depois lhe pesaria, mas em vão.

Eclogas

Olhai (Nymphas) as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo forão namoradas,
Que ainda agora o tronco sente as dores,
Vereis também, se fordes lembradas,
Como a cõr das amoras he de amores,
O sangue dos amantes na verdura
Testemunha de Tisbe a sepultura.

E là pella odorifera Sabea,
Nã vedes que de lagrimas daquella
Que com seu payse ajunta, & se recrea,
Arabia se enriquece, & viue della?
Vede mais a verde arvore Penca,
Que foi já noutro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Thebo.

Està o moço de Phrigia dilicado
No mais alto arvoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Calardão de seus erros merecido,
Que da alta Bericinthia sendo amado,
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Deosa a quem perdeu do pensamento,
Quis que também perdesse o entendimento.

O subito furor lhe afigurava
 Que o monte, as casas, & arvores cahião,
 Já dos pudicos membros se priuava,
 Qu'a Deosa, & a furia grãde o constrãgião,
 Já no indino monte se lançava,
 De sua morte as feras se doyão:
 Dest' arte perdeo Achis na espessura
 Despois de tantas perdas a figura.

Lembremos quando as gentes celebravão
 Em Grecia as grandes festas de Lyeo,
 Onde as fermosas Nymphas se juntauão
 E os sacros moradores do Lyceo,
 Todos em doce som se occupavão
 Pello monte depois que anoiteceo,
 Mas o Deos do Helesponto não durmia,
 Que hum nouo amor o sono lhe impedia.

Mas ella em fim os braços estendendo
 Em ramos se lhe forão transformando,
 Em rayzes os pés se vão torcendo,
 E o nome Loto só lhe vay ficando.
 Vede Napeas este caso horrendo,
 Que vos està de longe ameaçando,
 Que assi tambem daquella a quem seguia
 O sacro Pan, a forma se perdia.

Eclogas.

E que direis de Philis, que perdida
Da saudosa dor em que vivia,
A desesperação em fim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco sem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis lacintho,
Por quem Phebo de si se queixa em vão,
Versis o monte Idalio em sangue tinto,
Do neto de seu pay, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o ceo, e a terra com razão,
A terra porque logo não se abriu,
O ceo porque tal morte permittio.

E tu constante Clycie, a quem fallece
A fe de teus amores enganosos,
No louro amante que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos,
Nenhum alegre stado permanece,
Que são do mundo os gostos mincirosos,
E à tua clara luz por quem suspiras
Ainda agora em herua a folha viras.

Tragados estas cousas à lembrança,
 Porque se estranhe mais vossa crueza,
 Com ver qu' a criação, & a longa usança
 Vos não preuerte, & muda a natureza,
 Dou as lagrimas minhas em fiança
 Qu' em tudo quanto está na redondeza
 Causa d' amor isenta, se atentais,
 Em quanto vos não virdes não vejais.

Já disse que d' amor sempre tiuerão
 As cousas insensiveis pena, & gloria,
 Vede as sensiveis como se perderão,
 E dirvos ey das aues larga hystoria,
 Qu' as penas que em sua alma se soffrerão,
 Nas asas lhe ficarão por memoria
 E a quelle altiuo, & leue mouimento,
 Lhe ficou do voar do pensamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
 De donde ellas se forão transformando,
 Senão do puro amor qu' o Thracio tinda
 Qu' em Poupa ainda a amada áda chamãdo?
 Clama sem culpa a misera auezinha,
 Que na era de Phasis habitando
 Do rio toma o nome, & assi se vay,
 Chamando a mãy cruel, & injusto o pay.

Vede

Eclogas

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayer defeito,
E aquella que succede em seu lugar
Ambas aues d' amor usado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra por que tentára o patrio leito,
E Scylla qu' a seu pay pos em perigo,
Sò por ser muito amiga do enemigo.

E Pico a quem ficãrão ainda as cores
Da purpura Real que ter soy e,
E Esaco que o seguir de seus amores
O trouxe a ver tão cedo o estremo dia:
Ou vede os dous tão firmes amadores,
Qu' amor aues tornou na praya fria,
Do Rey dos ventos era genro o triste,
Mas contra o fado em fim nada resisti.

Estava a triste Alcyone esperando
Com longos olhos o marido ausente,
Mas os irados ventos assoprando,
Nas agoas o afogarão tristemente,
Em sonhos se lhe estã representando
Que o coração presago nunca mente,
Sò do bem as sospeitas mintirão,
Qu' as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
 Buscando o mar com elles hia & vinha,
 Quando o corpo sem alma achou na praya,
 Sem alma o corpo achou, que n' alma tinha:
 Nereidas do Egeo consolaya,
 Pois este triste officio vos conuinha,
 Consolaya, sabi das vossas agoas,
 Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ò nescio de mim, qu' estou fallando
 Das auezinhas mansas, & amorosas,
 Se tambem teue amor, poder, & mando
 Entre as feras monteses venenosas:
 O leão, & a leoa, como, ou quando
 Tais formas alcançarão temerosas,
 Sabea da Deosa Dindymene o templo,
 E a qu' o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca diloia,
 Mas o grão Nilo o diga qu' a adora,
 Que forma teue a Ursa saber sabia
 Do Polo Boreal donde ella mora:
 O caso de Acteon tambem diria
 Em ceruo transformado, & melhor fora
 Que dos olhos perdera a vista pura
 Que escolher nos seus golpes sepultura.

Eclogas

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Onde assi de improviso em ceruo vio,
Que quem assi desta arte alli o topára,
Que se mudasse em ceruo permittio:
Mas como o triste amante em si notára
A desusada forma se partio,
Os seus qu'o não conhecem, ovão chamando,
E estando alli presente ovão buscando.

Cos olhos, & co gesto lhes fallava,
Qu'a voz humana ja mudada tinha,
Qualquer delles por elle então chamaua,
E a multidão dos cães contra elle vinha:
Que viesse ver hum coruo lhe gritava,
Acteon aonde estàs acude a sinha,
Que tardar tanto he este (lhe dizia)
He este, he este, o ecco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando,
(o esquiuas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sò deseja,
Pois por mais que de mim me andeis tirando,
E por mais longa em fim qu'a vida seja,
Nunca em mim se verá tamanha dor,
Qu' amor a não conuertta em mais amor.

Aqui (ò Nymphas minhas) vos pinteí
 Todo d'amores hum jardim suave,
 Das aues, pedras, agoas vos conteí,
 Sem me ficar bonina, fera, ou aue:
 Se este amor que no peito aposenteí
 Que dos contentamentos tem a chaue,
 Por dita em tempo algum determinasse
 Que de tão longos dannos vos pesasse.

Quanto mais de vagar vos contaria
 De minha larga historia, & não alhea,
 E com quanta mais agoa regaria
 De contente, qu' o rio a branca area:
 Nouo contentamento me seria
 Formar de meu cuidado a noua idea,
 E vos gostando deste stado vsano,
 Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo, ou que stou gritando,
 Pois não ha nos penedos sentimento?
 Ao vento estou palauras espalhando,
 A quem as digo corre mais qu' o vento:
 A voz, & a vida, a dor me stà tirando,
 E não me tira a tempo o pensamento,
 Direi em fim as duras esquiuanças,
 Que sò na morte tenho as esperanças.

Aqui

Éclogas

Aqui o triste Satyro acabou,
Com soluços qu'a alma lhe arrancauão;
E os montes insensiveis qu'abalou
Nas ultimas repostas o ajudauão,
Quando Phebo nas agoas s'encerrou,
Cos animas qu'o mundo alumiauaõ,
E coluzente gado appareceo
A celeste pastora pello ceo.

ECLOGA VIII.

Piscatoria.

ARde por Galathea branca, & loura
Serenos pescador, pobre forçado
D'hũa estrella cruel, q' quer à mingoa moura.
Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle s'ò fazia
Este queixume ao vento descudado.
Quando vir à (fermosa Nympha) o dia
Em que te possa dar a conta estreita
Desta doudice triste, & vã porfia?
Não ves que me foga a alma, & que m'engeita,
Buscando num s'ò riso da tua boca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se a esse spiritu algũa magoa toca,
Sed' amor fica nella hũa p'gada,

Que

Que te vay, Galathea, nesta troca?
 Darte ei minh' alma; la q' a t'ès roubada,
 Nam ta demandarei, dame por ella
 H'ua só volta d'olhos descudada.
 Se muto te parece, & minha estrella
 Nam consentir ventura tam ditosa
 Doute as asas do amor perdidas nella.
 Que mais te posso dar Nimpha fermosa,
 Inda que o mar daljofar me cubrira,
 Toda esta praya leda & graciosa?
 A mansão as ondas, quebra o vento a ira,
 Minha tormenta triste não sossega,
 O peito arde em vão, em vão sospira.
 Ao romper d'alua anda a neuoa cega,
 Sobre os montes d' Arrabida viciosos,
 Em quanto a elles a luz do sol não chega.
 Eu vejo aparecer outros fermosos
 Rayos, q' a graça, & cor ao ceo roubàrã
 Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
 Quantas vezes as ondas se encrespàrão,
 Cõ meus suspiros, quãtas cõ meu pranto
 Se parãrão com magoa, & m'escutãrão.
 Se na força da dor a voz leuanto,
 E ao som do remo qu'a agoa vay ferindo,
 Perante a l'ua meu cuidado canto.

Eclogas.

Os maniosos delphins me stão ouuido,
 A noite sossegada, o mar callado
 Só Galathea foges, & vas rindo.
 Estranhas por ventura o mar cercado
 Da fraca rede, a barca ao vento solta,
 E hũ pobre pescador aqui lançado?
 Antes que dê no céu o sol hũa volta,
 Se pode melhorar minha ventura,
 Como acontece aos outros n' agoa enuolta,
 Igual preço nam he da fermosura
 Area d'ouro, qu' o rico Tejo espraya,
 Mas hum amor q̃ para sempre dura
 Vejam teus olhos (bella Nympha) a praya
 Verâs teu nome na mimosa arca,
 Nunca sobre elle o mar com furia sayã.
 Vento, ou ar ategora a nam saltea,
 Tres dias ha que scrito aqui o deixou
 Amor, guardandoo a toda força alhea.
 Elle com suas mãos mesmo ajudou,
 Escolher estas conchos, q̃ guardando,
 Para ti hũa, & hũa sò ajuntou.
 Hum ramo te colhi de coral brando,
 Antes qu' o ar lhe desse, parecia,
 O que de tua boca stou cuidando,
 Dito se se osenbesse inda algum dia.

REDONDILHAS

DE LVIS DE CAMOENS.

A algũs propositos onde se contem glosas,
& voltas, a motes seus, & alheos.

Sobolos rios que vão
Por Babylonia m'achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foy mandado,
E tudo bem comorado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representarão,
E minhas cousas ausentes,
Se fizerão tão presentes
Como se nunca passarão.
Alli depois de atordado,
Co rosto banhado em agoa,
Ceste sonho imoginado,
Vi que todo o bem passado

Não he gosto, mas he magoa.

E vi que todos os danos
Se causauão das mudanças,
E as mudanças dos anos,
Onde vi quantos enganos,
Faz o tempo às esperanças,
Alli vi o moyor bem,
Quão pouco espaço que dura
O mal quão de pressa vem,
E quam triste estado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
Qu'então se entende milhor
Quando mais perdido for;
Vi o bem succeder mal,
E o mal muito pior.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento

Redondilhas

Vi nenhum contentamento,
E vejome a mim, qu' espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusão de Babel.
Como homem q̄ por exemplo
Dos trances em q̄ se achou,
Despois qu' a guerra deixou,
Pellas paredes do templo
Suas armas pendurou.

Assi despois qu' assentei
Que tudo o tempo gastava,
De tristeza que tomei
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos cō que cantava.
Aquelle instrumento ledo,
Deixei da vida passada,
Dizendo, musica amada
Deixouos neste aruoredo
A memoria consagrada.

Frauta minha que tangendo
Os montes fazeis vir

Pera onde estaveis, correndo
E as agoas que hião decendo
Tornauão logo a subir.

Jamais vos não ouvirão
Os tigres que se amansauão,
E as ouelhas que pastauão,
Das heruas se fartarão,
Que por vos ouvir deixauão,

Ja nam fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente,
Nem poreis frego à corrente
E mais se for dos meus olhos.
Não mouereis a espessura,
Nem podereis ja trazer
Atras vos a fonte pura,
Pois não podestes mouer
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
A fama que sempre vella,
Frauta de mim tão querida,
Por-

Porque mudandose a vida
 Se mudão os gostos della.
 Acha a tenra mocidade
 Prazeres accommodados,
 E logo a mayor idade
 Ia sente por pouquidade
 Aquelles gostos passados.

Hũ gosto que oje se alcãça,
 A manhã ja o não vejo,
 Assim nos traz a mudança,
 De esperança em esperança,
 E de desejo em desejo.
 Mas em vida tão escassa
 Que esperança sera forte,
 Fraqueza da humana sorte,
 Que quanto da vida passa
 Está recitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
 O canto da mocidade,
 Não cude a gente futura
 Que sera obra da idade
 O que he força ventura.
 Que idade, tempo, o espanto

De ver quam ligero passe,
 Nunca em mi poderaõ tão
 Que posto que deixe o canto,
 A causa delle deixasse.

Mas em tristezas & nojos
 Em gosto & contentamento
 Por sol, por neve, por vèto,
 Terne presente alos ojos
 Por quẽ muero tan contẽto.
 Orgãos & frauta deixava,
 despojo meu tão querido,
 No salgueiro qu' alli estava
 Que para tropheo ficava
 De quem me tinha vencido.

Mas lembrãças da affeição
 Que alli cattivo me tinha,
 Me preguntarão então
 Qu'era da musica minha,
 Qu'eu cantava em Syão;
 Que foy daquelle cantar
 Das gentes tão celebrado,
 Porque o deixava de vsar.
 Pois sempre ajuda a passar

Redondilhas

Qualquer trabalho passado. Nem seria cousa idonia,
 Por abrandar a paixão
 Que cantase em Babilonia
 As cantigas de Sião.
 No caminho trabalhoso,
 Que quando a muta graueza
 Por auzr, o espesso arvoredo
 De saudade quebrante
 E de noite o temeroso
 Esta vital fortaleza,
 Cantando refrea o medo.
 Antes moura de tristeza
 Que por abrandala cante,
 Canta o preso docemente,
 Os duros grilhões tocando,
 Canta o segador contente,
 E o trabalhador cantando
 O trabalho menos sente.
 Que se o fino pensamento
 Sò na tristeza consiste,
 Não tenho medo ao tormẽto
 Que morrer de puro triste
 Eu qu'estas cousas senti
 N'alma de magoas e ao chea,
 Que mayor contentamentos
 Como dirã, respondi,
 Nem na frauta cantarei,
 Quem tão alheo estã de si
 O que passo & passei ja,
 Doce canto em terra alhea;
 Nem menos o escreuerei,
 Como poderã cantar
 Porque a penna cansarã,
 Quẽ em choro banha o peito;
 E eu não descansarei.
 Por que se quem trabalhar
 Que se vida tão pequena
 Canta por menos cansar
 S'acrecẽta em terra estranha
 Eu só descansos engeito.
 E se amor assi o ordena,
 Razão he que canse a penna.

De escrever pena tamanha.
 Porém se pera assentar
 O que sente o coração
 A pena ja me cansar,
 Não canse para voar,
 A memoria em São.

Terra bemaumenturada,
 Se por algum mouimento
 D'alma me fores mudada,
 Minha pena seja dada
 A perpetuo esquecimento.
 A pena deste desterro
 Qu'eu mais desejo esculpida,
 Em pedra, ou em duro ferro,
 Essa nunca seja ouvida,
 Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer,
 Em Babilonia sogeito,
 Hierusalem sem te ver,
 A voz quando a mouer
 Se me congele no peito.
 A minha lingua se apege
 As fauces, pois te perdi,

Se em quanto viver assi
 Ouuer tempo em que te nege
 Ou que me esqueça de ti.

Mas ò tu terra de gloria,
 Se eu nunca vi tua essencia,
 Como me lebras na ausencia
 Não me lebras na memoria
 Senão na reminiscencia.
 Qu'a alma he taboa rasa,
 Que com a escrita doutrina
 Celeste, tanto imagina,
 Que voa da propria casa.
 E sobe à patria diuina.

Não he logo a saudade
 Das terras onde naceo
 A carne, mas he do céu,
 Daquella santa cidade,
 Donde est' alma descendeo.
 E aquella humana figura,
 Que cà me pode alterar,
 Não he quem s'ha de buscar
 He rayo da fermosura,
 Que só se deue de amar.

Redondilhas

Qu'os olhos & a luz q' atea
 O fogo que cã sogeita,
 Não do sol, mas da candea,
 He sombra daquella idea
 Qu'è Deos estã mais perfeita
 E os que cã me cattiuãrão
 São poderosos affeitos,
 Qu'os coraçoes tem sogeitos,
 Sophistas que m'ensinarão
 Maos caminhos por direitos

Destes o mando tirano,
 Me obriga com desatino,
 A cantar ao som do dano
 Cantares d'amor profano
 Por versos d'amor diuino.
 Mas eu lustrado co santo
 Rayo na terra de dor,
 De confusões & d'espanto,
 Como ei de cantar o canto
 Que sô se deue ao Senhor?

Tanto pode o beneficio,
 Da graça que dà sande,
 Qu'ordena qu'a vida mude,

E o que tomei por vicio
 Me faz grão pera a virtude
 E faz qu'este natural
 Amor, que tanto se preza
 Suba da sombra ao real
 Da particular belleza,
 Para abelleza gèral.

Fique logo pendurada
 A franca com que tangi,
 ò Hierusalem sagrada,
 E tome a lyra dourada,
 Para só cantar de ti.
 Não cattiuo & ferrolhado
 Na Babilonia infernal
 Mas dos vicios desatado,
 E cã desta a ti levado,
 Patria minha natural.

E se eu mais der a cerviz
 A mundanos accidentes,
 Duros, tirannos, & vrgentes
 Risque se quanto ja fiz
 Do gran liuro dos viuentes.
 E tomãdo ja na mão

A lyra santa & capaz
 Doutra mais alta inuencão,
 Calese esta confusão,
 Cantese a visão de paz.

Ouçame o pastor, & o Rey,
 Retumbe este accento santo,
 Mouase no mundo espanto,
 Que do que ja mal cantei
 A palynodia ja canto.

A Vos sò me quero ir,
 Senhor & gran capitão,
 Da alta torre de Syão,
 A qual não posso subir
 Se me vos não dais a mão.

No gran dia singular
 Que na lyra o douto som
 Hierusalem celebrar,
 Lembrainos de castigar
 Os roins filhos de Edom.
 Aquelles que tintos vão
 No pobre sangue innocente,
 Soberbos co poder vão,
 Arrasayos igualmente,

Conhecãõ que humanos são

E aquelle poder tão duro
 Dos effeitos com que venho,
 Qu'encêdê alma & engenho
 Que ja me entrãrão o muro
 Do liure arbitrio que tenho.
 Estes que tão furiosos
 Critaudo vem a escallar me,
 Maos spiritus danno, os,
 Que querem como forçosos
 Do alicerce derrubarme.

Derrubayos, fiquem sos,
 De forças fracos, imbelles,
 Porque não podemos nós,
 Nem com elles ir a vos,
 Nem sem vos tirarnos delles
 Não basta minha fraqueza,
 Para me dar defensão,
 Se vos santo capitão
 Nesta minha fortaleza
 Não poser des guarnição.

E tu, ó carne, que encantas

Filha

Redondilhas

Filha de Babel tão fea,
 Toda de miserias chea,
 Que mil vezes te leuantas,
 Contra quem te senhorea.
 Beato sò pode ser
 Quem coa ajuda celeste
 Cont'ra ti perualecer,
 E te vier a fazer
 O mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
 Se fere mais qu'hũa vez
 Cujz alma de vicios nua,
 Faz nodoas na carne sua,
 Que ja a carne n, alma fez,
 E beato quem tomar
 Seus pensamentos resentes,
 E em nacendo os afogar,
 Por não virem a parar
 Em vicios graues & vrgêtes

Quem com elles logo der
 Na pedra do furor santo,
 E batendo os desfizer,
 Na pedra que veo a ser

Em fim cabeça do canto.
 Quem logo quando imagina
 Nos vicios da carne mà,
 Os pensamentos declina,
 Aquella carne divina;
 Que na cruz esteve ja.
 Quem do vil contentamento
 Cã deste mundo visuel
 Quanto ao homẽ, for possiuel
 Passar logo o entendimento
 Para o mundo intelligiuel.

Alli acharã alegria
 Em tudo perfeita & chea,
 De tão suaue armonia,
 Que nem por pouca recrea,
 Nem por sobeja enfastia.
 Alli verã tão profundo
 Mysterio na summa alteza,
 Que vencida a natureza
 Os mères faustos do mundo
 Iulgue par mayor baixeza.

ô tu diuino aposento,
 Minha patria singular,

Se sò com te imaginar
 Tanto sobe o entendimento,
 Que fara s, em ti se achar?
 Ditoso quem se partir
 Para ti, terra excellente,
 Tão justo, & tão penitente,
 Que despois de ati subir
 La descanse eternamente.

Carta a hũa dama.

Querendo escrever hum dia
 Omal que tanto estimei,
 Cudando no que poria,
 Vi amor que me dizia
 Escreue, qu'eu notarei.

E como para se ler
 Não era hystoria pequena
 A que de mim quis fazer,
 Das asas tirou a pena,
 Com que me fez escrever.

E logo como a tirou
 Me disse, anua os espiritos,
 Que pois em teu favor sou,

Esta pena que te dou
 Fara voar teus escritos.
 E dandome a padecer
 Tudo o que quis que pusesse,
 Pudé em fim delle dizer
 Que me deu cõ q̃ escreuesse
 O que me deu a escrever.

Eu qu'este engano entendi,
 Disselhe, que escreuererei?
 Respondeo, dizendo assi,
 Altos affeitos de ti,
 E daquelle a quem te dei.
 E ja que te manifesto
 Todas minhas estranhezias,
 Escreue pois que te prezas
 Milagres d'hum claro gesto,
 E de quem o vio tristezas.

Ah senhora em quẽ s,apura
 A fe de meu pensamento,
 Escutai & estai a tento,
 Que com vossa fermosura
 Igual amor meu tormento.
 E posto que tão remota

Este

Redondilhas

Estejaes de me escutar,
 Por me não remedear,
 Ouvi, que pois amor nota,
 Milagres são de notar.

Escreuem varios autores,
 Que junto da clara fonte
 Do Ganges, os moradores
 Viuem do cheiro das flores
 Que naceem naquelle monte.
 Se os sentidos podem dar
 Mantimento ao viuer,
 Não he logo d'espantar,
 Se estes viuem de cheirar,
 Que viuua eu de vos ver.

Hũa arvore se conhece,
 Que na geral alegria
 Ella tanto s'entristece,
 Que como he noite florece,
 E perde as flores de dia.
 Eu q' em ver uos sinto o preço
 Que em vossa vista consiste,
 Em a vendo me entristeço,
 Porque sei que não mereço.

A gloria de ver me triste.

Hum Rey de grande poder
 Com veneno foy criado,
 Porque sendo costumado,
 Não lhe podesse empecer,
 Se depois lhe fosse dado.
 Eu que criei de piquena
 A vida a quanto padece,
 Desta sorte me acontece,
 Que não me faz mal a pena,
 Senão quando me fallece.

Quem da doença Real,
 De longe enfermo se sente
 Por segredo natural,
 Fica são vendo sòmente
 Hum volatil animal.
 Do mal qu' amor em mi cria
 Quando aquella Fenix vejo,
 São de todo ficaria,
 Mas ficame hydropesia,
 Que quãcomais, mais desejo.

Da bibora he verdadeiro

Se a consorte vay buscar,
Que em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lhe impede o gêrar.

Assi quando me apresento
A vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo a parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo amor sustentarse
Fez hũa vontade esquiva,
D'hũa statua namorarse,
Despois por manifestarse
Conuerteoa em molher viva.
De quem me irei queixando,
Ou quẽ direi que m'engana,
Se vou seguindo, & buscãdo
Hũa imagẽ que de humana
Em pedra se vay tornando?

D'hũa fonte se sabia,
Da qual certo se prouaia
Que quem sobr'ella jurava,
Se falsidade dizia,

Dos olhos logo cegava.
Vos que minha liberdade
Senhora tyrannizais,
Injustamente mandais
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa ver mais.

Da palma se escreue & cãta
Ser tão dura, & tão forçosa,
Que peso não a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com elle mais se levanta.
Co peso do mal que dais,
A constãcia qu'em mi vejo
Não somente ma dobrais,
Mas dobra se meu desejo,
Cõ que então vos quero mais

Se alguem os olhos quiser
As andorinhas quebrar,
Logo a mãy sem se deter
Hũa erua lhe vay buscar,
Que lhe faz outros nacer.
Eu qu'os olhos tenho a tento
Nos vossos qu'estrellas são,

Redondilhas

Cegaõse os do entendimento,
 Mas nace[m]me os da razão,
 De folgar cõ meu tormento.

La para onde o sol fae
 Descubrimos navegando
 Hum nouo rio admirando,
 Qu' o lenho que nelle cae
 Em pedra se vay tornando.
 Nao se espantẽ disto as gẽtes
 Mais razão serã qu' espante
 Hum coração tão possante,
 Que com lagrimas ardentes
 So conuerte em diamante.

Pode hum mudo nadador
 Na linha & cana influir
 Tão venenoso vigor
 Que faz mais não se bulir
 O braço do pescador.
 Se começã de beber
 Deste veneno excellente,
 Meus olhos sem so deter,
 Não se sabem mais mouer
 A nada que se apresenta.

Isto são claros sinais
 Do muto qu' em mi podeis
 Nem podeis desejar mais,
 Que se veruos desejais,
 Em mi claro vos vereis.
 E quereis ver a que fim
 Em mi tanto bem se pos,
 Porque quis amor assim
 Que por vos verdes a vos,
 Tambem me visseis a mim.

Dos males que me ordenais
 Qu'inda tenho por pequenos
 Sabei se mos escutais,
 Que ja não sei dizer mais,
 Nẽ vos podeis saber menos.
 Mas ja qu' a tanto tormẽto.
 Não se acha quem resista,
 Eu senhora me contento,
 De terdes meu soffrimento,
 Por aluo de vossa vista.

Quantos contrarios cõsente
 Amor por mais padecer,
 Que aquella vista excellente

Que

Que me faz viuer contente
 Me faça tão triste ser.

Mas dou este entendimento
 Ao mal q' tanto m'offende,
 Como na vella se entende,
 Que se se apaga co vento,
 Co mesmo vento se accende.

Experimentouse algum'hora
 D'aue que chamão Camão,
 Que se da casa onde mora
 Vem adultera a senhora,
 Morre de pura paixão.
 A dor he tão sem medida,
 Que remedio lhe não val,
 Mas ó ditoso animal,
 Que póde perder a vida
 Quando vé tamanho mal.

Nos gostos de vos querer
 Estava agora enleuado,
 Se não fora salteado,
 Das lembranças de temer
 Ser por outrê desamado.
 E'as sospeitas tão frias,

Com qu'o pensamento sonha
 São assi como as Harpyas,
 Qu'as mais doces igoarias
 Vão conuerter em peçonha.

Faz m'este mal infinito
 Nam poder ja mais dizer,
 Por nam vir a corromper
 Os gostos que tenho escrito,
 Cos males qu'ey de screuer.
 Não quero que se apregoe
 Mal tanto para encubrir,
 Por q' em quãto aqui se ouuir,
 Nenhũa outra cousa soe,
 Qu'a gloria de vos seruir.

Outras.

Dama d'estranho primor,
 Se vos for
 Pesada minha firmeza,
 Olhai nam me deis tristeza,
 Por qu'a conuerto em amor.
 Se cuidais
 De me macar quando vsais
 D'esquiuança,

Redondilhas

Irei tomar por vingança
Amarvos cada vez mais.

Porem vosso pensamento
Como isento,
Seguir à sua tençam,
Crendo qu' em tanta affeição
Nam aja acrecentamento.
Nam creais,
Que dest' arte vos façais
Inuenciuel,
Qu' amor sobre o impossuiel
Amostra que pode mais.

Mas ja da tençam que sigo
Me desdigo,
Que se ha tanto poder nelle
Tãbem vos podeis mais q' elle,
Neste mal que vsais comigo.
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nos,
Quem poderà mais que vos,
Se vos podeis mais qu' amor?

Despois que dama vos vi
Entendi
Que perdéra amor seu preç
Pois o favor que lh' eu peço
Vos pede elle para si.
Nem duuido,
Que nam pôde de sentido
Resistir,
Pois em vez de vos ferir
Ficou de vos ver ferido,

Mas pois vossa vista he tal,
Em meu mal,
Que posso de vos querer?
Que mal poderei valer
Onde o mesmo amor não val:
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar,
E oxalà,
Que vos alcembrasse ja,
Se quer para me matar.

Mas nem com isto creais,
Que façais
Meus serviços mais peq'nos,

por-

Porq̃ eu quando spero menos
 Sabei que então quero mais,
 Nada espero,
 Mas de mi crede este fero,
 Que era ser vosso,
 Vos quero tudo o que posso,
 E não posso quanto quero.

Sò por esta fantezia
 Merecia
 De meus males algũ fructo,
 Para o muito que queria.
 Demaueira,
 Que não he na derradeira
 Grande espanto,
 Que quẽ, dama, vos quer tão
 Que outro tão de vos queira

A hũas sospeitas.
 Sospeitas que me quereis,
 Que eu vos quero dar lugar,
 Que de certas me mateis,
 Se a causa de que nasceis
 Vos quise confessar.

Que d' nã lhe achar disculpa
 A grande magoa passada
 Me tem a alma tão cansada
 Que se me confessa a culpa
 Telacy por disculpada.

Ora vede que perigos
 Tem cercado o coração,
 Que no meo dá oppessão,
 A seus proprios enemigos
 Vay pedir a defesaõ.
 Que sospeitas eu bem sei
 Como se claro vos viße,
 Que he certo o que ja cudei,
 Que nunca mal sospeitei,
 Que certo me não saisse .

Mas queria esta corteza
 Daquelle que me atormeta,
 Porq̃ em tamanha estreiteza
 Ver que dißo se contenta,
 He descanso da tristeza.
 Porque se esta só verdade
 Me confessa limpa & nua
 De cantella & falsidade,

Não pode a minha vontade
Desconforme da sua.

Por segredo namorado,
He certo e star conhecido,
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só em que se ordena
Novo modo de aquerella,
De medo da dor pequena
Venho achar na mayor pena
O refrigerio para ella.

Ja nas iras me inflamei
Nas vinganças nos furores,
Que ja doudo imaginei,
E ja mais doudo jurei
D'arrancar dalma os amores
Ja determinei mudar-me
Para outra parte com ira,
Despois vim a cõcertarme,
Que era bom certificarme
No q̃ mostrava a mintirã.

Mas despois ja de cansada
As furias do imaginar,
Vinha em fim arrebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem pera magoar.
E deixando se vencer
Os meus fingidos enganõs,
De tão claros desenganõs,
Nãõ posso menos fazer,
Que contentarme cos danos.

E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem
Quanto me pode matar.
Olhai bem se me trazeis,
Senhora posto no fim,
Pois neste estado, a que vim
Para que vòs confesseis,
Se dão os tratos amim.

Mas para que tudo possa
Amor que tudo encaminha
Tal justiça lhe conuinha,

Porque

Porque da culpa q̄ he vossa
 Penha ser a morte minha.
 Justiça tão mal olhada,
 Olhay com que cor se doura,
 Que quer no fim da jornada,
 Que vos sejais confessada
 Para qu'eu seja o q̄ moura.

Pois confessaiuos jágora,
 Inda que tenho temor,
 Que nem nesta vltima hora
 Me ha de perdoar amor
 Vossos peccados. senhora.
 É assi vou desesperado,
 Porque estes são os costumes
 D'amor, q̄ he mal empregado
 Do qual vou ja condemnado
 Ao inferno de ciumes.

Labarinto do autor q̄i-
 xandose do mundo.
 Corre sem vela, & sem leme
 O tempo desordenado
 D'hum grande vento levado
 O que perigo nam teme,

He de pouco esprementado.

As redeas trazem na mão
 Os que redeas nam tiuerão,
 Vendo quanto mal fizeram
 A cubica & ambiçam
 Disfraçados se acolherão.
 A não que se vay perd'er
 Distrue mil esperanças,
 Vejo o mau que vem a ter
 Vejo perigos correr
 Que nã cuida q̄ ha mudanças.

Os q̄ nũca em sella andarão
 Na sella postos se vem,
 De fazer mal não deixaram
 De Demonios habito tem
 As que o justo profanarão
 Que poder á vir a ser
 O mal nunca refreado?
 Anda por serco enganado
 Aquelle que quer valer,
 Levando o caminho errado,
 He pera os bõs confiança,

Redondilhas

Ver que os mãos perualecerã
Posto que se detiueram
Com esta simulação,
Sempre castigos tiueram
Nam por que gouerne o leme
Em mar euolto, & turbado
Que tem seu remo mudado
Se merece grita, & geme
Em tempo desordenado.

Terem justo galardão,
E dor dos que merecerão
Sempre castigos tiueram
Sem nenhũa redempção
Posto que se detiueram.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança;
Quem manbas nam sabe ter
Sem que lhe valha gemer,
Vera falçar a balança.

Os que nunca trabalharam,
Tendo o que lhe nam conuê,
Se ao innocente enganaram
Perderão o eterno bem,

Se do mal nam se apartarão
Cõuite que Luis de C
mões fez na India, a cer
tos fidalgos, cujos no
mes aqui vão.

¶ A primeira iguaria foi
posta a Valco d'Attaide
entre dous pratos,
& dizia,

Se não quereis padecer
Hũa ou duas horas tristes,
Sabeis que auéis de fazer.
Bolueruos por do venistes,
Que aqui não ha que comer.
E posto que aqui leais
Trouinha que vos enlea,
Corrido não estejais,
Porque por mais que corrais
Não eis d'alcançara cea.

A segūda foi posta a D^o
Frãcisco Dalmei-
da, & dizia.

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas,
E de sorte as enganava,
Que as iguarias que dava,
Vinhão nos pratos pintadas.

Nã temais tal traueffura,
Pois ja não pode ser noua;
Que a cea está segura
De vos não vir em pintura,
Mas hade vir toda e troua.

¶ A terceira foy posta
a Eytor da Sylueira,
& dizia.

Cea não a papareis,
Com tudo porque nã minta
Para beber achareis
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vos torceis o facinho,
Com esta amphibologiã?
Pois sabeis que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

A quarta foi posta a loã
Lopez Leitão, a que o
autor mādou hū mote
que vay adiante, sobre
húa peça de cacha, que
mandou a húa
dama.

Porq̃ os que vos convidarão
Vosso estamago não danem,
Por justa causa ordenarão
Se trouas vos enganarão,
Que trouas vos desenganẽ.
Vos tereis isto por tacha,
Conuerter tudo em trouar,
Pois se me virdes zombar,
Nã cudeis snor que he cacha
Que aqui não ha cachar.

Finge q̃ responde loão
Lopez Leitão.

Pesar ora não de são,
Eu juro pello ceo bento
Se de comer não me dão

Redondilhas

Que eu não sou Camaleão
Que m'ei de mãe do v'eto.

Finge que responde o
Autor.

Senhor não vos agasteis,
Porque Deos vos prouerá,
E se mais saber quereis,
Na costas deste lereis
As ignarias que há.

Vira o papel, que dizia
assí.

Tendes n'è migalha assada,
Cousa nenh'ua de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em repolho.
De fumo tendes cassalhos,
Aues da pena que sente
Quem de fome anda doente,
Bocejar de vinho, e dalhos,
M'ajar em braco excellente.

A quinta, & derradeira
foy posta a Fráncisco de
Mello, & dizia.

D'hum homẽ q' teu' o ceptro
Da vea maravilhosa,
Não foy cousa duuidosa,
Que se lhe tornava e metro
O que hia a dizer em prosa.

De mim vos quero apostar
Que faça cousas mais novas
De quanto podeis cuidar,
Esta cea que he manjar,
Vos faça na boca em tronas.

Redondilhas m'adadas
ao Visorey, com o mo
te adiante.

Conde, cujo illustre paço
Merece nome de Rey,
Do qual muito certo sei,
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Visorey.

Seruir

A sò vida vos pedir;
 Como vos hà Deos de ouuir.
 Se vos não ouuis ninguem?
 Não podeis ser perdoada
 Cõ mãos a matar tã prõtas
 Que se nhũa trazeis contas,
 Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomẽdando
 Os que matastes andais,
 Se rezais por quẽ matais,
 Para que matais rezando?
 Que se na força do orar
 Levantais as mãos aos céos
 Não as ergueis para Deos,
 Ergueilas para matar.

E quando os olhos cerrais
 Toda enleuada na fe,
 Cerrãose os de quem vos vè,
 Pera nunca verem mais.
 Pois se assi firem tratados
 Os que vos vè, quando orais
 Essas horas que rezais,
 São as horas dos finados.

Pois logo se suis servida,
 Que tãtos mortos nã se jão,
 Não rezeis onde vos ve jão,
 Ou vede para dar vida.
 Ou se quereis escusar
 Estes males que causastes,
 Resucitai quem matastes,
 Não tereis por quem rezar.

Esparfa ahũa dama que
 lhe deu hũa pena.

Se n' alma, e no pêsamento
 Por vosso me manifesto,
 Não me pesa do que sento
 Que senão soffrer tormẽto,
 Faço offensa a vosso gesto.

E pois quanto amor ordena
 E quanto esta alma deseja
 Tudo à morte me condena,
 Não quero senão que seja
 Tudo pena, pena, pena.

Esparfa ahũa dama que
 lhe chamaua cara sem
 olhos.

Redondilhas

Sem olhos vi o mal claro
 Que dos olhos se seguio:
 Pois cara sem olhos vio
 Olhos que lhe custão caro.
 D'olhos não faço menção
 Pois q'reis qu'olhos nã sejam
 Vendouos, olhos sobejão
 Nã vos vêdo, olhos não são.

Disparates seus na
 India.

Este mundo es el camino,
 A do ay dozientos vaos
 O por onde, bõs, & mãos
 Todos somos del merino.
 Mas os mãos são de teor,
 Que des que mudão a cor
 Chamã logo a el Rey cõpadre
 E ã fim dexaldos mi madre
 Que sempre tem hum sabor
 De quem torto nace tarde
 Se endireyta.

Deixai a hum que se abone,
 Diz logo de muto sengo

Villas, y castillos tengo,
 Todos a mi mandar sone,
 Entã eu que estou de molho
 Com a lagrima no olho,
 Pollo virar do enuez,
 Digolhe tu ex illis es,
 E por isso não to olho.
 Pois honra, & proueito não
 cabem num saco.

Vereis hũs que no seu seyo
 Cudão que trazem Paris,
 E querem com dous seicis
 Fender anca pello meyo
 Vereis mancebinhos darce
 Com espada em talabarte
 Não ha mais Italiano:
 A este direis meu mano
 Vos sois galante que farce.
 Mas pan, & vino anda el
 camino, que no moço
 garrido.

Outros em cada theatro
 Por officio lhe ouuireis,

Que

Que se mataran con tres
 Y lo mismo harã con quatro,
 Prezãose de dar repostas
 Com palavras bem cõpostas,
 Mas se lhe meteis a mão,
 Na paz mostrãõ coração
 Na guerra mostrã as costas
 Porque aqui troce a porca
 orabo.

Outros vejo por aqui
 A que se acha mal o fundo
 Que andã emendãdo omũdo,
 E não se emendão a si,
 Estes respondem a quem
 Delles não entende bem.
 El dolor que està secreto.
 Mas pore m quẽ for discreto
 Responderlhe ha muito bem
 Assim entrou o mundo, assim
 ha de sair.

Achareis rafeiro o velho
 Que se quer v'ler por galgo,
 Diz q' o din' lo he fidalgo,

Que o sãge todo he vermelho
 S'elle mais alto o dissera
 Este pellote pusera,
 Que o seu echo lhe responde,
 Que su padre era de Ronda,
 E su madre de Antequera,
 E quer cubrir o ceo com a
 joeyra.

Fraldas largas graue aspeito
 Para senador Romano
 O que grandissimo engano
 q' Nomo lh' abrisse o peito,
 Consciencia, que sobeja,
 Siso com que o mundo reja,
 Mansidão outro que si
 Mas que lobo esta em ti
 Metido em pelle de ovejã,
 E sabem no poucos.

Guardai vos d'us meus snores
 Que ainda cõprãõ e vendẽ,
 Hũs que he certo q' descẽdẽ,
 Da geraçam de pastores,
 Mostranse vos bõs amigos,
 Mas

Redondilhas

Mas se vos vem em perigos
Escarrãvos nas paredes
Que de fora dormiredes,
I mão que he tempo de figos
Porque de rabo de porco
Nunca bom virote.

(nhas

Que dizeis d' hūs qu' as terra
Lhe estão ardedo em cubiça
E se tem mando, a justiça
Fazem de teas d' aranha?
Com suas hypocresias
Que são de uossas espias;
Para os pequenos hūs Neros
Para os grandes tudo feros
Pois tu parno não sabias
Que la vão leys,
Onde querem cruzados?

Mas tornãdo aūs efadonhos
Cujas cousas são notorias,
Huns q' contão mil historias
Mais desfachadas q' sonhos
Huns mais paruos q' zãboas
Que estudaõ palantras boas,

Estes paguem por justiça
Que tem morto mil pessoas
Por vida de quanto quero.

A donde tienen las mentes
Huns secretos trouadores,
Que fazem carcas d' amores
De que ficão muy concentes;
Não querem sair a praça
Trazem troua por negaçã,
E se lha gabais qu' he boa,
Diz qu' he de certa pessoa:
Hora que quereis que faça,
Se não irme por esse mandã?

O tu como me atarracas
Escudeiro de Solia,
Com bacacs de fidalguia
Trazidos quasi com vacas;
Impertuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheirão ja:
Vato atal que me fara
Hum destes nunca falar
Mais cõ vna alma.

Huns

Huñs que falão muto vi
 De que quizera fugir,
 Huñs qu' em fim sem se sentir
 Andão falando entre si:
 Porfiosos sem razão,
 E desque tomão amão,
 Falão sem necessidade
 E se algũs hora he verdade,
 Deue ser na confissão
 Porque quem não mente,
 Ia me entendeis,

O vos quem quer q̄ me ledes
 Qu' auéis de ser auisado,
 Que dizeis à namorado
 Que caça vento com redes?
 Jura por vida da Dama,
 Falla consigo na câma,
 Passa de noite, e escarra,
 Por falsete na guitarra
 Poem sempre, viua quẽ ama?
 Por q̄ calça a seu proposito.

Mas deixemos se quizerdes
 P-hũ pouco as traueßuras

Por q̄ entre quatro maduras
 Leucis tambem cinco verdes
 Deitemonos mais ao mar
 E se algum se arrecear,
 Passe tres ou quatro trouas,
 E vos tomais cores novas?
 Mas não he pera espantar,
 Que que porcos ha menos,
 Em cada montã lhe roçã.

O vos que soes secretarios
 Das conciencias Reais,
 Qu' entre os homens estais
 Por senhores ordinarios;
 Porque não pondeis hum freco
 Ao roubar q̄ vay sem meyo
 Debaixo de bom gouerno?
 Pois hum pedaço d' inferno
 Por pouco dinheiro alheo
 Se vende a Mouro,
 E a ludeo?

Porque amente offeicoada
 Sempre á Real dignidade
 Vos faz julgar por bondade
 A malicia desculpada?

Mone a presença Real
 Hũa afeição natural
 Que logo inclina ao Luiz
 A seu favor; & não diz
 Hum r'fio muito geral
 Que o Abbade donde canta
 Dahi janta;
 E vos bailhaes a esse som;
 Por isso gentis pastores,
 Vos chama a vos mercadores
 Hum que sò foi pastor bom.

¶ Mote, a Ioão Lopez
 Leitão, sobre hũa peça
 de cacha q' elle mandou
 ahũa dama na India, q' se
 lhe fazia d'ozella: o qual
 Ioão Lopez Leitão, he o
 que elle convidou no
 banquete atras.

Mote.

Se vossa dama vos dá
 Tudo quanto vos quisestes,
 Dizei para que lhe destes
 O que vos ella fazja;

Sendo os restos inuidados
 E vos de cachas mil contos,
 Sabeis cõ quã poucos p'otos;
 Que lhos achastes quebrados
 Se o que tem isso vos dà,
 Vos mui bẽ lho merecestes,
 Porque se a cacha lhe destes,
 Tinhaola feita ja.

A dona Francisca d' Ara
 gão, mandado lhe esta
 regra que lha glo-
 fasse.

MOTE.

Mas poré a q' cuidados.

Tanto mayores tormentos
 Forão sempre os que soffri,
 Daquillo que cabe em mim,
 Que não sei que pensam'etos
 São os para que naci.
 Quando vejo este meu peito
 A perigos arriscados
 Inclinado, bem sospei

Que o

Que a cidades sou sojeito,
Mas porem a que cidades.

O outro ao mesmo.

Que vindes em mim buscar
Cidades, que sou cattivo,
Eu não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,
Ia ha muito, que não viuo.
Se vindes porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais,

Mas porem a que cidades?

Outra ao mesmo.

Se as penas qu' amor me deu
Vem por tão suaves meos,
Não ha que temer receos,
Que val hum cuidado meu
Por mil descansos alheos,
Ter nũs olhos tão fermosos
Os sentidos enleuados,
Bẽ sey qu' em baixos estados
São cidades perigosos,
Mas porem, ah q̃ cidades.

Carta que o Autor mandou a Dona Francisca
de Aragão, com a glosa acima.

Senhora.

Deixeime enterrar no esquecimẽto de v. m. crẽdo me seria
assi mais seguro: mas agora que he seruida de me tornar a
resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe que hũa vi
da trabalhosa he menos de agradecer q̃ hũa morte descan
sada. Mas se estavida q̃ agora de nouo me dà, for para ma
tornar a tomar, seruindose della, não me fica mais q̃ dese
jar, que poder acertar cõ este mote de v. m. ao qual dei tres
entendimentos, segũdo as palauras delle poderã soffrer: se
forẽ bõs, he o mote de v. m. se maos, sãõ as glosas minhas.

Redondilhas

Glofas do Autor.

Mote alheo.

Campos bem auenturados
Tornaiuos agora tristes,
Qu'os dias, em que vistes
Alegre, ja são passados.

Glofa.

Campos cheos de prazer,
Vos qu'estais reuerdecendo
Ja me alegrei cō vos ver,
Agora venho a temer,
Qu'entristeçais ã me vendo
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Nã quero que me vejais,
Para que sempre sejais
Campos bem auentura los.

Porem se por accidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis qu'amor cõsente,
Que tudo me descontente,
Senão descontentamento.

Por isso vos, aruoredos,
Que ja nos meus olhos vistes
Mas alegrias, que medos,
Se mos queveis fazer ledos,
Tornaiuos agora tristes.

Ja me vistes ledo ser,
Mas despois qu'o falso amor
Tão triste me fez viuer,
Ledos folgo de vos ver,
Porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Iulgai qu'anto mais desejo
As horas que vos nã vejo,
Qu'os dias em que me vistes

O tempo qu'he desigual,
De secos verdes vos tem,
Porque em voſso natural
Se muda o mal pera o bem,
Mas o meu pera mōr mal.
Se pregũtais verdes prados,
Pellos tẽpos differentes,
Que d' Amor me forã dados
Triste ja aqui as prados
Alegre ja las passados.

Na efra d'eros
que quia meo fupino
Pos quer uolte condito
omal q' uo d'as' portem
Ute per uora e mortal
q' omal q' d'as' como mal
Em m. de uenq' item
Derloptume natural
May porem uita uolua
e Comigo e bem frequena
Amoio de melendena
A pena q' d'as' uo gloria
que o mal q' d'as' p'p'ena
que mor bem me p'p'ena
que p'p'ena uo d'as' p'p'ena
Pos q' may quero engedor
p'p'ena may uo d'as' p'p'ena
Tan to may uo d'as' p'p'ena?
p'p'ena may uo d'as' p'p'ena?
d'as'

De tão alta estima são,
 Assaz de favor me dão,
 Em querer q̃ meus tormentos
 Me fiquem por galar daõ.

Mote Alheo.

la não posso ser contente,
 Tenho a esperança perdida,
 Ando perdido entre a gente,
 Nẽ mouro, nem tenho vida:

Glosa propria.

Depois que meu ciuel fado,
 Destruiu hũa speranza,
 Em que me vi leuantado,
 No mal fiquei sem mudança,
 E do bem desesperado,
 O coração que isto sente,
 A sua dor não resiste,
 Porque vê mui claramente,
 Que pois nasci para triste,
 la não posso ser contente.

Por isso, contentamentos,
 Negi de quem vos despreza,

la fiz outros fundamentos,
 la fiz senhora a tristeza
 De todos meus pensamentos,
 O menos que lhe entreguei
 Foi esta cansada vida;
 Cuido que nisto acertei,
 Porque de quanto esperei
 Tenho a esperança perdida,

Acabar de me perder
 Fora ja muito melhor,
 Tenera fim esta dor,
 Que não pod'nd' mór ser,
 Cada vez a sinto mór,
 De vos desejo esconder me,
 E do mi principalmente,
 Onde ninguem possa verme,
 q̃ pois me ganho em perder me
 Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheos,
 Não me busqueis, nã vos q̃ro,
 Tenh'vos por tão alheos,
 Que do bem que não espero,
 Inda me ficão reces.

Rodondilhas.

Em pena tão sem medida,
 Em tormento tão esquivo,
 Que moura ninguém duvida,
 Mas eu se mouro, ou se viuo,
 Nem mouro, nem tenho vida

Mote, & glosa do autor
 a húa dama que se cha-
 maua Ana.

A morte pois que sou vosso,
 Não na quero, mas se vem,
 A de ser tudo meu bem.

Glosa.

Amor q̄ em meu pensamēto
 Com tanta fe se fundou,
 Me tem dado hum regimēto,
 Que quando vir meu tormēto
 Me salue com cujo sou,
 E com esta defensão,
 Com que tudo vencer posso,
 Diz a causa ao coração,
 Não tem em mim jurdição,
 A morte, pois que sou vosso,

Por exprimentar hū dia
 Amor se m'achaua forte,
 Nesta fee como dizia,
 Me convidou com a morte,
 Sò por ver se a tomaria.
 E como elle seja a cousa,
 Onde está todo meu bem,
 Respondilhe (como quem
 Quer dizer mais, e não ousa)
 Não a quero, mais se vem.

Não disse mais porque então
 Eneendo, quanto me toca,
 E se tinha ditto o nao,
 Muitas vezes diz a boca
 O que nega o coração.
 Toda a cousa defendida
 Em mais estima se tem,
 Por isso he cousa sabida,
 Que perder por vos a vida,
 Ha de ser todo meu bem,

Mote alheo.

Vejoa n' alma picada,
 Quando ma pede o desejo.

A na

A natural que não vejo.

Glosa propria.

*Se sô no ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excelente
Mal poderei ser ausente,
Em quãto o não for de mim.
Porque a alma namorada
Atraz tão bem debuxada,
E a memoria tanto vca,
Que se a não veja em pessoa,
Vejoa n' alma pintada.*

*O desejo que se estende
Ao que menos se concede
Sobre vos pede & pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu que em ausencia não vejo
Tenho piedade & pejo,
De me ver tam pobre estar,
Que então não tenho q' dar,
Quando me pede o desejo,*

*Como aquelle que cegou
He cousa visã, & notoria,
Que a natureza ordenou,
Que se lhe dobre em memoria
O que em vista lhe faltou.
Assi a mim que não vejo,
Os olhos ao que desejo,
Na memoria, & na firmeza
Me concede a natureza
A natural que não vejo.*

Mote Alheo.

*Sem vos com meu cuidado,
Olhay com quem, & sem quê.*

Glosa propria.

*Vendo Amor, q' com vos ver
Mais leuemente soffria
Os males, que me fazia,
Não me pode isto seffrer,
Conjurouse com meu fado,
Hum nouo mal me ordenou,
Ambos me leuam forçado,
Nam sei onde, por que vou
Sem vos, & cõ meu cuidado.*

Nã sei qual he mais estraño
 Destes dous males, que sigo,
 Se não vos ver, se comigo
 Leuar imigo tamanho,
 O que fica & a que vem,
 Hum me mata, outro desejo,
 Com tal mal, & sem tal bẽ,
 Em tais extremos me vejo,
 Olhai com quem, & sem quẽ.

Outra sua, ao mesmo
 mote.

Amor cuja providencia
 Foi sempre que não errasse,
 Porque n' alma vos leuasse,
 Respeitando o mal de ausencia
 Quis q' e' vos me trãformasse
 E vendome ir maltratado,
 Eu & meu cuidado s'os,
 Proueo nisso d' attentado,
 Por não me ausentar de vos,
 Sem vos, & cõ meu cuidado.

Mas e' alma qu' eu trazia
 Porque vos nella morais,

Deixame cego & sem guia,
 Que ha por melhor cõpanhia
 Ficar onde vos ficais.
 Assim me vou de meu bem,
 Onde quer a forte estrella,
 Sem a alma que em si vos tẽ,
 Co mal de viver sem ella,
 Olhai com quẽ, & sem quem.

Mote alheo.
 Sem ventura he por demais.

Glosa propria.
 Todo o trabalhado bem
 Promette gostoso fructo;
 Mas os trabalhos que vem
 Para quem dita não tem,
 Vale pouco, & custão muito.
 Rompem todo a pedra dura,
 Fas os homẽs immortais,
 O trabalho, quando atura,
 Mas querer achar ventura
 Sem ventura, he por demais.

Mote Alheo.
 Minha alma lebrainos della.

Gloſa propria.

Pois o veruos tenho em mais
 Que mil vidas que me deis,
 Aſſi como a que me dais,
 Meu bem, ja que mo negais
 Meus olhos não mo negais
 E ſe a tal eſtado vim,
 Cuiado de minha eſtrela,
 Quando ouuerdes dó de mi
 Minha vida dailhe a fim,
 Minh' alma, lembrainos della

Outro mote alheo.

Tudo pode hũa aſſeição.

Gloſa propria.

Tem tal jurdição Amor,
 N' alma donde ſe apoſenta,
 E de que ſe faz ſenhor,
 Qu' a liberta e iſenta
 De todo humano temor.
 E com mui juſta razão
 Como ſenhor ſoberano,
 Qu' amor não conſente d'auño,

E pois me ſoffre teneção,
 Critarei por deſengano,
 Tudo pode hũa aſſeição.

Troua de boſcão.

Juſta fue mi perdicion,
 De mis males ſoy contento,
 La no eſpero galardon,
 Pues vueſtro merecimiento
 Satisfizo a mi paſſion,

Gloſa propria.

Deſpues qu' Amor me formò
 Todo de amor, qual me veo,
 En las leyes que me dio,
 El mirar me conſintio,
 Y defendeome el deſſeo.
 Mas el alma como injuſta,
 En viendo tal perficion,
 Dio al deſſeo occaſion,
 Y pues quebrè ley tan juſta
 Juſta fue mi perdicion.

Moſtrandose me el Amor
 Mas benigno que cruel,

Sobre

Redondilhas

Sobre tyranno traydor,
De celos de mim dolor
Quiso tomar parte en el.
Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunq̃ peço,
Resisto, y no lo consiento,
Mas si me lo coma atrueco,
De mis males foy contente.

Señora ved lo que ordena
Este Amor tã falso nuestro,
Por pagar a costa agena,
Nãda q̃ de vn mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos para que veais
Tan engañosa tencion,
Aunque muero me sintais
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.

Pues que premio (me direis)
Esperas, que serã bueno,
Sabed si no lo sabeis,
Que es lo mas de lo que peno
Lo menos que mereisceis.

Quien haze al mal tã vfanõ,
Y tan libre al sentimento?
El desseo? no, ques vano,
El amor? no ques tyrano,
Pues? vuestro merecimiento.

No pudiẽdo amor robar me
De mis tan charos despojos,
Aunq̃ fue por mas hõrarme,
Vos sola para matarme,
Le prestastes vuestros ojos.
Mataron me ambos a dos,
Mas a vos con mas razõ
Dene el la satisfacion,
Que a mi, por el y por vos,
Satisfizo mi passõ.

Ahũa Dama com quem
queria andar da
mores.

Mote.

Minina fermosa, & crua,
Bem sey eu
Quem deixara de ser seu,
Se vos quizeris ser sua.

Volta.

Minina mais que na ydade,
 E para me querer bem
 Vos não vejo ter vontade,
 He, por que outrem vola tem,
 Temuola, & faz vola crua,
 Porem eu
 Ia tomara não ser meu,
 Se vos não foreis tão sua.

Nos olhos, & na feição
 Vos vi, quando vos olhava,
 Tanta graça que vos daua
 De graça este coração,
 Não no quisestes de crua,
 Por ser meu.
 Se outrem vos deua o seu
 Pode ser foreis mais sua.

Minina tende maneira,
 Que ainda não venha a ser
 Pois não quereis, que vos quer
 Que queirais que vos não gira
 Olhay não me sejais crua,
 Que pois eu

Quero ser vosso, & não meu,
 Sede vos minha & não sua.

Mote a húa dama que
 estaua doente.

Da doença, em que ardeis,
 Eu fora vossa mezinha,
 Soa com vos serdes a minha.

He muito para notar
 Cura tão bem acertada:
 Que podereis ser curada
 Somente com me curar
 Se quereis dama trocar,
 Ambos temos a mezinha,
 Eu a vossa, & vos a minha.

Olhay que não quer amor,
 (Porque fiquemos iguaes)
 Pois meu ardor não curais,
 Que se cure vosso ardor:
 Eu ca sinto vossa dor,
 E se vos sintis a minha,
 Day & tomay a mezinha.

Outro

Redondilhas

Outro a outra dama que
estava tambem doente.

Deu senhora por sentença
Amor que fosseis doente,
Para fazerdes à gente
Doce, & fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
Foi a doença fazer
Fermosa para se ver,
Doce para se passar,
Então vindo a differença,
Que ha de vos a toda a gente,
Não andou que fosseis doente,
Para gloria da doença.

E digovos de verdade,
Que a saúde anda envejosa,
Por ver estar tão fermosa
Em vos essa infirmitade.
Não façais logo detença
Senhora em estar doente
Porque adoecerá a gente
Com desejos da doença.

Que eu por ter, fermosa
A doença que em vos vejo
Vos confesso, que desejo
De cair com vosco em cama,
Se consentis que me vença
Este mal, não ouue gente
Da saúde tão contente,
Como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama
doente

Olhai que dura sentença,
Foi amor dar contra mim,
Que parque em vos me perdi,
Em vos me busca a doença.

Claro está

Que em vos só me achará,
Que em mi, se me vè buscar,
Não poderá mais achar,
Que a firma do que fui ja.

Que se em vos Amor se pos,
Senhora he forçada a ser,
Que o mal que me busca a ni
Que vos faça mal a vos;

Sem

Sem mentir,

Amor me quis destruir,
 Por modo nunca cuidado,
 Pois ha de ser forçado,
 Pesaruos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,
 E são meus males de sorte,
 Que vos ameça a morte,
 Porque me negais a vida:
 Se por boa
 Tal justiça se pregoa,
 Quando desta sorte for,
 Auey vos perdão d'amor,
 Que a parte ja vos perdoe.

Mas o que mais temo é fim,
 He, que nesta differença,
 Que se não torne a doença,
 Se me não tornais a mim:
 De verdade,
 Que ja vossa humanidade
 De que se queixe não tem,
 Pois para as almas cácbem,
 Fez Amor infirmitade.

Ahũa dama que estaua
 vestida de dó.

Mote.

D'atormentado, & perdido,
 Ia vos não peço, senão,
 Que tenhais no coração
 O que tendes no vestido.

Volta.

Se de dò vestida andais
 Por quem ja vida não tem,
 Porque não no aueis de que
 Vos tantas vezes matais,
 Que brado sem ser ouuido
 E nunca vejo senão
 Cruzas no coração,
 E grande dó do vestido.

Outro a dona Guiomar
 de Blasfe; que imando-
 se com hũa vella
 no rosto.

Mote.

Amor que todos offende

Te

Redondilhas

Tene, senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas acende.

Volta.

Aquelle rosto que eras
O mundo todo abrasado
Se foy da flâma tocado
Foy porque sinta o que faz.

Bẽ sei qu' Amor se lhe rēde,
Porem o seu presoposto
Foy, sentir o vosso rosto,
O que nas almas acende.

A hũa molher q̃ foy a-
çoutada por hũ homẽ
que chamauão foão
Corefma na India.

Não estejais agrauada,
Senão se for de vos mesma,
Porq̃ a molher qu' he errada
Com razão polla Corefma
Deue ser disciplinada.

Volta.

Quererdes profano amor

Em corefma, he consciēcia,
Açoutes, & penitencia
Vos estã muito melhor.

Não fiqueis disto affrõtada,
Pois a culpa he vossa mesma
Que molher q̃ tã maluada
He bẽ, que polla corefma
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val
Muy bẽ açoutada estais,
Pois por corefma pagais
Vossos vicios do carnal.

Na torneis a ser errada
Nẽ condeneis a vos mesma,
Pois estais ja emendada,
E não sereis por corefma
Outra vez disciplinada.

Esparfa a hum fidalgo
na India, que lhe tarda
ua com hũa camisa ga-
lante que lhe pro-
meteo.

Quem

Quê no mundo quizer ser
 Auído por singular,
 Para mais se engrandecer
 Se de trazer sempre o dar
 Nas ancas do prometer.

E ja que vossa mercê,
 Larguez a tem por diuisa,
 Como todo mundo vê,
 Ha mister que tanto dè
 Que venha dar a camisa.

Mote a hũa dama q̄ lhe
 chamou diabo, por no
 me foá dos Anjos.

Mote.

Senhora pois me chamais
 Tão sé razão tã mau nome
 Inda o diabo vos come.

Volta.

Quem quer q̄ vio, ou que leo
 Terá por nouo, & moderno,
 Ter quem viue no inferno.
 O peysamento no ceo.
 Mas se a vos vos pareceo

Que me estaua bẽ tal nome
 Esse diabo vos come.

Perdido mais que ninguem
 Confesso, senhora ser:
 Mas o diabo não quer
 Aos Anjos tamanho bẽ,
 Pois logo não me conuem,
 Ou se me conuem tal nome,
 Será pera que vos come.

Se vos benzeis cõ cautella
 Como d' Anjo, é não de luz
 Mal pode fugir da Cruz
 Quem vos tendes posto nella
 Mas ja q̄ foi minha estrella
 Ser diabo, & ter tal nome,
 Guardaiuos q̄ vos não come.

Ia que chegais tãto ao cabo,
 Cõ as mãos postas aos ceos,
 Vou sempre pedindo a Deos
 Que vos leue este diabo,
 Eu senhora não me gabo,
 Mas pois q̄ me dais tal nome

Tomo para que vos tome.

A hū seu amigo a quē
nāo podia encontrar.

Mote.

Qual terà culpa de nos
Neste mal que todo he meu?
Quando vindes nāo vou eu,
Quando vou nāo vinde vos.

Reinādo amor ē dous peitos
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos
Igualmente viue em nos,
Mas por desconcerto seu
Vos leua se venho eu,
Me leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neve,
Assi faz quē amor serue.
Voltas.

Os privilegios qu'os Reys

Nāo podem dar, pode amor
Que faz qualquer amador,
Liure das humanas leys,
Mortes, & guerras, cruezis,
Ferro frio, fogo, & neve,
Tudo soffre quem o serue,

Moça fermosa despreza
Todo o frio, & toda a dor,
(Olhay quanto pode amor
Mais q' a propia natureza)
Medo, nem delicadeza
Lh'empede, que passe a neve
Assi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
A tudo s'offreceria,
Passa pella neve fria
Mais alua qu'a propia neve
Com todo o frio s'atreue,
Vede em que fogo serue
O triste qu'o Amor serue?
Outro alheo.

Ador qu'a minha alma sete
Nāo na sabe toda a gente.

Voltas proprias

Otro seu.

estranho caso de amor,
e desejado tormento,
Que venho a ser ayarento
Das dores de minha dor
Por me nam tratar pior
Se se sabe, ou se se sente,
Nã na digo a toda a gente.

Nã na aor, & causa della
De ninguem a ousar fiar,
Que seria auenturar
perder me, ou a perdella,
pois soo com padecella
A minha alma estã contente,
Nã quero q' o sayba a gente.

Anac no peito escondida,
Dentro na alma sepultada,
De mi soo seja chorada,
De ninguem seja sentida,
Ou me matce, ou me de vida,
Ou viua triste, ou contente,
Nã na sayba toda a gente,

D'alma, & de quanto tiuey
Quero que me despojeis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.
Volta.

Cousa este corpo nam tem,
Que ja não tenhaes rendido
Depois de tirarlhe a vida,
Tiraylhe a morte tambem:
Se mais tenho que perder
Mais quero que me leueis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos pera vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa casada
Que eu vi pollo meu mal.

Voltas proprias
Hũa casada fuy por
Os olhos de si senhores,
Cuidey que fosse m' amores,

Redondilhas

Elles fizeramse amor,
Faz se o desejo mayor
Donde o remedio nam val
Em perigo de meu mal.

Nam me pareceo que Amor
Podesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo
Se leuante por senhor;
Leuame de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mór mal,

Outro seu.

Enforquei minha esperança,
Mas amor foy tão madraço,
Que lhe cortou o barão.

Voltas.

Foy a esperança julgada
Por sentença da ventura,
Que pois me teue a pindura,
Que fosse depindurada,
Vem Cupido coa espada
Fortalhe cerceo o barão

Cupido foste madraço.

Outro seu.

Pus o coração nos olhos,
E os olhos pus no chão
Por vingar o coração

+ Volta!

O coração enuejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava,
Que não era o meu mimo,
Venho eu de pradoso,
Do senhor meu coração
Boto os meos olhos no chão,

Outro seu.

Pus meus olhos n' hũa fun
E fiz hum tiro com ella,
As grades da hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluada,
Tomou seus olhos na mão,
E tirou-me hũa pedrada

Com elles ao coração,
 Formei minha funda encão
 Pus os meus olhos nella,
 Que quebrou a janella.

Criose em mim este amor
 E senhoreouse de mim,
 Agora que o conheci
 Matame com disfavor.

Alheo.

De piquena tomei amor
 Porque o não entendi,
 Agora que o conheci
 Matame com disfavor.

Voltas proprias.

Vio moço, & pequenino,
 A mesma idade ensina,
 Que se encline hũa menina,
 As mostras de hum menino:
 Ou vilhe chamar amor,
 Pello nome me venci,
 Nunca tal engano vi,
 Nem tamanho desamor.

Cresceome de dia em dia
 Com a idade a affeição,
 Porque amor de criação
 Na alma & na vida se cria,

As flores me torna abrolhos
 A morte me determina
 Quem eu trouxe de minina
 Nas mininas dos meus olhos
 Desta magoa, & desta dor
 Tenho sabido em fim,
 Por amor me perco a mim,
 Por que de mi perde o amor.

Parece ser caso estranho
 O que amor em mim ordena,
 Quem idade tão pequena
 Ajá tormento tamanho.
 Sejã milagres de Amor,
 E y os de soffrer assi
 Siè que ajá dó de mim
 Quem entender esta d. r.

Cantiga velha.

Apartarãose os meus olhos

Redondilhas

De mim tão longe,
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Volta's proprias.
Trattarãome com cautella
Por m'enganar mais azinha,
Deilhe posse d'alma minha
Forãome fogir com ella.
Não ha vellos, nem ha vella
De mi tão longe,
Falsos amores
Falsos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
E em fim da vida o melhor
Forãose, & do desamor
Fizerão necessidade,
Quem teue a sua vontade
De mim tão longe.
Falsos amores
Erão crucis matadores.

Não se pòs terra nem mar
Entre vos que forão em vão,

Poz se vossa condicam,
Que tam doce he de passar
Soo ella vos quis leuar
De mim tão longe
Falsos amores,
E oxala enganadores.

Outra cantiga velha.
Falso cavaleiro ingrato
Enganaisme:
Vos dizeis que eu vos mato,
E vos mataisme.

Volta's proprias.
Costumadas artes são
Para enganar innocencias
Piadosas apparencias
Sobre yzento coraçam:
Eu vos amo, & vos ingrato
Magoaisme,
Dizendo que eu vos mato
E vos mataisme.

Uede agora qual de nos
Anda mais perto do fim:

Que

Q.ª a justiça faz se em mim
 E o pregação diz que sois vos?
 Quando mais verdade trato
 Leuante isme,
 Que vos ofendo, e vos mato,
 E vos mata isme.

Proprio.

Se de meu mal me contêto,
 He, porque para vos vejo
 Em todo o mundo desejo,
 E em ningũe merecimento.

Voltas próprias.

Para quem vos soube olhar
 Tão impossivel foy ser,
 O poderuo merecer,
 Como o não vos desejar.
 Pois logo a meu pensamento
 Nenhum remedio lhe vejo,
 Senão se der o desejo
 Azas ao merecimento.

Outro alheo.

Vos senhora tudo cendes
 Senã q̃ cêdes os olhos verdes.

Voltas próprias.

Dotou em vos natureza
 O summo da perfeição,
 Quªo que em vos he senão,
 He em outras gentileza:
 O verde não se despreza,
 Quª agora que vos o cendes,
 São bellos os olhos verdes.

Ouro, e azul he a melhor
 Cor, porque a gente se perde,
 Mas a graça desse verde,
 Tira a graça de toda cor,
 Fica agora sendo a flor
 A cor que nos olhos têdes,
 Porque são vossos, e verdes.

Outro mote alheo.

Para que me dan tormento
 Aprouechando tan poco,
 Perdido mas no tan loco
 Que descubra lo que siento.

Voltas próprias.

Tiempo perdido es aquel

Redondilhas

Que se passa en dar-me affan
 Pues quanto mas me lo dan
 Tanto menos siento del
 Que descubra lo que siento?
 No lo haré, q̄ no es tan poco
 Que no puede ser tan loco
 Quien tiene tal pensamiêto.

Qu'essas sentellas tã rara,
 No son nel cielo mas claras,
 Qu'en los ojos donde estan
 Porque quãdo miro en ellas
 De como alumbran al ciclo.
 No se que seran nel cielo
 Mas, se aca son estrellas.

Sepan que me manda amor
 Que de tan dulce querella,
 A nadie dé parte della,
 Porque la sienta mayor.
 Es tan dulce mi tormento
 Que aun se mantoja a poco,
 Y si es mucho quedo loco
 De gusto de lo que siento.

Ni se puede presumir
 Que al cielo suban señora
 q̄ la lūbre qu'en vos mora,
 No tiene mas que subir,
 Mas pienso q̄ dan querellas
 A Dios nel octauo cielo,
 Porque son aca en el suelo,
 Dos tan hermosas estrellas.

Outro mote alheo.
 De vuestros ojos sentellas,
 Qu'enciendẽ pechos de yelo,
 Suben por el ayre al cielo,
 Y en llegando son estrellas.

Outro alheo.
 De dentro tengo mi mal
 Que de fora no ay señal.

Voltas proprias.
 Falsos laores os dan

Voltas proprias.
 Mi nueua, y dulce querella,
 Es inuisible a la gente,
 El alma sola la sientẽ,

Que

Qu'el cuerpo noes dino della Y tan contrario viuendo
 Como la vna sentella
 S'encubre en el pedernal
 De dentro tengo mi mal.

Otro mote alheo.

Amor loco, amor loco,
 Y por vos, y vos por otro.

Voluntas propias.

Dieme amor tormentos dos,
 Para que pene doblado,
 Vno es verme desamado,
 Otro es mansilla de vos,
 Ved q'ordena Amor en nos?
 Por que me vos hazeis loco,
 Que seais loca por otro.

Tratais amor de manera

Que por que assi me tratais,
 Quiere q' pues no me amais,
 Qu'ameis otro, q'no os quiera
 Mas con todo sino os vier
 De todo loca por otro
 Con mas razon fuera loco.

Al fin, al fin conformamos
 Pues ambos ados buscamos
 Lo que mas nos vâ huyedo.
 Voy tras vos siempre siguiēdo,
 Y vos huyendo por otro
 Andais loca, y me hazeis loco.

Mote alheo.

Todo es poco lo possible.

Glosa propia.

Ved qu'engaños señorea
 Nuestro juyzio tan loco,
 Que por mucho que se crea,
 Todo el bien que se desse.
 Alcançado queda poco.
 Vn biē de qualquiera grado
 Se de auerse es imposible,
 Queda mucho desseado,
 Mas para mucho alcāsado,
 Todo es poco lo possible.

Otra.

Posible es a mi cuidado

Redondilhas

Poderme hazer satisfecho,

Si fuera possible al hado

Hazer no hecho lo hecho

Y futuro lo passado.

Si oluido pudiera auer,

Fuera remedio suffrible:

Mas ya que no puede ser

Para contento me hazer,

Todo es poco lo possible.

Mote alheo.

Vede bem se nos meus dias

Os desgostos vi sobejos,

Pois tenho medo a desejos,

E quero mal a alegrias:

Voltas proprias.

Se desejos fuy ja ter,

Seruirão de atormentarme

Se algũ bẽ pode alegrarme,

Quisime antes entristecer,

Passey annos, passsey dias,

Em desgostos tão sobejos,

Que sò por não ter desejos;

Perderey mil alegrias.

Mote seu.

Pois he mais vosso que meu,

Senhora, meu coração,

Eu vosso capriuo sam,

Meus olhos, lembrenos em.

Volta.

Lembrenos minha tristeza,

Que jamais nũca me deixa,

Lembrenos cõ quãta queixa

Se queixa minha firmeza:

Lembrenos que não he meu

Este triste coração,

E pois ha tanta rezão

Meus olhos, lembrenos em.

Outro mote seu.

Senhora, pois minha vida

Tendes em vosso poder,

Por serdes della seruida,

Não queiraes que destruida

Possa ser.

Volta.

Isto não por me pesar
 De morrer se vos quizeres,
 Que melhor me he acabar
 Mil vezes que suportar
 Os males que me fizerdes,
 Mas sò por serdes seruida,
 D' mi em quanto viuer,
 Vos peço que minha vida
 Não queirais que destruyda
 Possa ser.

Outro seu a hũa dama.

Pois me faz danno olharuos
 Não quero por não q'ruuos,
 Que ninguẽ me veja veruos.

Volta.

De veruos a não vos ver
 Ha dous extremos mortais,
 E sam elles em si tais,
 qu' hũ por hũ me faz morrer
 Mas antes quero escolher,

Que possa viuer sem veruos
 Minha alma por nã p'dervos.

Deste tamanho perigo,
 Que remedio posso ter?
 Se viuo só com ver,
 Se vos não vejo perigo,
 Quero acabar comigo
 Que ninguẽ me veja veruos
 Senhora, por nã perderuos.

Mote a tres damas que
 lhe diziaõ que o
 amauão.

Nã sey se m' engana Helena
 Se Maria, se Ioana,
 Nã sei qual d' llas m' engana?

Volta.

Hũa diz, que me quer bem,
 Outra jura que mo quer,
 Mas em jura de molher
 Quẽ crerã, s' ellas nã crẽ.
 Não posso nã crer a Helena,
 A Maria, nem Ioana,

Mas

Mas nã sei qal mais m'égana
 Que digão quantos e ven
 Ferosa, e mal empregada.

Hũa fazme juramentos,
 Que sò meu amor estima,
 A outra diz que se fina,
 Ioana que bebe os ventos,
 Se cudo que mente Helena,
 Tambem mincir à loana,
 Nusquẽ m'ete nã m'égana.

Outro seu a hũa dama
 mal empregada.

Menina nã sey dizer,
 Vendouos tão acabada,
 Quão triste stou por vos ver,
 Ferosa, e mal empregada.

Volta.

Quem tã malvos empregou,
 Pouco de mi se doya,
 Pois não vio quanto me hia
 Em tirarme o que tirou;
 Obriga o primor que tem
 Lindeza tão estremada,

Que digão quantos e ven
 Ferosa, e mal empregada.

Tomastes da fermosura
 Quanto della desejustes,
 E com ella me guarda tes
 Para tão triste ventura
 Mataueis sendo solteira
 Matais agora em casa.
 Matais de toda a maneira,
 Ferosa, e mal empregada.

Outro a hũa foã Gon-
 çaluez.

Mote.

Com vossos olhos Gonçalues
 Senhora captiuo tendes
 Este meu coração mendez.

Volta.

Eu sou boa testemunha,
 Qu' amor tẽ por cousa mã,
 Qu' olhos que são homẽs ja,
 Se nomeem sem alcunha.
 Por o lovaler...
 Ediz o lovaler...
 E amai me lovaler...

198
Dij me, arue fugis
Dime de del yugo
Jeme en leus conigo
v. M. A.

Tenome persuadido
Por veras conveniente
Que no puto ser contente
Doy q' puede ser nacido
Anda siempre tal anido
conmigo. **S. Conigo**
que en me no son meo perigo

Es de me me liurada
Nerdi gote me servia
quem seras en na teria
Mal q' este ben me tria
Por la en logo q' esten palle
relomdo gote conigo
quem seras gote este perigo

Carta

Etavai Comalandaia more na deusa
Dati postar sya em Coria, por qual
quero q' d'omeu p'ouo Comad m' d' esse
proventura quizer meter mag' m' d' sya
na g' l' d' ella mand' elle lauar onome
creada sem Comindo

Coria em p'ostura e melhor e que l' d' sya
q' de r' d' sya

So r' d' sya uen' quera
pos' m' d' a uen' t' u' a quera
que so ella
Con d' d' a p'oua l' d' sya
e q' se d' d' a quera
Mora p'oua

So d' d' a sabe d' d' sya quem se r' d' sya
m' d' a p'oua d' d' sya d' d' sya
pos' m' d' a uen' t' u' a quera
d' d' sya

Amigo dozei Neno fado pregamita
Nem de pte de lomo
Dorj fado de janoj
Ej enganoj?
E castim sequemoj
Nem sem dura noj queixamoj
Tudo de fado danor
Enganoj nem quem
Ej in pedetajar
Duroj q' danoj
Se sequemo qual tuem
Se sequemo enganoj
Nem quem enganoj
Vya de obey q' pueras
O q' mag' em al' canparte
Se pueras?
que Eng' unido no univas
contor so com de exarte
de canparte
Se esta tal clara se
Homundo de fado enganoj
De enganoj
Sebyam. malve
quem constantj de enganoj
Se enganoj.
Ma como tu tealomoj
N' enganoj em a' danoj
Ej

Não vemos o que pode
pena do desejo
Equeremos

Nada se pode e simas
quem ben quis
Requar parte
e lorde de
que em se podes regarlas
omaj. furo gar parte
He o pende.

E quer em ti determina
Zelando poder a elas
saiba q'erva
que fonda a alma d'ueira
Não se pode de lantar
Nada d'aterra
Não se meo se mover

De Luis de Camoens.
Corremos para ter vida
em ti morrendo;
mas certo he merecer
a vida conhecida
viuendo.

Al fim mundo, es estalagem
em que pouso as nossas vidas
de corrida;
De ti leuão de passagem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

*Afuera, afuera Rodrigo, que eu se muito for por este
caminho, darey em enfadonho. Ainda q me parcece ja
me não liurar à privilegio de cidadão do Porto. E pois
me vendo a vos sofreime com meus encargos. E porque
não digais que sou hereje de Amor, é q lhe não sei ora
ções: vedes vay hũa, Di Iuan de q murio Blas? com hũ
pè à Portuguesa, e outro à Castelhana, é não vos es-
panteis da libré, que eu em qualquer palmo desta tate-
ria perco o norte. E os supricantes dizem assi.*

Di, Iuan, de que murio Blas,
Tan niño, y tan mal logrado?
Gu murio de desamado.

Cartas

Dime Juan, quien le engaño
Que con amor se engañasse
Pensando que el bien hallasse,
A donde el mal cierto hallò.
Despues que el engaño vio
Que hizo de engañado?
Gil murio de desamado.

Trauou com elle pendenza
Em ter razão confiado
Mas amor como he letrado,
Oue contr'elle a sentença:
Eco aquella differença
Disse entre si o coytado,
Gil morreo de desamado.

Quem tem razão tão cerrada,
Que não saiba, sendo rudo
E sem respeito,
Que sem Deos he tudo nada,
Enada com elle tudo
Sem defeito?

E sendo isto tão certo,
Como vdo confessamos,

*Es
quomo se viu
este*

is a hum coração descontente, não lhe reme
 que sente, lhe dobrão o que padece. Vos, se vem
 rareis de mim palaurinhas jueiradas, enfor
 ções propositos. Pois desenganaiuos que des que
 i tristezas, nunca mais soube jugar a outro fco.
 q' digais q' não sou gēte fora do meu bayrro,
 des va' nua volta feita e este more, q' escolhi na mana-
 dos criticados. E cudo q' não he tã dedo queimado, q'
 a dos q' el Rey mã dou chamar: o qual falla assi.
 Não quero, não quero
 Iubão amarelo.

Se de negro for
 Tambem me parece,
 Quanto m' aborrece
 Toda a alegre cor:
 Cor que mostra dor
 Quero, & não quero
 Iubão amarelo.

Pareceuos que se pode dizer mais? não me respõdais
 quem gabarã a noiva, porque assentai que foi comõ
 fazendo, ou assoprando, que não he tã pequena. Vi
 ade. E porque vos não pareça que foi mais ac' car,
 e qu' reio fazer: vedes vay outra do mesmo jaez q' nã
 tanto que se não vá a palmar.

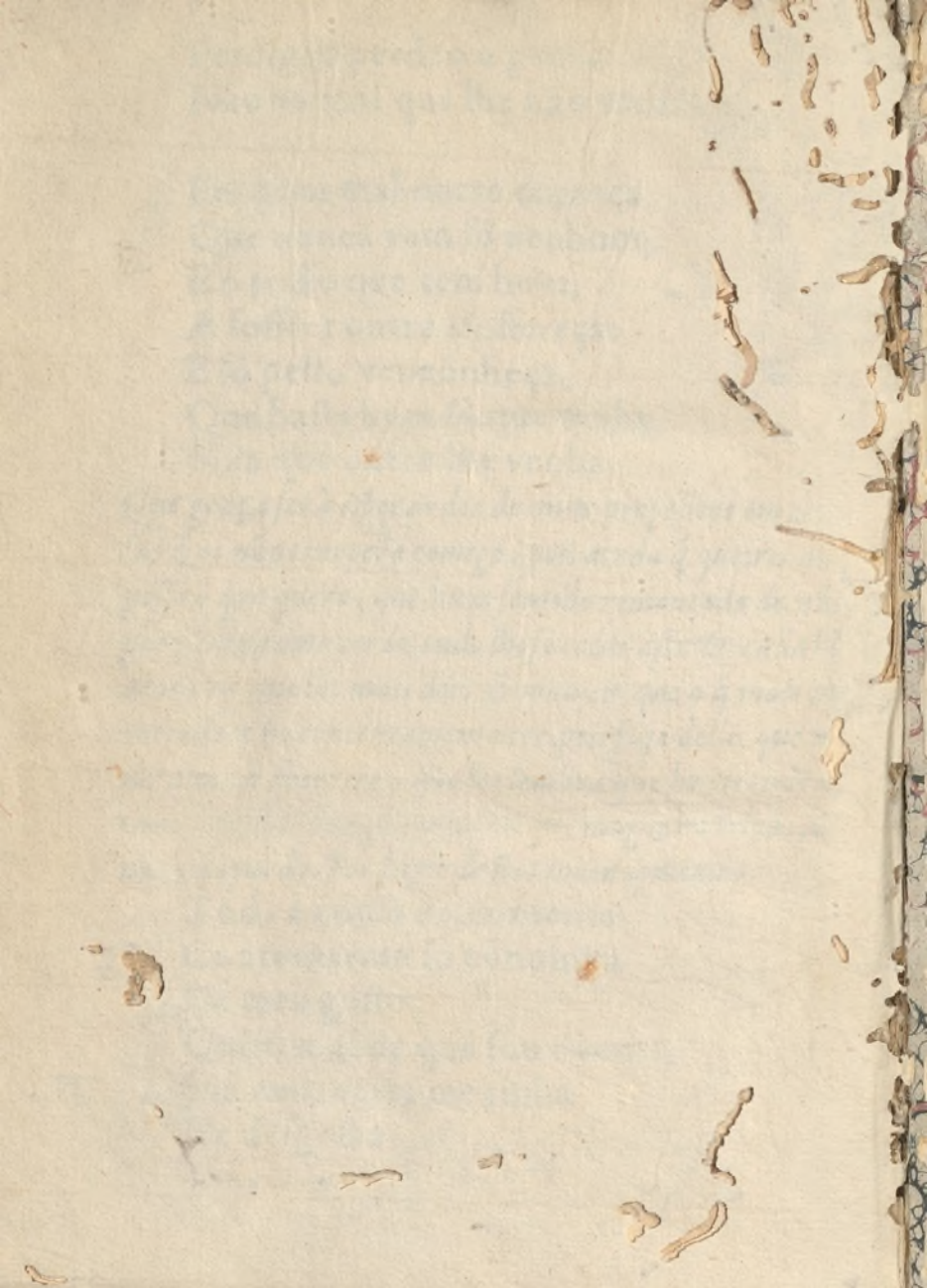
Perdigão perdeu a pena,
Não ha mal que lhe não venha.

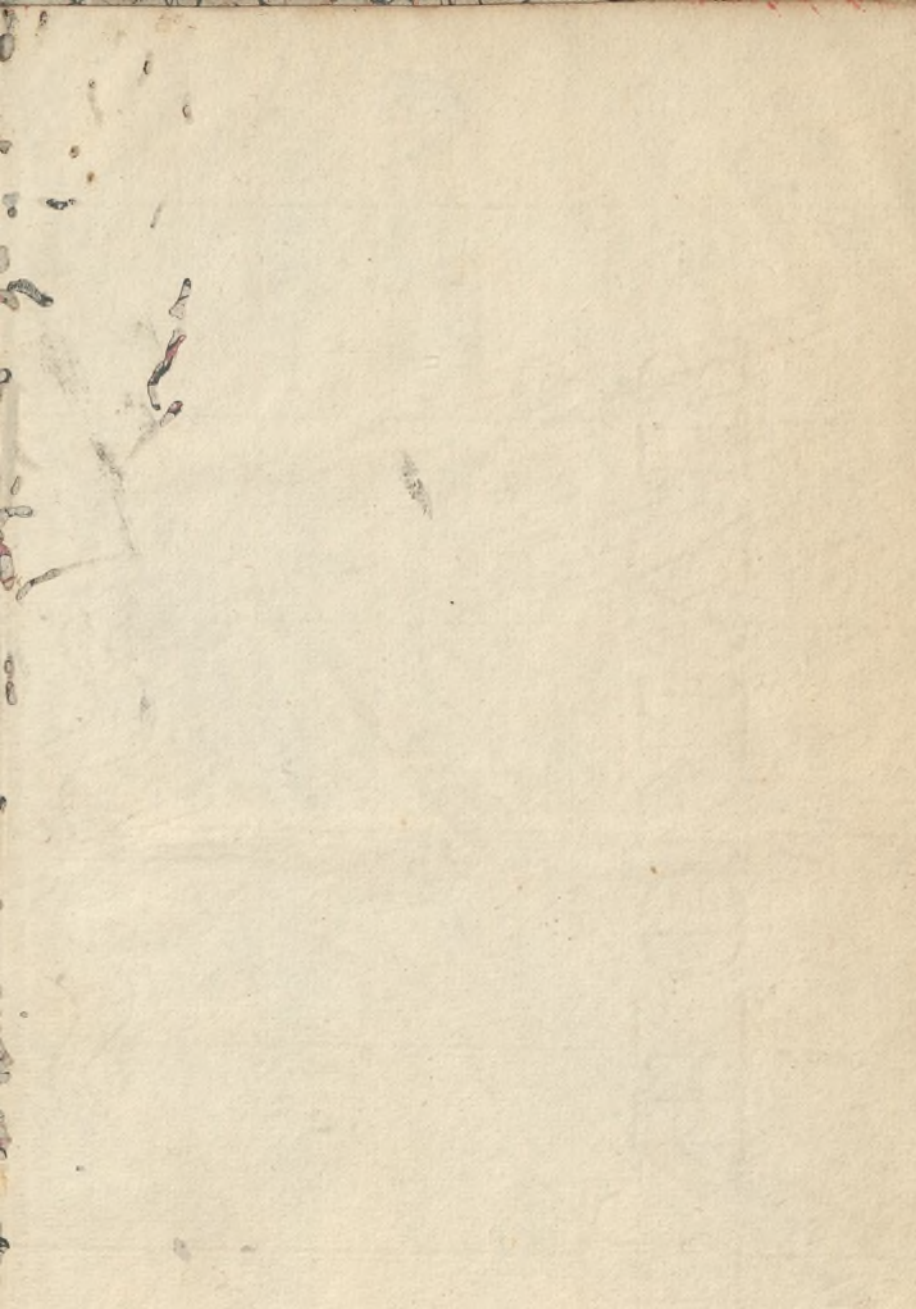
Em hum mal outro começa
Que nunca vem só nenhum;
E o triste que tem hum,
A soffrer outro s'offereça:
E só pello ver conheça,
Que basta hum sò que tenha,
Para que outro lhe venha.

*Que graça ser à esperar des de mim propósitos em co
sas q os não tem pera comigo, pois ainda q queira não
posso o que quero; que hum sentido remontado de não
pôr pè em ramo verde, tudo lhe succede assi: E cada hu
acode ao que lhe mais doe: E mais eu, que o q mais me
entristece he contentamento ter, pois fujo delle, que n
nh' alma o aborrece, que lhe lembra que he virtude a
viuer sem elle. Por que ja sabeis que magoa he veloâs, e
não o paparâs. Por fugir destes inconuenientes.*

Toda a cousa descontente
Contentarme só conuinha
De meu gosto,
Que o mal de que sou doente,
Sua mais certa mezinha
He desgosto.









CAMONEANA

29

B. N. L.

